



**IPL**  
instituto politécnico  
de leiria

A EXPRESSÃO DRAMÁTICA NA  
PERTURBAÇÃO MENTAL

Dissertação de Mestrado

Joana Mafalda Maduro Gomes

Trabalho Realizado Sob a Orientação de:

Maria de São Pedro Santos Silva Lopes

Jenny Gil Sousa

Leiria, Julho de 2015

Mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo Motor

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



**IPL**  
instituto politécnico  
de leiria

# A EXPRESSÃO DRAMÁTICA NA PERTURBAÇÃO MENTAL

Dissertação de Mestrado

Joana Mafalda Maduro Gomes

Trabalho Realizado Sob a Orientação de:

Maria de São Pedro Santos Silva Lopes

Jenny Gil Sousa

Leiria, Julho de 2015

Mestrado de Educação Especial – Domínio Cognitivo Motor  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## Dedicatória

Para os meus grandes guerreiros que apesar das inúmeras dificuldades que têm de passar no seu dia-a-dia, conseguiram desabrochar uma magia infinita no seu imaginário que tornou real este sonho.

Para os meus anjos da guarda, que apesar de já não estarem presentes fisicamente continuam vivos no meu pensamento dando-me forças para lutar cada dia por esta causa.

# Agradecimentos

Agradeço aos meus pais e família por sempre terem acreditado nos meus sonhos, dando-me motivação para ser sempre mais e melhor em todos os aspetos da minha vida.

Aos que me são essenciais e que vão escrevendo capítulos magníficos na minha existência, tornando-a especial e completa.

Às minhas orientadoras e professores que sempre me foram mostrando a luz fundamental pelo caminho que levou à concretização deste trabalho.

À CERCILEI que me proporcionou todas as ferramentas essenciais que tornaram este projeto real.

Às minhas companheiras de jornada, que participaram comigo num trabalho de equipa essencial, de apoio, estabilidade e consistência, tornando este caminho mais confortável de percorrer.

A Oxalá, que por mais difícil que os desafios se tornem, me ilumina caminhos que permitem que continue a acreditar na realização das minhas metas e objetivos, sustentando a certeza de que nada acontece por acaso.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram na realização deste projeto, direta ou indiretamente, pois todos foram uma peça de um puzzle que agora está completo.

Aos que me fazem sonhar, crescer e querer saber sempre mais, desafiando a minha própria maneira de ser demonstrando-me sempre novas maneiras de ver e de viver.

A todos, muito obrigada!

## Resumo

Este relatório foi realizado no âmbito do Mestrado de Educação Especial - domínio cognitivo motor, como trabalho de conclusão para a obtenção do grau de mestre do mesmo.

A expressão dramática é defendida por diversos autores como uma estratégia fundamental no desenvolvimento do ser humano desde a sua infância.

Com a sua aplicação e através dela, competências sociais, pessoais e emocionais do ser humano podem ser trabalhadas no sentido de o tornar mais expressivo, adaptativo e sociável nas múltiplas variáveis do quotidiano. Tal trabalho assume uma maior dimensão quando desenvolvido com pessoas caracterizadas com algum tipo de perturbação mental.

O objetivo principal do presente estudo é compreender quais as competências que podem ser desenvolvidas em pessoas com perturbação mental com a expressão dramática.

Este projeto de investigação foi desenvolvido utilizando uma abordagem qualitativa, numa técnica de investigação-ação, uma vez que foi a estratégia que de uma forma mais completa permitiu um enquadramento dos objetivos propostos para a mesma. No decorrer do processo de recolha de toda a informação necessária para o efeito, optou-se pela observação direta, o registo fotográfico e os diários de bordo do investigador e dos participantes.

Para este estudo, foi implementado um conjunto de sessões com atividades relacionadas com expressão dramática que, com o decorrer do tempo, se transformaram num pequeno projeto de representação dramática.

No projeto participou um grupo frequentador da Cooperativa de Ensino e Reabilitação do Cidadão Inadaptado de Leiria (CERCILEI), em regime de Centro de Atividades Ocupacionais (CAO).

Os dados, depois de recolhidos e analisados, permitiram-nos constatar que a utilização da expressão dramática desenvolveu nos participantes a atenção e concentração, a orientação sequencial, a improvisação e criação dramática, assim como ao nível da participação e da capacidade reflexiva grupal e individual.

Verificou-se igualmente uma presença cada vez mais evidente da capacidade de desenvolvimento do relacionamento interpares, principalmente no trabalho em equipa aquando da criação de novos projetos comuns e interajuda entre os pares.

**Palavras-chave:** Projeto de Criação Dramática; Incapacidade Intelectual; Expressão Dramática; Inclusão.

# Abstract

This report was conducted under the Special Education Master - cognitive-motor domain, as a completion work for the degree of master of it.

Drama is advocated by several authors as a key strategy in the development of the human being since his childhood.

With its application and through it, social, personal and emotional skills of the human being can be worked in order to make him more expressive, adaptive and sociable in multiple daily variables. Such work takes on an added dimension when developed with people characterized with some kind of mental disorder.

The main objective of this study is to understand what skills can be developed in people with mental disorders with the implementation of dramatic expression.

This research project was developed using a qualitative approach, a research-action technique, since it was the strategy that more fully allowed a framework of the objectives set for it. During the collection of the necessary information to process this end, we opted for the direct observation, photographic register and researcher and participants' logbooks.

For this study, we implemented a set of session-related activities with dramatic expression, which, over time, became a small dramatic representation project.

In the project participated a group from Cooperativa de Ensino e Reabilitação do Cidadão Inadaptado de Leiria (CERCILEI), in na Occupational Activity Centre scheme (CAO).

The data, after collected and analyzed, allowed us to note that the use of drama developed in the participants attention and concentration, the sequential orientation, improvisation and dramatic creation, as well as the individual and group level of participation and reflective capacity.

There was also an increasingly evident presence of the capacity of developing peer relationships, primarily in team work during the creation of new joint projects and mutual aid among peers.

**Keywords:** Dramatic Design Project; Intellectual Disability, Dramatic Expression; Inclusion.

# Índice

Dedicatória.....	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Abstract .....	VII
Índice de Figuras.....	XI
Índice de Tabelas .....	XII
Abreviaturas .....	XIII
<i>Introdução</i> .....	1
<b>I Enquadramento Teórico</b> .....	<b>3</b>
<b>1.1 Diferença entre Expressão Dramática e Teatro</b> .....	<b>3</b>
<i>1.1.1 A Expressão Dramática e a Educação</i> .....	<i>6</i>
<i>1.1.2 A Expressão Dramática e seus Jogos</i> .....	<i>8</i>
<b>1.2 Drama Terapia na Perturbação Mental</b> .....	<b>10</b>
<i>1.2.1 A Perturbação Mental</i> .....	<i>13</i>
<b>II Estudo Empírico</b> .....	<b>21</b>
<b>2.1 Metodologia de Investigação</b> .....	<b>21</b>
<i>2.1.1 O Estudo Qualitativo</i> .....	<i>21</i>
<i>2.1.2 A Investigação – Ação</i> .....	<i>23</i>
<b>2.2 Contexto de Estudo</b> .....	<b>27</b>
<i>2.2.1 Contexto Pessoal</i> .....	<i>28</i>
<i>2.2.2 Contexto Institucional</i> .....	<i>28</i>
<i>2.2.3 Contexto Grupal</i> .....	<i>29</i>

<b>2.3</b>	<b><i>Descrição do Projeto</i></b> .....	<b>32</b>
<b>III</b>	<b>Apresentação e Análise dos Dados</b> .....	<b>41</b>
<b>3.1</b>	<b>Fase A</b> .....	<b>42</b>
<b>3.1.1</b>	<b><i>Análise dos Diários de Bordo da Investigadora (Anexo III)</i></b> .....	<b>42</b>
<b>3.1.2</b>	<b><i>Análise de Conteúdo dos Diários de Bordo dos Participantes (Anexo V)</i></b> .....	<b>46</b>
<b>3.2</b>	<b>Fase B</b> .....	<b>48</b>
<b>3.2.1</b>	<b><i>Análise dos Diários de Bordo da Investigadora (Anexo IV)</i></b> .....	<b>48</b>
	<b><i>Discussão de Dados</i></b> .....	<b>53</b>
	<b><i>Conclusão</i></b> .....	<b>57</b>
	<b>Bibliografia</b> .....	<b>59</b>
	<b>Anexos</b> .....	<b>1</b>

# Índice de Figuras

Figura 1 – Esquema do Processo Qualitativo _____	22
Figura 2 – Dimensões da Pesquisa-Ação de Acordo com Guerra (2009) _____	24
Figura 3 – Sala da Biblioteca _____	32
Figura 4 – Sala da Biblioteca _____	32
Figura 5 – Exercício de Relaxamento _____	33
Figura 6 – Desenho de A3 no seu DBP 4 _____	33
Figura 7 – DBP4 de A3 _____	35
Figura 8 – DBP7 de A1 _____	35
Figura 9 – Ensaio de “O Roubo no Supermercado” _____	36
Figura 10 – Ensaio de “O Roubo no Supermercado” _____	36
Figura 11 – Construção do Guião “O Roubo no Supermercado” _____	37
Figura 12 – Guião “O Roubo no Supermercado” _____	37
Figura 13 – Guião “Confusão na Peixaria” _____	38
Figura 14 – O grupo com a Sardinha _____	38
Figura 15 – Ensaio de “Confusão na Peixaria” _____	38
Figura 16 – Ensaio de “Confusão na Peixaria” _____	38
Figura 17 – Desenho de B1 no seu DBP6. _____	39

# Índice de Tabelas

Tabela 1 – Quadro Comparativo entre Teatro e Expressão Dramática _____	5
Tabela 2 – Percentagens de QI e a sua Classificação _____	18
Tabela 3 – Percentagens de QI e a sua Severidade _____	18

## **Abreviaturas**

**AAIDD** – Associação Americana de Incapacidade Intelectual e do Desenvolvimento.

**CAO** – Centro de Atividades Ocupacionais.

**CERCILEI** – Cooperativa de Ensino e Reabilitação do Cidadão Inadaptado de Leiria.

**DB** – Diário de Bordo.

**DBP** – Diário de Bordo do Participante.

**DSM-5** – Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais.

**QI** – Quociente de Inteligência.

**WISC** – Escala de Inteligência de Wechsler.

## ***Introdução***

Encontramo-nos inseridos numa sociedade que caracteriza sistematicamente a figura da pessoa com perturbação mental com desvalor, estigmatizando-a, e associada a múltiplas conotações negativas de incapacidade. Por outro lado, e em contraponto, existem autores (Cañas, 1992; Kutcher, 2011; Jonhson and O’Neill, 1991; Crimmens, 2006) que consideram que a Expressão Dramática pode desenvolver competências a múltiplos níveis, principalmente quando se trabalha com este tipo de público específico.

*“Aprender esta linguagem, usá-la desde a Educação Básica, não apenas como meio de expressão e comunicação individual ou técnica para aprendizagem de conteúdos de outras áreas, mas também como forma de desenvolver competências sociais, culturais e artísticas, terá, pela certa, influência no futuro.” Kowalski (2005:9).*

Um aspeto preponderante na escolha da temática desta investigação, que teve um peso considerável, foi o meu interesse pessoal na área do teatro, pois o facto de fazer teatro amador há alguns anos despertou em mim a necessidade de estudar e aprofundar este tema junto deste público com o qual trabalho atualmente. Nesta interação quotidiana, deparo-me frequentemente com questões às quais dificilmente encontro resposta.

Por este motivo, senti necessidade de desenvolver um projeto com a criação de um grupo de expressão dramática, onde iriam ser colocados em prática diversos tipos de jogos exploratórios e dramáticos, de forma a permitir um levantamento dos níveis de desenvolvimento do grupo em áreas como a atenção, a concentração, o trabalho em equipa e a criação artística.

O grupo em estudo frequenta a Cooperativa de Ensino e Reabilitação do Cidadão Inadaptado de Leiria (CERCILEI), na valência do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO), com idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos de idade, estando os mesmos diagnosticados com perturbações mentais leves ou moderadas.

Desta forma, o foco e a preocupação principal deste trabalho centram-se na tentativa de compreensão das quais as competências que podem ser desenvolvidas e quais os seus

benefícios aquando da intervenção com esta de área artística junto de uma população portadora deste tipo de perturbação. Por esta razão, foi selecionada e operacionalizada a seguinte pergunta de partida:

- Que competências podem ser desenvolvidas através da expressão dramática com pessoas com perturbação mental leve e moderada?

A intervenção encontra-se dividida em duas fases distintas. A primeira (A) com a introdução e experimentação de vários dos jogos de expressão dramática; a segunda (B) com a criação de um projeto teatral pelo grupo. Pretende-se com esta opção, abranger múltiplas áreas pessoais e sociais nos participantes.

De maneira a permitir uma investigação deste tema de forma mais completa, este trabalho foi dividido em três capítulos distintos: no primeiro, referente ao enquadramento teórico relativo ao tema, exploramos a opinião de diversos autores sobre as mais variadas temáticas como a expressão dramática, o jogo dramático, a utilização das mesmas na educação, a drama terapia, contextualizando por esta via o leitor relativamente à perturbação mental e sua definição.

De seguida, apresentamos o capítulo relativo ao estudo empírico, onde apresentamos distintas posições relativas ao estudo qualitativo (aplicado neste trabalho), mais precisamente à investigação-ação, tendo sido esta a estratégia utilizada na investigação aqui descrita, com a utilização de diversas ferramentas de recolha de dados, entre as quais encontramos a observação direta, a fotografia e os diários de bordo do investigador e dos participantes.

Na sequência, e após enquadramento do leitor relativamente aos contextos de estudo presentes em diferentes níveis, como pessoal, institucional e grupal, descrevemos o projeto na sua íntegra, fazendo referência aos seus objetivos, assim como à pergunta de partida definida para esta investigação.

Concluimos este trabalho realizando a apresentação e análise dos dados referentes a ambas as fases do projeto (A e B) relativos aos diários de bordo do investigador e dos participantes, assim como a discussão dos mesmos e posterior conclusão.

# I Enquadramento Teórico

## 1.1 Diferença entre Expressão Dramática e Teatro

*“Jugar a ser es experimentar y probarse en la acción, con la ayuda de otros como compañeros, y en situaciones imaginadas. Es recrear, es decir, inventar escenas de la vida cotidiana y vivir-las sabiendo que se trata de un juego; es entrar de lleno en el universo de las convenciones y los signos.”*

**Yvette Jenger**

*(Cañas 1992:49)*

O jogo dramático e o teatro são dois conceitos que apesar de distintos possuem uma base semelhante: dar vida a situações imaginadas ou recrear situações reais já vivenciadas. Pretende-se que ambos sejam instrumentos de descoberta das inúmeras capacidades individuais e grupais, e se tornem espaços de diálogo e de vivência de novas experiências que irão beneficiar todo o processo de aprendizagem do indivíduo (Cañas, 1992; Lopes, 1999).

Contudo, apesar desta semelhança, continuam a existir algumas características que distinguem ambas as definições de cada conceito.

Para Sousa (2003:77), *“O teatro, de um modo completo, envolve, pois, o representar, num espaço próprio, de uma peça teatral, sendo os diferentes papéis desempenhados por atores.”* Cañas (1992) completa referindo que o teatro prende-se mais especificamente ao ato de comunicar, assim como à capacidade de reproduzir situações que posteriormente serão ensaiadas com o propósito de criar um espetáculo artisticamente belo.

Desta forma, é criado um lugar onde os atores podem vivenciar diferentes experiências, manipulando múltiplos recursos teatrais com o principal objetivo de *“produzir*

*espetáculos que, de alguma forma, consigam reunir aquelas qualidades requeridas no teatro: afetividade, estética e a arte.*” (Cañas, 1992:51).

Por outro lado, Lopes (2007) defende que a ação do drama não se baseia apenas no ato representativo (resultado final), principalmente pelo fato da sua base de criação estar assente na terapia e animação, potenciando um trabalho intrínseco relacionado com os conflitos do ser humano.

A expressão dramática nasce assim como uma atividade onde é possível a expressão livre de múltiplos sentimentos, a libertação da imaginação e criatividade, e onde simultaneamente é propício o desenvolvimento do:

*“raciocínio prático, desempenhar no faz-de-conta os mais diversos papéis sociais e usar o seu corpo nas mais diferentes qualidades de movimento [...] que, ao mesmo tempo, proporciona o mais amplo estímulo no desenvolvimento dos fatores afectivos, cognitivos, sociais e motores da personalidade...”* (Cañas, 1992:31-32)

Para clarificar melhor ambos os conceitos, o mesmo autor apresenta um quadro comparativo:

<b>Quadro Comparativo</b>	
<b>Jogo Dramático</b>	<b>Teatro – Espetáculo</b>
1 - Projeto Oral;	1- Projeto Escrito;
2- Possível transição para projeto oral;	2- Poucas ou nenhuma possibilidade de alteração do projeto escrito inicial;
3- Importa o processo de jogo;	3- Importa o resultado final;
4- Pode-se jogar em qualquer espaço amplo;	4- Normalmente realiza-se num lugar com um palco;
5- Realização de um projeto que produz uma motivação geral no grupo;	5- Realização de um espetáculo o mais afetivo, estético e artístico possível;
6- Os atores são crianças, orientadas por um adulto, em situação de jogo coletivo;	6- Os atores são, de forma geral, adultos em situação de trabalho. No teatro escolar, os atores serão crianças;
7- Os atores e espetadores podem trocar de papéis;	7- As funções dos atores e dos espetadores são fixas;
8- Os atores jogam para conhecerem e conhecerem-se;	8- Os atores representam.
9- As crianças atuam-jogam pelo puro prazer de jogar e para comunicarem entre si;	9- Os atores atuam para agradar a um público geralmente passivo;
10- Os papéis são eleitos pelos jogadores;	10- Os papéis são aceites a partir de uma proposta do encenador ou do professor;
11 – O professor faz com que a ação avance e se desenrole de acordo com as suas intervenções, suprimindo as dificuldades e permitindo sempre a criatividade do grupo;	11- O encenador – professor da obra planeia todo o desenvolvimento da mesma;
12- No jogo dramático, o tema pode terminar a qualquer momento, sem que esse fim esteja estabelecido;	12- A obra deve desenvolver-se de acordo com todas as fases previstas pelo encenador.
13 – A encenação e o vestuário são improvisados pelas próprias crianças;	13- A encenação é definida pelo encenador, assim como o vestuário;
14- O jogo dramático é essencialmente expressão;	14- O teatro é fundamentalmente uma representação;
15- Desenvolve-se uma improvisação pois as ações são imprevisas;	15- O texto é memorizado e as ações marcadas e dirigidas pelo encenador;
16- No jogo dramático também são recreadas situações com o desejo de conhecer novas coisas;	16- O teatro-espetáculo entende-se como uma representação de situações imaginadas pelo autor;
17- O jogo dramático é essencialmente um jogo.	17- O teatro-espetáculo é essencialmente um trabalho.

Tabela 1 – Quadro comparativo entre Teatro e Expressão Dramática

(adaptado de Cañas, 1992: 53)

Podemos então constatar que ambos os conceitos são bastante distintos entre si, apresentando diferentes formas de trabalhar o teatro, com objetivos e processos diferenciados.

Para Ferreira (2010) tanto o teatro como o jogo dramático possuem uma capacidade de envolver intensamente os participantes, criando um ambiente que transportará os jogadores para um tempo e um espaço distinto do seu dia-a-dia.

Por outro lado, Cañas (1992) também defende que a expressão dramática poderá evoluir de forma progressiva até ao teatro com a construção de um espetáculo, sendo que todo o grupo terá que fazer parte de todo o processo.

Desta forma, Vygotsky (2009:90) refere que:

*“... as obras compostas pelas próprias crianças, ou por elas improvisadas no decorrer da criação, se aproximam mais da compreensão infantil. [...] Não devemos esquecer que a lei fundamental da arte criadora infantil deve ser a de que o seu valor não reside no resultado, no produto da obra criadora, mas no próprio processo. [...] e só então a representação teatral alcançará toda a sua importância, todo o seu vigor em benefício da criança.”*

### **1.1.1 A Expressão Dramática e a Educação**

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa<sup>1</sup>, educação pode ser definida como *“Um conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito.”*

Quando nos referimos à educação de pessoas com perturbações mentais, a exigência cresce para um nível bastante elevado, necessitando por parte do técnico diversas competências essenciais ao nível da resistência mental (paciência), do suporte emocional (para si e para terceiros) e da persistência (repetições). As evoluções neste

---

<sup>1</sup> Informação retirada de <http://www.priberam.pt/dlpo/educa%C3%A7%C3%A3o>, dia 14 de Junho de 2015.

ramo já possibilitaram o nascimento de diversas terapias de apoio a este tipo de público, como a terapia ocupacional, a terapia da fala, entre outras, sendo que o processo educacional baseia-se na formação em aptidões básicas essenciais para a vida, embora raramente estes cidadãos possam ser totalmente autónomos (Kutscher, 2011).

Sousa (2003) acredita que a expressão dramática é uma estratégia importante e valiosa na educação, principalmente devido à sua versatilidade. O seu campo de ação é extremamente amplo, trabalhando todos os aspetos marcantes do desenvolvimento da criança em múltiplos níveis (biológico, psicológico, motor e social), assumindo uma enorme diversidade de formas que podem ser adaptadas de acordo com os objetivos, características do público-alvo e meios presentes em cada “sessão”.

Santos, Simões e Leal (2008) completam ainda referindo que é pela educação artística ao nível da expressão pessoal que o indivíduo tem oportunidade de exteriorizar os seus múltiplos sentimentos e opiniões, possibilitando criar e recriar conhecimentos valorativos sobre si mesmo e sobre os que o rodeiam.

Esta arte permite ainda aos seus participantes aplicar os seus próprios pontos de vista em relação ao mundo e aos seus pares, explorando os seus próprios níveis de avaliação e exercitando as suas estratégias individuais na expressão das suas ideias, num constante trabalho de equipa onde a tolerância é a base entre todas as personalidades, opiniões, pontos de vista, informações e ritmos de trabalho distintos existentes no grupo (Johnson and O’Neill, 1991).

Alberto Sousa considera ainda o ato de criar como fator importante, visto que estimula as aptidões criativas dos participantes, assim como corresponde à necessidade do indivíduo se exprimir. Desta forma, o autor considera como “*objetivo principal a expressão criativa dramática*” (Sousa, 2003:33).

Mais ao nível educativo escolar, a expressão dramática distingue-se ainda pela sua praticabilidade. Diversas investigações científicas na área da educação demonstram que ao nível da aprendizagem dos alunos, estes aprendem com maior facilidade quando se experiênciam as sensações irreais das teorias que se pretendem transmitir, pelo que este

método de aprendizagem tem sido bastante explorado por diversos técnicos educativos hoje em dia (Sousa, 2003).

### ***1.1.2 A Expressão Dramática e seus Jogos***

O jogo é a base do teatro. O ser humano, ao identificar-se com novos papéis, novas personagens em diferentes situações representadas em diferentes contextos assume o papel principal no jogo da simulação, onde adquire um novo conhecimento sobre si mesmo, sobre a sua natureza, sobre os seus conflitos e sobre os que o rodeiam. No jogo do teatro, a vida é recreada sob a linguagem dramática em ação. Por outro lado, a expressão dramática mantém uma relação inata com o jogo simbólico, assim como uma ligação criativa e pedagógica relacionada com o jogo dramático *“por utilizar como jogos as atividades de expressão que usam o teatro como método de desenvolvimento pessoal.”* (Tejerina, 1994:27).

De acordo com Sousa (2003), o significado da palavra expressão (*“expressione”*) baseia-se na manifestação de algo, estando estreitamente relacionada com um ambiente emotivo da expressão de emoções como a dor ou a alegria. Já a palavra drama, de acordo com o dicionário Priberam da Língua Portuguesa<sup>2</sup>, deriva do grego *“dráma”* e representa atos, ação e tragédia, podendo ser também considerado um acontecimento comovente ou uma cena pungente. A palavra drama também se encontra estreitamente relacionada com o mundo literário, aquando da designação de um estilo próprio da escrita teatral onde são abordados temas e acontecimentos dramáticos, com a intenção de provocar nos leitores e/ou espetadores diversas emoções (Sousa, 2003).

A este propósito, Mota (1985) explica que:

*“Falar de expressão dramática (ou jogo dramático ou drama criativo) é falar do eu e do eu a partir para os outros...A nossa função é ir descobrindo e transformando. A expressão dramática é um retirar de máscaras, é estabelecer*

---

<sup>2</sup> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa - <http://www.priberam.pt/DLPO/drama> - 26 de Novembro de 2014.

*o equilíbrio entre o mundo exterior e o mundo interior do homem, ou seja, é harmonizar a vida social e a essência do homem...A expressão dramática é a única saída, a nível fisiológico, que permite aos jovens exercerem-se, falarem das suas angústias, frustrações, recalcamientos, desejos. E não só através do corpo, da voz ou de improvisações. Os exercícios servem para se encontrarem a eles próprios.” (Mota, 1985 citado por Sousa, 2003:20)*

Por outro lado, Tejerina (1994:27) defende que:

*“O jogo, atividade exploratória, aberta e dinâmica, que proporciona novas combinações e propicia a iniciativa e criatividade da criança é o componente fundamental da expressão dramática infantil, da atividade destinada a ensaiar outras possibilidades de ser e de atuar.”*

Desta forma, o ser humano assume o papel de jogador, onde será ator e espectador à medida que a dramatização se for desenvolvendo, trocando de papéis entre o grupo (Cañas, 1992).

Cañas (1992) define ainda o jogo dramático como sendo um projeto oral que possui um caráter dramático, baseando-se num tema previamente definido e que originará essencialmente momentos de improvisação por parte do grupo de participantes. Desta forma, a imaginação torna-se essencial pois transforma a realidade dos indivíduos participantes em distintas dimensões ao nível espacial e corporal.

Estes jogos dramáticos poderão assumir um caráter meramente lúdico e/ou um caráter pedagógico-didático, assumindo assim um papel alternativo e libertador ao mesmo tempo que possui uma componente formativa e integrativa, desenvolvendo no ser humano aptidões criativas, sociais, de companheirismo e de imaginação, onde a dedicação, a entrega e o desejo de experimentar novas ações se irão transformar na base para uma plena expressão (*et videm*).

Por outro lado, Vygotsky (2009) defende que o teatro está bastante ligado aos jogos, onde podemos encontrar a base da criação e imaginação, englobando assim diversas formas de arte em múltiplos elementos presentes na sua execução, tornando o teatro infantil como fonte de inspiração na criação da arte na vida do ser humano.

## **1.2 Drama Terapia na Perturbação Mental**

*“Não há atividades dramáticas sem o trabalho ao nível das emoções, dos afetos, da comunicação, da confiança, da expressividade corporal, da observação, da relação, da criatividade, da imaginação e da capacidade de jogar a partir da interpretação da alegria e da tristeza enraizada (...).”*

*Marcelino da Sousa Lopes (2007:77)*

A arte sempre esteve presente na vida do homem como uma linguagem de expressão e comunicação, mas principalmente como método terapêutico em diferentes áreas, auxiliando o ser humano no relacionamento com os seus conflitos mais íntimos (Ferreira, 2010; Lopes, 2007).

De acordo com diversos autores, a arte atua como um fenómeno positivo que transporta alegria e estabilidade para aqueles que a praticam, facilitando um equilíbrio entre o mundo interno do indivíduo e a realidade que o envolve, promovendo assim a saúde mental de cada um (Bilbao, 2004; Read, 1997 citados em Ferreira, 2010).

Lopes (2007) acrescenta ainda que através de uma boa coordenação e equilíbrio entre a arte, a terapia e a animação, o campo de aplicação destas vertentes poderá ampliar-se e abranger tanto o diagnóstico de desordens mentais como o tratamento de doenças traumáticas.

Entre todas as formas de arte que podem funcionar como terapia encontramos o drama terapia. De acordo com a Associação Norte Americana do Drama Terapia<sup>3</sup>, esta área terapêutica:

*“...é uma forma ativa e experimental para facilitar a mudança no ser humano. Através da interpretação de papéis e histórias, improvisadas ou planeadas, os participantes são convidados a ensaiar comportamentos, experimentar relações, a trabalharem a flexibilidade entre papéis do quotidiano e a realizarem as mudanças que eles querem em si mesmos e na maneira que observam o mundo.”*

---

<sup>3</sup>Informação retirada de <http://www.nadta.org/> no dia 1 de Janeiro de 2015.

A Associação Britânica de Drama Terapeutas<sup>4</sup> completa ainda referindo que:

*“...drama terapia é uma forma de terapia psicológica onde todas as artes representativas são utilizadas para a criação de uma relação terapêutica [...] que trabalhe ao nível psicológico, emocional e social. Todas estas experiências permitem assim ao participante explorar distintas situações penosas e traumáticas da sua vida de forma indireta.”*

Esta terapia pode ser utilizada em distintos contextos como em ambiente escolar, na saúde mental e prisões (por exemplo) (*et videm*).

Valente (2012:210) completa ainda referindo que:

*“...a um determinado nível toda a arte é terapêutica, a grande diferença entre a dramaterapia está em que na expressão dramática o aspecto terapêutico pode ser apenas accidental, enquanto na dramaterapia é planeado. Na dramaterapia com propósitos mais clínicos, a primeira fase do processo passa pela identificação dum determinado problema ou problemas e a partir daí estabelecem-se os objectivos terapêuticos a atingir num determinado período de tempo.”*

Para além de criar uma mudança na vida dos que o praticam, o drama terapia constrói também *“confiança, aumenta a autoestima, o relaxamento e o sentido de responsabilidade, sendo que trabalha a diferentes níveis como o físico, emocional, imaginativo e social”* (Crimmens, 2006:9).

Torna-se importante referir que, para que esta terapia tenha sucesso, é essencial que o drama terapeuta crie e mantenha uma relação especial com os seus participantes, baseada numa confiança mútua, sendo que é a consciência do objetivo da atividade entre ambos que distingue intensamente drama de drama terapia (Langley, 2006).

---

<sup>4</sup> Informação retirada de <http://badth.org.uk/dtherapy> no dia 1 de Janeiro de 2015.

O mesmo autor refere ainda que as principais ferramentas no drama terapia são a intencionalidade e a direccionalidade entre os diferentes usos do saber dramático com o principal objetivo de criar uma mudança construtiva no ser humano e *“ajudar no confronto e relacionamento com problemas psicológicos ou na clarificação de emoções e comportamentos.”* (Langley, 2006:1).

Kempe (2011) completa referindo que está presente na sociedade a ideia de que o drama é utilizado na população com necessidades educativas especiais apenas para ajudar este público a ultrapassar as suas dificuldades individuais, ideia que o autor considera não ser a mais correta, citando posteriormente Irwin (1979) onde este defende que todo e qualquer trabalho dramático que esteja bem concretizado e acompanhado poderá tornar-se terapêutico, principalmente por proporcionar nos indivíduos um trabalho que lhes dará um maior sentido de competência na sua atividade, melhorando posteriormente a sua auto estima.

Johnson e O’Neill (1991) acreditam que para se trabalhar a expressão dramática com um grupo que apresente perturbação mental, a atividade deve ter em conta vários pontos importantes para o seu sucesso: Para além do fato de o animador ter de tornar a atividade o mais real possível para os participantes, tornando o jogo na mais pura realidade (sem explorar o abstrato), todas as personagens e ações devem estar bem definidas, levando o grupo a tomar decisões, através das suas informações, escolhas e sabedoria e a colocá-las em prática. O animador deve simultaneamente desenvolver as ideias devagar, deixando lugar para a experiência, expressões de resposta, ajustes de atitude e desenvolvimento do sentido de localização no desenvolvimento da atividade.

O simples fato de a expressão dramática se desenvolver como atividade de grupo torna-se bastante benéfico para este tipo de público. São múltiplos os casos de exclusão por parte dos pares em inúmeras situações sociais e escolares, pelo que o sentido de pertença a um grupo e de identificação interpares poderá transformar-se num grande benefício para os seus participantes (Kempe, 2011).

Desta forma, podemos concluir que, de acordo com Ferreira (2010:16), a arte terapia assume-se como *“um processo expressivo, um caminho que, por meio da arte, poderá transformar o homem ao ampliar suas potencialidades criativas.”*

### ***1.2.1 A Perturbação Mental***

Durante a evolução do ser humano, mais especificamente desde 1800, múltiplos foram os autores que tentaram encontrar uma única definição que se enquadrasse em todas as características da perturbação mental. Este trajeto encontrou diversos conceitos distintos tanto positiva como negativamente, tendo dado origem a múltiplas questões, tanto a nível educacional, social e terapêutico, impulsionando o rápido aparecimento de experiências e terapias que marcaram a história deste conceito (Morato, 1995).

Atualmente, e desde o período de pós-guerra, assistimos ao desenvolvimento de atitude perante a perturbação mental e os seus portadores. Da evolução científica e do crescimento de movimentos humanitários em prol deste público, emergiram direitos como grupo desfavorecido socialmente, potenciando a criação de diversas associações de apoio baseadas na igualdade de direitos (*et videm*).

Também o desenvolvimento das investigações realizadas na área das perturbações mentais permitiu que os conceitos e palavras para definir este tipo de incapacidade fossem sofrendo algumas evoluções. Mais comumente conhecida na sociedade por deficiência ou atraso mental, este conceito foi sendo substituído pelo termo perturbação mental que atualmente começam a ser utilizados pela comunidade médica, educativa, social e geral (DSM-5, 2014).

Em 1944, Weschler defendia na sua obra “ The Measurement of Adult Intelligence” que a deficiência mental era definida não apenas por uma pessoa com problemas congénitos ou com um desenvolvimento intelectual imperfeito que impossibilita a sua organização autónoma das suas necessidades com os cuidados necessários, mas também como alguém que não atinge certos níveis em testes de QI determinando em números a inteligência dos indivíduos.

Já pelo ano de 1983, a Associação Americana de Deficiência Mental definiu atraso mental tendo como características funções intelectuais gerais com valores inferiores a média e um comportamento adaptativo com grandes défices, sendo que se manifesta durante o período de desenvolvimento do ser humano (Grossman, 1983).

O Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-5), define a perturbação mental como:

*“(...)uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa da cognição, da regulação da emoção, ou do comportamento do sujeito que reflete uma disfunção dos processos psicológicos, biológicos ou do desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. As perturbações mentais estão geralmente associadas com significativo mal-estar ou défice social, ocupacional, ou noutras atividades importantes (...)” (DSM-5, 2014:22)*

Por outro lado, Kutscher (2011) defende que perturbação mental é o nome utilizado para caracterizar um ser humano quando a maioria dos seus índices individuais se encontram bastante abaixo dos valores ditos “normais” comparado com os seus pares, sendo que estes índices poderão sofrer alterações dependendo de indivíduo para indivíduo. Estas perturbações apresentam-se em grande escala nas funções intelectuais, podendo estar associadas a outros tipos de perturbações motoras, por exemplo.

Relativamente ao diagnóstico, a DSM-5 (2014) defende que esta deve ser realizada em prol do auxílio na determinação de prognósticos, tratamentos e resultados que irão ajudar os seus pacientes, embora o diagnóstico possa não ser determinante da necessidade de tratamento.

Algumas das perturbações apresentadas pela DSM-5 (2014), e as que mais se enquadram no contexto deste trabalho, são denominadas de perturbações do neurodesenvolvimento, sendo as que tendem a ter o seu início logo desde o princípio do desenvolvimento do indivíduo. Estas perturbações, são geralmente caracterizadas por *“défices no desenvolvimento que condicionam dificuldades no funcionamento a nível pessoal, social, académico e ocupacional”*. (DSM-5, 2014:35) O seu alcance varia entre diversas áreas como problemas na aprendizagem, autodomínio de funções executivas e atrasos gerais de inteligência e/ou aptidões sociais, podendo surgir diversas perturbações em simultâneo.

A perturbação do desenvolvimento intelectual/incapacidade intelectual, insere-se nas perturbações neurodesenvolvimentais, e é *“caracterizada por défices nas capacidades*

*mentais gerais, como o raciocínio, a resolução de problemas, o planeamento, o pensamento abstrato, o discernimento, a aprendizagem académica e a aprendizagem pela experiência.” (DSM-5, 2014:35) Estas incapacidades impossibilitam o indivíduo de criar uma vida social e pessoal independente em diversos aspetos, sendo a sua taxa de prevalência cerca de 1% da população geral, variando consoante o grau de severidade, estando o nível grave presente em sensivelmente 6 entre 1000 indivíduos (DSM-5, 2014:35-43).*

A Associação Americana de Incapacidade Intelectual e do Desenvolvimento<sup>5</sup> (AAIDD) define incapacidade intelectual como uma inaptidão caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo. Esta afeta diversas capacidades sociais e práticas do dia-a-dia e têm que se manifestar invariavelmente antes dos 18 anos de idade.

Por outro lado, Grossman (1983) acredita que a população com perturbações mentais pode ser dividida em dois grupos distintos (embora ambos se relacionem):

*“Um grupo, aproximadamente 25 por cento de toda a população, são os chamados tipos clínicos. Os indivíduos deste grupo demonstram geralmente alguma patologia no sistema nervoso central, normalmente apresentam um QI a um nível moderado/baixo, apresentam incapacidades associadas ou estigmas e comumente são diagnosticados à nascença ou na primeira infância. Os indivíduos do segundo grupo representam a maioria da população com atraso mental dos Estados Unidos, assim como noutros locais do mundo, aparentam estar neurologicamente intactos, não apresentam sinais físicos detetáveis ou evidências clínicas de atraso, as suas funções encontram-se num nível ligeiramente baixo da inteligência e encontram-se fortemente concentrados nos mais baixos segmentos sócio-económicos da sociedade. Geralmente o seu atraso é identificado já durante a escolaridade” (Adaptado de Grossman, 1983:12-13).*

---

<sup>5</sup> Informação retirada de <http://aidd.org/intellectual-disability/definition#.VOJNfmsWaQ> dia 16 de Fevereiro de 2015.

No que diz respeito ao diagnóstico deste tipo de perturbações, ainda não foram encontradas ferramentas que pudessem uniformizar por completo todas as características dos indivíduos diagnosticados de forma incontroversa. Diversos autores apresentam múltiplas escalas e testes de diagnóstico, tentando determinar um equilíbrio entre *“medidas não sociais (QI) e medidas sociais (comportamento adaptativo).”* (Morato, 1995:14).

A DSM-5 (2014) apresenta-nos três critérios de diagnóstico de forma a facilitar a identificação de cada tipo de perturbação, embora não sejam critérios considerados identificativos de um grupo totalmente homogêneo de indivíduos. Estes critérios geralmente dividem-se simultaneamente em graus de severidade, características descritivas e estado de evolução. Comumente, os sintomas poderão surgir em excesso e/ou défice, podendo também apresentar atrasos no alcance das metas espectáveis.

Para que seja diagnosticado incapacidade intelectual a um indivíduo, este terá que cumprir três critérios definidos na DSM-5 (2014:38):

- A. *“Défices em funções intelectuais como raciocínio, resolução de problemas, planeamento, pensamento abstrato, discernimento, aprendizagem académica e aprendizagem pela experiência, confirmados tanto por avaliação clínica como por testes de inteligência individualizados e estandardizados.*
- B. *Défices no funcionamento adaptativo que resultam na falha em atingir padrões de desenvolvimento e socioculturais de independência pessoal e responsabilidade pessoal. Sem suporte contínuo, os défices adaptativos limitam o funcionamento numa ou mais atividades da vida diária, como comunicação, participação social e subsistência independente, em múltiplos ambientes como casa, escola, trabalho e comunidade.*
- C. *Início dos défices intelectuais e adaptativos durante o período de desenvolvimento.”*

De uma forma mais específica, os indivíduos que se enquadrem no critério número 1 apresentam múltiplas dificuldades, principalmente ao nível da compreensão verbal, memória laboral, pensamento preceptivo, quantitativo, abstrato e até mesmo na eficácia cognitiva (DSM-5, 2014).

Ao nível do critério número 2, este refere-se basicamente à capacidade do indivíduo de exercer um bom nível de autonomia pessoal e de responsabilidade na sua comunidade, em comparação com sujeitos com a mesma idade cronológica. Este desempenho adaptativo ocorre em três dimensões do raciocínio adaptativo: conceptual (relacionado com a memorização, idioma, leitura, redação, matemática, etc.), social (ligado à compreensão dos pensamentos, emoções comunicação e amizade) e prático (que envolve a autoaprendizagem, higiene pessoal, questões laborais, monetárias, etc). O número 2 considera-se cumprido quando esteja explícita a necessidade de apoio constante em pelo menos um dos domínios (referidos anteriormente), no desempenho adequado em alguma função ou contexto específico (DSM-5, 2014).

Por fim, o critério 3 dá referência ao fato da necessidade de esta incapacidade ter início prematuramente durante o princípio do desenvolvimento do indivíduo, mais precisamente durante a infância e adolescência (DSM-5, 2014).

Por outro lado, Kutscher (2011) defende que a forma mais comum para se realizar o diagnóstico de um caso de atraso mental passa pela quantificação do quociente de inteligência (QI), com a simples equação de que o QI é igual à divisão da idade intelectual pela idade cronológica, pelo que este valor será posteriormente apresentado em forma de percentagem. De entre os testes possíveis de realizar para determinar o QI, destaca-se a Escala de Inteligência de Wechsler (WISC), sendo uma das suas versões mais recentes (III) constituída por 16 subtestes distintos, de forma a obter informações em quatro áreas (verbal, perceptual, memória e rapidez de processamento), possuindo regras específicas aquando na presença de indivíduos com diagnóstico de défice de atenção, autismo, entre outros.

Após a averiguação dos resultados, o valor final será comparado com uma tabela orientadora utilizada a nível mundial, onde estão identificados os diferentes níveis de QI e o seu significado. Entre diversas tabelas existentes criadas por diferentes autores, podemos encontrar a tabela de Terman (Wechsler, 1944) :

Porcentagem de QI	Classificação
Menos de 70	Perturbação Mental Definitiva
70-80	Deficiência Incerta
80-90	Embotamento
90-110	Inteligência Normal
110-120	Inteligência Superior
120-140	Inteligência Muito Superior
140 e acima	Gênio ou Quase Gênio

Tabela 2 – Percentagens de QI e sua Classificação  
(adaptado de Weschler, 1944:37)

Relativamente aos diferentes níveis de severidade, diversos autores defendem métodos distintos de ser calculado.

Grossman apresenta-nos uma tabela de orientação que se declarou determinante para toda a comunidade da área das perturbações mentais (Grossman,1983):

Termo	Nível de QI
Atraso Mental Leve	50-55 até 70
Atraso Mental Moderado	35-40 até 50-55
Atraso Mental Severo	20-25 até 35-40
Atraso Mental Profundo	Menor de 20 ou 25
Não Especificado	

Tabela 3 – Percentagens de QI e sua Severidade  
(Adaptado de Grossman,1983: 13)

De acordo com a DSM-5 (2014), os diferentes níveis de gravidade associados à incapacidade intelectual de um indivíduo devem ser definidos utilizando testes baseados no funcionamento adaptativo do mesmo, pois será este valor que irá definir também o nível de apoio necessário. Assim sendo, iremos abordar algumas das características mais evidentes ao nível ligeiro e moderado.

Relativamente à incapacidade intelectual ligeira, as características dos cidadãos portadores em idade adulta variam entre a dificuldade relativas ao *“pensamento abstrato, funções executivas [...] e memória de curto prazo, bem como o uso funcional das suas capacidades académicas”* ao nível do domínio conceptual, ao nível social estão relacionadas com *“a comunicação, conversação e linguagem [...] o discernimento social”*, sendo estas imaturamente desadequadas para a sua idade, e por fim, ao nível do domínio prático, *“os indivíduos necessitam de algum suporte nas tarefas complexas da vida diária [...] para tomar decisões de saúde e legais, bem como para aprender a desempenhar uma vocação qualificada competentemente.”* (DSM-5, 2014:39).

Em seguida, no nível moderado, os sinais mais evidentes no domínio conceptual em pessoas adultas baseiam-se *“no suporte para todo o uso de capacidades académicas no trabalho e na vida pessoal. É necessária assistência contínua de frequência diária para completar tarefas conceptuais do dia-a-dia...”*, ao nível social *“a linguagem falada [...] é muito menos complexa do que a dos pares, o discernimento social e as capacidades de decisão são limitadas”*, sendo que *“é necessário suporte social e comunicativo significativo no contexto laboral para que haja sucesso.”* Por último, no domínio prático existe um *“período mais extenso de instrução”* para que o individuo se torne autónomo em diversas áreas (higiene, habitação), pelo que o *“comportamento desadaptativo está presente numa minoria significativa e causa problemas sociais.”* (DSM-5, 2014:40).

No mesmo documento são descritos os níveis grave e profundo que, por não se aplicarem a este estudo, não serão explorados.

Podemos então observar nas tabelas apresentadas anteriormente, que são múltiplos os fatores que definem os graus de severidade no momento do diagnóstico de incapacidade intelectual num individuo, mais concretamente a nível ligeiro e moderado, assim como constatamos que estes variam de domínio para domínio, afetando múltiplas áreas do desenvolvimento humano.



## II Estudo Empírico

### 2.1 Metodologia de Investigação

#### 2.1.1 O Estudo Qualitativo

A metodologia qualitativa de investigação é considerada uma das grandes ferramentas na área da investigação educativa (Bogdan e Biklen, 1994). Este tipo de metodologia difere do método quantitativo uma vez que, enquanto o método qualitativo, procura o desenvolvimento e a expansão de uma determinada informação, geralmente centrando o estudo em si mesmo, e o método quantitativo pretende principalmente quantificá-lo, medindo as suas variáveis de forma precisa, partindo geralmente de estudos anteriores (Sampieri, Collado e Lucio, 2013). Face ao exposto, a metodologia qualitativa assume-se como sendo a mais adequada ao estudo que aqui se apresenta nesta investigação.

Para Coutinho (2013:28), a perspetiva qualitativa pode ser dividida em dois níveis:

*“A nível conceptual, o objeto de estudo na investigação não são os comportamentos, mas as intenções e situações, ou seja, trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas acções individuais e nas interações sociais a partir a perspetiva dos atores intervenientes no processo. A nível metodológico a investigação de índole qualitativa baseia-se no método indutivo (...)”*

Na perspetiva de Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta algumas características principais, (embora possam sempre existir casos em que uma ou mais características não se aplicam). Para além do facto de referirem que geralmente os dados são recolhidos num ambiente natural onde o contato entre o investigador e o objeto de estudo é realizado de forma direta, referem também os autores que se trata de um método descritivo, onde a recolha de dados é feita de forma narrativa, com descrições e citações do que foi observado, podendo ser complementadas com algumas imagens ilustrativas, bem como com outros instrumentos como as entrevistas, notas de campo, vídeos e outros documentos. Os autores explicam ainda que a análise dos dados dá-se de

forma indutiva e que o processo ganha aqui um lugar de destaque, tornando-se mais importante do que o resultado final.

Para os autores Sampieri, Collado e Lucio (2013:33-34) “*é possível desenvolver hipóteses antes, durante e depois da coleta e análise de dados ...*”, completando ainda que “*a ação indagativa se move de maneira dinâmica em ambos os sentidos: entre os fatos e a sua interpretação, e é um processo mais “circular” no qual a sequência nem sempre é a mesma, ela varia de acordo com cada estudo específico.*”

Desta forma, podemos entender o processo qualitativo através de um esquema representativo apresentado pelos mesmos autores:

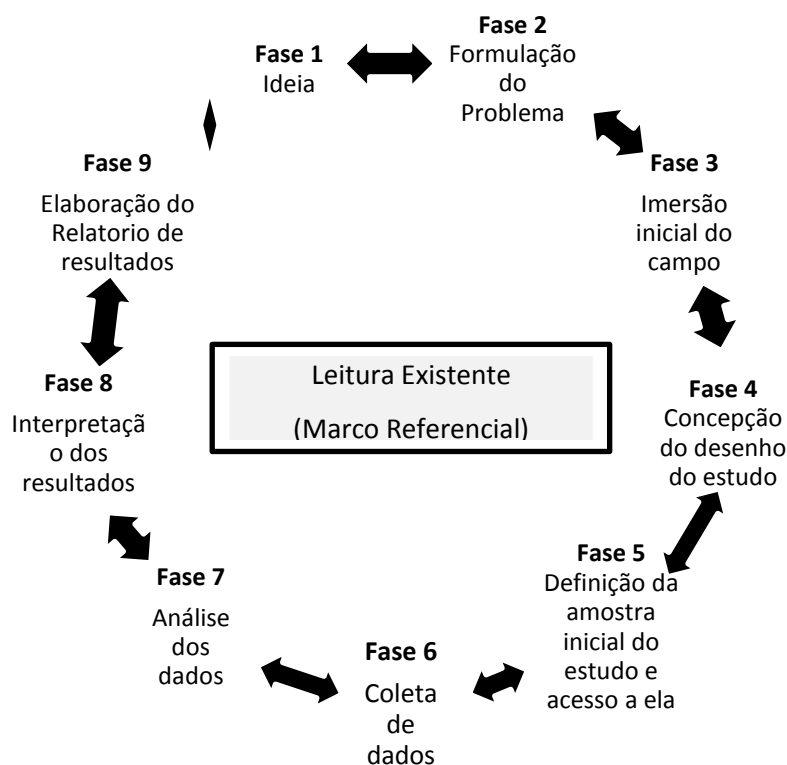


Figura 1 – Esquema do Processo Qualitativo  
Adaptado de Sampieri, Collado e Lucio (2013:33-34)

Após conhecer algumas das características de um estudo qualitativo, torna-se importante mencionar algumas das ferramentas de recolha de dados existentes neste método, pelo que, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), cada investigador acaba por

utilizar as ferramentas de recolha de dados que se torna mais conveniente para a sua investigação.

Sampieri, Collado e Lucio (2013:38) completam ainda referindo que *“o objetivo da coleta de dados é proporcionar um entendimento maior sobre os significados e as experiências das pessoas. O pesquisador é o instrumento de coleta de dados, que se apoia em diversas técnicas desenvolvidas sobre o estudo”*.

Desta forma, para recolher o mais variado número de informações e dados possíveis, o investigador apoia-se em diversos instrumentos distintos como as notas de campo (ou diários de bordo), entrevistas, fotografias, vídeos e até mesmo textos escritos pelo público com que está a trabalhar na investigação (Bogdan e Biklen,1994).

Podemos concluir que:

*“Os investigadores que optam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. [...] A abordagem adoptada e os métodos de recolha de informação selecionados dependerão da natureza do estudo e do tipo de informação que se pretenda obter” (Bell, 1997:20).*

### **2.1.2 A Investigação – Ação**

É precisamente nas metodologias qualitativas que se baseiam grande parte das dinâmicas de ação, *“na medida em que o centro da atenção pretende identificar a lógica de actuação de actores, individuais e colectivos, as suas imagens mútuas, os seus conflitos e meios de acção”* (Guerra, 2002:49).

Decorria o ano de 1940 quando Kurt Lewin tornou-se pioneiro na utilização da investigação-ação, onde conjugou a teoria e a prática num só método de pesquisa comportamental. Este psicólogo acreditava que não deveria de ser realizada uma pesquisa sem uma avaliação prévia, nem uma avaliação sem uma posterior reestruturação, sendo que neste tipo de método os participantes (que serão afetados por essa mesma mudança) estão profundamente envolvidos em todas as suas fases do processo (Sommer & Amick, 2003).

O pensamento de Lewin pode ser esquematizado através uma síntese intitulada de “triângulo lewiniano”, interagindo com três conceitos principais: a ação (para atingir uma mudança social), a investigação (na busca de novas dinâmicas) e a formação (no processo de conhecimento-ação), que interagem com o contexto e o tempo (Guerra, 2002:56-57):

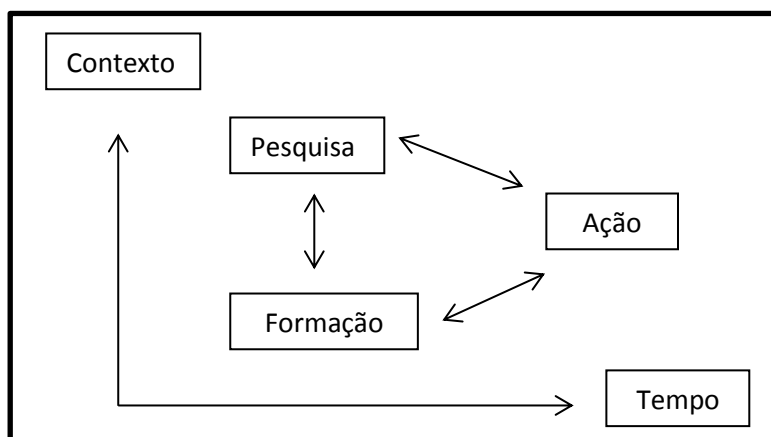


Figura 2 – Dimensões de Pesquisa-Ação de acordo com Guerra (2002)

Apesar de haver uma indefinição histórica do conceito de investigação-ação, possuindo uma dimensão problemática e crítica devido “ (...) à sua postura perante o conhecimento e a ação (...) ”, estas metodologias “ (...) permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes. ” (Guerra, 2002: 52-53).

Assim, o objetivo principal da investigação-ação, segundo Elliot (1991), está relacionado com o fato de esta pretender melhorar práticas ao invés de criar conhecimentos. Esse objetivo pode ser observado com o resultado das práticas, mas também no desenvolvimento das qualidades que a envolvem. Desta forma, Elliot define investigação-ação como o estudo de uma situação social que se pretende melhorar na

sua prática, desenvolvendo competências que irão facilitar os indivíduos a ter discernimento prático em múltiplas ocasiões, agindo com mais inteligência.

Nesta linha de argumento, Guerra (2002:53) defende que existem determinadas características típicas do processo de investigação-ação, tais como o fato de ser *“um processo continuado e não pontual, influenciando todo o percurso de investigação”*, que tem por base uma situação real e concreta e cujo *“objetivo não é fundamentalmente o aumento do conhecimento sobre a realidade, mas a resolução de problemas e, assim, interessa mais o processo de mudança social exigido pela investigação-acção do que o resultado desta”*, transformando desta forma o investigador num orientador e coordenador dos sujeitos implicados na investigação.

Em suma, e tal como explica Bell (1997), a investigação-ação necessita de um planeamento sistemático orientado de acordo com os métodos escolhidos para a recolha de dados para alcançar a informação desejada.

Neste estudo foi utilizada o método investigação-ação por se considerar que seria a metodologia mais adequada aos objetivos do projeto e ao público-alvo estudado, de forma a aliar à investigação, uma ação de mudança benéfica para o grupo, onde o investigador se encontra integrado no mesmo, aprofundando, assim, o nível da sua investigação.

### ***2.1.3 Instrumentos de Recolha de Dados***

Devido ao fato de uma investigação poder abranger uma variedade múltipla de acontecimentos, torna-se necessário selecionar diferentes instrumentos de recolha de dados que vão ao encontro das variáveis que se irão estudar, tendo em consideração:

*“ os objetivos de estudo, o nível de conhecimentos que o investigador possui sobre as variáveis, a possibilidade de obter medidas apropriadas às definições conceptuais, a fidelidade e a validade dos instrumentos de medida, assim como, a eventual concepção pelo investigador dos seus próprios instrumentos de medida.” (Fortin, Grenier e Nadeau, 2003:239)*

Neste trabalho de investigação, os instrumentos usados para a recolha de dados foram selecionados tendo em conta o que foi referido anteriormente por Fortin, Grenier e Nadeau. Um dos métodos principais utilizados em toda a investigação foi a observação direta das sessões.

A observação direta, de acordo com Quivy (2008:164), *“é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados.”*

Assim, Fortin, Grenier e Nadeau, (2003:241) acreditam que:

*“a observação directa visa descrever os componentes de uma dada situação social (pessoas, lugares, acontecimentos, etc.) a fim de extrair tipologias desta, ou ainda permitir identificar o sentido da situação social por meio da observação participante.”*

Depois da realização das diversas observações, é característico que o investigador realize um registo escrito do que foi observado, exteriorizando acontecimentos, exercícios, diálogos, opiniões e ideias. A estes registos dão-se o nome de notas de campo e foi uma ferramenta também utilizada frequentemente nesta investigação (Bogdan e Biklen, 1994).

O mesmo autor refere ainda que:

*“as notas de campo podem originar em cada estudo um diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados.”*  
(Bogdan e Biklen, 1994:150-151)

De forma a completar a recolha de dados neste estudo, também foram elaboradas fotografias que se transformaram numa fonte de múltiplos dados descritivos, assim como vídeos das atividades com o grupo, o que facilitou a descrição dos detalhes aquando da transcrição para o registo diário, apoiando simultaneamente o grupo na sua

reflexão e no aperfeiçoamento do seu desempenho (Esteves, 2008; Bogdan e Biklen, 1994).

Por fim, os diários de bordo dos participantes foram realizados com o principal objetivo de entender os pensamentos e opiniões dos que participaram nas intervenções (Bogdan e Biklen, 1994).

## **2.2 Contexto de Estudo**

No passado mês de Setembro de 2014, nas instalações sede da Cooperativa de Ensino e Reabilitação do Cidadão Inadaptado de Leiria (CERCILEI) onde executo funções como auxiliar de atividades ocupacionais, constatei que diversos clientes possuíam múltiplas dificuldades ao nível da criatividade, imaginação, atenção e concentração, trabalho em equipa, entre outras aptidões diversas.

Considerei então que, em concordância com Tejerina (1994), a expressão dramática seria uma ferramenta essencial no desenvolvimento das competências em défice observado no grupo, especialmente devido à sua vertente pedagógica e criativa entre o jogo simbólico e a atividade dramática.

Desta forma, com a dinamização de múltiplos jogos e representações dramáticas, o grupo poderia ser estimulado a desenvolver e exercitar o seu corpo e mente a múltiplos níveis (afetivo, cognitivo, social, pessoal), tornando-os capazes de criar uma consciência de si e do outro que o rodeia, principalmente quando nos referimos ao trabalho de equipa necessário neste tipo de intervenção, onde se torna necessário lidar com múltiplas personalidades, ritmos de trabalho, ideias e opiniões distintas (Johnson and O'Neill, 1991; Santos, Simões e Leal, 2008; Sousa, 2003).

Depois de observar o grupo, as suas características e contexto, defini a seguinte pergunta de partida:

- Que competências podem ser desenvolvidas através da expressão dramática com pessoas com perturbação mental leve e moderada?

Pretendo assim compreender os diversos benefícios que a expressão dramática poderá desenvolver no cidadão portador deste tipo de perturbação mental. Para tal, defini três objetivos de investigação que pudessem orientar a minha pesquisa de uma forma mais concreta.

- Implementar jogos e exercícios de expressão dramática, como estratégia do desenvolvimento pessoal e social;
- Implementar atividades de criação dramática em grupo, como estratégia para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e criativo;
- Estimular o exercício da cidadania desenvolvendo competências reflexivas e de trabalho em equipa.

### ***2.2.1 Contexto Pessoal***

O teatro e a expressão dramática já fazem parte da minha vida há muitos anos, preenchendo a minha vida de múltiplas experiências distintas com estímulos tão variados que, de alguma forma, contribuíram para o desenvolvimento do meu ser.

Atualmente integro um grupo de teatro amador, onde participo em projetos que me proporcionam múltiplas experiências a diversos níveis que creio serem benéficas e terapêuticas.

A ideia de trabalhar esta área com este tipo de grupo já era antiga, pelo que com a criação e desenvolvimento desta investigação pude realizar não apenas um objetivo próprio, como concretizar e criar múltiplas histórias e fantasias que se encontravam aprisionadas no infinito cognitivo dos atores deste projeto.

### ***2.2.2 Contexto Institucional***

Fundada a 16 de Junho de 1976, a Cooperativa de Ensino e Reabilitação do Cidadão Inadaptado de Leiria (CERCILEI) surgiu da necessidade de respostas relativamente à educação e reabilitação de cidadãos de todas as idades portadores de perturbação mental.

Desta forma, esta cooperativa sem fins lucrativos conta já com 39 anos de serviço para a comunidade, apoiando atualmente cerca de uma centena de jovens dos 16 até aos 60 anos de idade, baseando-se em três grandes áreas de intervenção: Ensino e Reabilitação, social e formação e emprego (Dados fornecidos pela instituição).

Pelo ano de 1988, foi criado o Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) em Leiria de forma a ser possível dar uma continuidade ao trabalho desenvolvido pela valência educacional, onde são integrados os jovens a partir dos 16 anos, a nível ocupacional e laboral, totalizando atualmente cerca de 90 jovens.

Baseada na visão de ser uma instituição de referência nos concelhos de Leiria, Porto de Mós e Batalha relativamente à inclusão do cidadão portador de deficiência, a CERCILEI têm como missão a promoção da educação, reabilitação e inclusão socioprofissional do indivíduo com deficiência, potenciando o exercício da cidadania pelos seus valores de confidencialidade, rigor, privacidade, integridade, solidariedade e responsabilidade.

Com a certificação atual da norma Equass (European Quality in Social Services), a CERCILEI continua no bom caminho relativamente à prestação de serviços de apoio com qualidade, providenciando respostas necessárias na comunidade e reconhecida em toda a região como uma instituição de referência na área da perturbação mental.

### ***2.2.3 Contexto Grupal***

O grupo é caracterizado por sete clientes com idades compreendidas entre os 20 e os 50 anos de idade, três do sexo feminino e quatro do sexo masculino.

A sua caracterização tem por base os relatórios psicológicos, tendo sempre em conta o compromisso de confidencialidade e privacidade com que me comprometi com a instituição em causa. Desta forma, utilizarei letras em substituição do seu nome próprio de maneira a podermos distingui-los com maior facilidade.

**A1** – Com um diagnóstico de perturbação mental ligeira, A1 também é portadora da síndrome de metabólica, de diabetes de tipo II e de défice visual. É autónoma a diversos níveis, sabendo os cuidados que tem de ter com a alimentação, embora necessite de

supervisão para que cumpra as regras rigorosamente. É uma pessoa muito comunicativa, utilizando corretamente a linguagem para se exprimir oralmente e por escrito, com um discurso adequado, sabendo executar ordens e relatar experiências vividas. Por vezes, tem comportamentos bastante infantis, sendo exaustiva e lidando mal com a frustração. É participativa, tem iniciativa e boas capacidades, apresentando facilidade na aprendizagem de novas tarefas e atividades, embora desmotive com rapidez.

**A2** – Portadora de uma perturbação mental ligeira, A2 possui uma autonomia básica ao nível da higiene e alimentação, assim como ao nível do vestuário, necessitando apenas de alguma orientação. É capaz de ler mas possui algumas dificuldades na interpretação do que lê, assim como na escrita que realiza sem grande dificuldade, embora com uma caligrafia quase indecifrável. Necessita de grande estímulo e motivação para a realização das atividades que não são do seu interesse. Adora conversar e de se relacionar com adultos, embora frequentemente as suas conversas não sigam uma sequência lógica, e são realizadas num tom muito alto, sem noção dos limites. Normalmente bem-disposta, A2 não lida bem com a frustração de ser contrariada, assumindo depois atitudes de birra e choro.

**A3**- Com um nível de autonomia básico aos diferentes níveis, A3 é uma rapariga com um diagnóstico de perturbação mental de grau moderado, sendo que necessita de apoio e orientação em diversas tarefas domésticas, assim como a nível da higiene e alimentação. Possui uma boa orientação em espaços familiares mas não se consegue orientar sozinha fora desse ambiente. Sabe ler, escrever e possui uma rotina diária bem definida onde se sabe orientar sem problema. Gosta de participar nas diversas atividades, tentando sempre agradar o adulto que a apoia, embora necessite de reforço constante durante as mesmas, assim como por vezes de orientações e explicações simplificadas para que consiga executar corretamente o exercício/atividade. Possui uma boa relação com os colegas, embora fale apenas quando é solicitada, comportando-se habitualmente de forma calma e tranquila.

**B1** – Portador de uma perturbação mental de grau moderado e de síndrome de X-Frágil, B1 desenvolveu um nível de autonomia básico na sua mobilidade, alimentação, higiene e vestuário, pelo que necessita de um adulto para a confeção de refeições completas e restante orientação doméstica. Embora não saiba ler nem escrever, B1 entende ordens

complexas e utiliza a linguagem corretamente, embora considere que se sente pouco a vontade para se exprimir a diversos níveis. Consegue estabelecer uma relação adequada com técnicos e colegas, embora seja um pouco agressivo com pessoas com quem não sente tanta “ligação”.

**B2** – Com um quadro de perturbação mental ligeira, B2 é um rapaz bem-disposto e esforçado, embora um pouco imaturo e “desorientado”, tendo dificuldade em entender e executar orientações normais e complexas. A sua autonomia ao nível da alimentação, vestuário e higiene são básicas, e não sabe ler nem escrever, conseguindo apenas assinar o nome. É muito prestável, gosta de ajudar, de ouvir música e de realizar sopa de letras.

**B3** – Com uma perturbação mental ligeira, a sua autonomia é básica ao nível da mobilidade, alimentação e higiene, necessitando de apoio e orientações para diferentes atividades de higiene como fazer a barba. É muito comunicativo, utilizando corretamente a linguagem oral e escrita, com frases completas e acatando pedidos complexos com facilidade. Apresenta alguns comportamentos desadequados como balancear o corpo, risos sem motivos e exagerados e comportamentos obsessivos, sendo perfeccionista no que faz, lidando negativamente com mudanças de rotina. Quando entra em situação de conflito, normalmente sai da sala a praguejar, mas sem agressividade. Gosta muito de futebol, de recortar revistas e jornais e de ver televisão, sendo habitualmente difícil envolvê-lo em atividades de sala que fujam ao seu interesse. Adora varrer e ouvir música.

**B4** – Portador de um grau de perturbação mental moderado, é um jovem que possui diversas dificuldades em distintas áreas cognitivas, embora seja autónomo nas suas necessidades básicas como a sua higiene e alimentação (com necessidade de supervisão). Não sabe ler nem escrever para além do seu nome e apresenta diversas perturbações a nível da linguagem, maioritariamente ao nível da articulação das palavras e na construção de frases, o que origina bastantes dificuldades ao nível da expressão e da comunicação interpares. Ao nível dos relacionamentos interpessoais apresenta um comportamento desadequado, falando muito alto e muito próximo da cara do interlocutor. Frequentemente agarra as pessoas de forma extremamente excessiva, apresentando alterações de humor constantes e agindo com agressividade quando as

suas vontades não são atendidas. Cede com muita facilidade a provocações de alguns colegas e depois demora bastante tempo para se acalmar.

### **2.3 Descrição do Projeto**

Este projeto consistiu numa experiência de envolvimento dos participantes descritos anteriormente em diversas atividades dramáticas. O grupo era constituído por sete elementos, sendo que um dos elementos apenas integrou o grupo no final como reforço.

Foram planeadas e realizadas 14 sessões, uma sessão por cada quarta-feira, durante 4 meses (Outubro, Novembro, Janeiro e Fevereiro). Cada sessão teve a duração de duas horas e decorreram todas no espaço onde é atualmente a biblioteca da instituição, um espaço que possibilita alguma movimentação espacial e cénica. Está equipado com uma mesa de trabalho e diversas cadeiras (entre outros equipamentos) que podem ser deslocados de acordo com as necessidades de cada sessão.



Figura 3: Sala da Biblioteca



Figura 4: Sala da Biblioteca

Cada sessão foi dividida em 3 fases distintas: a primeira com a prática de um, ou mais, jogos introdutórios, a segunda relacionada com o jogo dramático e a última fase referente à avaliação da sessão por parte do grupo. Em todas elas realizei uma introdução inicial de forma a contextualizá-los relativamente aos jogos que iriam realizar, as suas regras e objetivos.

Começámos, então, por alguns jogos simples relacionados com o espaço, principalmente porque tinha a intenção de os deixar mais à vontade, não só relativamente à execução de jogos com regras específicas que eles teriam que cumprir, mas também para os descontraír como grupo, permitindo que todos participassem dando sugestões sobre o próximo exercício/ação a executar. Os exercícios de relaxamento também tiveram bastante sucesso, principalmente porque, na opinião deles, sentiram calma e conseguiram esquecer o que se passava “lá fora”.



Figura 5 – Exercício de Relaxamento

Fui constatando que os exercícios que exigiam mais abstração, atenção e concentração por parte dos participantes eram onde os mesmos tinham mais dificuldade, demorando um certo tempo até conseguirem realmente atingir o objetivo principal do jogo. Em outros momentos, senti mesmo necessidade de adaptar os jogos, simplificando-os ao máximo, para que o grupo conseguisse acompanhar e concluir o jogo com sucesso.

Gradualmente fui associando alguns pontos-chave dos jogos introdutórios aos jogos dramáticos, criando uma ligação entre ambos (mantendo um objeto ou personagem comum por exemplo) e tornando a sessão mais lógica e acessível ao

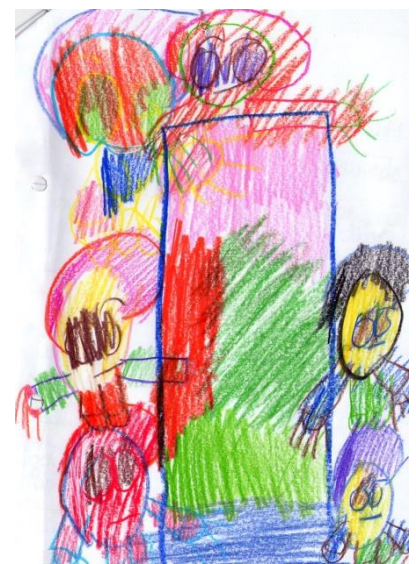


Figura 6 – Desenho de A3 no seu DBP 4

grupo. Também o nível de exigência dos mesmos ia sendo adaptado de acordo com o desempenho das sessões anteriores, reforçando exercícios onde o grupo apresentava mais dificuldades e estimulando a outros níveis competências que demonstravam estar já enraizadas nos mesmos. Desta forma, tentei criar um caminho adequado e ajustado às necessidades que o grupo ia demonstrando, direcionando a intervenção para todo o seu processo sequencial, desvalorizando o resultado final/estético.

À medida que ia percebendo que o grupo estava a evoluir, decidi integrar exercícios de improvisação. Inicialmente orientados por mim relativamente às personagens, local e ações que teriam de representar mas que, com a sua evolução, fui deixando ao critério da sua criatividade e imaginação grande parte do processo, dando apenas a palavra-chave inicial. Neste momento, dividíamos a sala em dois espaços distintos: o palco (espaço de representação), onde os colegas iriam improvisar, e a plateia onde os restantes elementos estavam sentados a assistir a realização do exercício.

Com a continuação das intervenções, os seus desempenhos foram-se tornando mais naturais, fluidos e espontâneos, demonstrando grande capacidade de improvisação nas mais variadas situações, trazendo para as aulas atividades diárias pessoais (como o manejo do dinheiro, uma ida ao café) protagonizando diálogos que sempre trouxeram uma grande animação e alegria para as nossas sessões, onde todos foram de alguma maneira trabalhando em equipa, ajudando-se mutuamente em múltiplas situações, principalmente quando um dos elementos apresentava dificuldades.

No final de cada sessão, surgiu a necessidade de saber a opinião deles sobre o que tinha acontecido naquele dia, como se tinham sentido, quais as suas dificuldades e o que tinham gostado mais, pelo que, desta forma, os momentos de reflexão foram um elemento chave para determinar o ritmo de trabalho. Os que sabiam escrever davam a sua opinião por escrito, aos restantes realizava e gravava a sua opinião oralmente.



em grupo criar algo que fosse potenciador do desenvolvimento das suas capacidades pessoais e sociais.

Após uma breve pausa e antes de iniciar com este projeto reuni o grupo e pedi-lhes a opinião. Perguntei-lhes diretamente se estariam interessados em participar ou se simplesmente queriam continuar com os jogos a que estavam habituados. Prontamente me disseram que sim, que seria bastante interessante e iniciámos esta experiência. Desta forma, tendo sempre o meu apoio e orientação, definiram em grupo o local da sua primeira história, entre sugestões definiram que seria num supermercado (novamente referência às suas vivências diárias comuns). De seguida, selecionaram as personagens e o enredo da história e rapidamente tínhamos uma história escrita em papel. Muito sucintamente a história “Roubo no Supermercado” está relacionada com uma senhora que rouba algo de um supermercado e ao passar na caixa o seu crime é descoberto e como consequência vai presa.

Na mesma sessão quiseram realizar a primeira experiência de colocar em ação o que tinham criado e fiz a sugestão de começarmos inicialmente com apenas três personagens, e de seguida, ir inserindo gradualmente as restantes. Correu bastante bem, e como ainda não havia personagens definidas para cada ator, o grupo foi-se revezando entre as personagens disponíveis naquele dia e foram observando quais as que deram um resultado mais positivo e naturalmente foram-se distribuindo as personagens pelos atores. Certamente que houve alguns ajustes até ao final das sessões, mas foram necessidades sentidas pelos próprios atores.



Figura 9: Ensaio de  
“O Roubo no Supermercado”



Figura 10: Ensaio de  
“O Roubo no Supermercado”

Sugeri que fizéssemos um guião ilustrativo para que fosse mais fácil todos acompanharem as fases da ação e entrar em prática no momento certo de cada personagem. Todos participaram na construção do mesmo, o que também serviu para consolidar a sequência de ações nas suas memórias.



Figura 11: Construção do Guião  
“O Roubo no Supermercado”



Figura 12: Guião  
“O Roubo no Supermercado”

Com o sucesso da primeira experiência de criação teatral entre o grupo, sugeri que realizássemos uma segunda história que seguisse a mesma linha da primeira. Assim nasceu a “Confusão na Peixaria”, onde dois clientes tentam levar o mesmo peixe e, havendo só um, acabam ambos por ir embora sem nada. É interessante constatar em ambas as criações o sentido de justiça dos criadores face aos acontecimentos com que se deparam. À semelhança da história anterior, também foi criado um guião em grupo e a partir dessa sessão, as restantes intervenções foram direcionadas para o ensaio e encenação das criações, tendo utilizado a gravação em vídeo para que todo o grupo pudesse obter uma perspetiva mais realista sobre o seu desempenho e assim, poderem constatar com mais facilidade qualquer necessidade de ajuste necessária.



Figura 13: Guião “Confusão na Peixaria”



Figura 14: O grupo com a Sardinha

Durante as sessões, muitas foram as situações de desmotivação, teimosia, falta de auto confiança, recusa em realizar algum tipo de exercício, principalmente quando era necessário representar papéis que são socialmente condenados (como ladrão). Também existiram momentos em que um ou mais elementos do grupo entravam em desavença, dentro ou fora das sessões, pelo que sempre tentei trabalhar o teatro como ferramenta na resolução desses problemas, e de todas as vezes teve bom resultado.

À medida que as criações evoluíam, foram sendo inseridos acessórios, pormenores e mais tarde propus que no final fizéssemos uma apresentação das nossas criações aos colegas das outras salas para que eles pudessem ver o que fazíamos nas aulas de expressão dramática. Como método motivador funcionou bastante bem e foi visível um aumento da necessidade do grupo em ensaiar diversas vezes até ao nível da sua atenção e concentração.



Figura 15: Ensaio de “Confusão na Peixaria”



Figura 16: Ensaio de “Confusão na Peixaria”

Os desafios foram constantes até à derradeira apresentação, principalmente com a ausência de dois dos nossos elementos durante um longo período de tempo (três sessões), o que fez com que tivéssemos de adicionar um novo elemento ao grupo e integrá-lo em toda a dinâmica num curto espaço de tempo. No final correu tudo bem e a apresentação foi um sucesso. Coloquei-os à vontade na sua atuação para que tivessem descontraídos e se recordassem do que tínhamos ensaiado durante estes tempos. A prestação deles acabou por ser ainda melhor do que durante os ensaios e o público demonstrou ter apreciado bastante.

Reunimo-nos no final e todo o grupo demonstrou estar bastante feliz com a sua prestação, abraçando-se e sorrindo.



Figura 17 – Desenho B1 no seu DBP 6



### III Apresentação e Análise dos Dados

Neste capítulo de apresentação e análise dos dados debruçar-nos-emos sobre a análise dos dados recolhidos durante as sessões através dos diários de bordo do investigador e dos participantes.

Para melhor organização, este processo foi dividido em duas fases distintas: Fase A – Jogos de Improvisação Dramática e Fase B – Projeto de Criação Dramática. A Fase A teve a duração de sete sessões (DB1 até DB7) e a fase B mais sete intervenções (DB8 até DB14), perfazendo um total de 14 sessões.

Começámos pela análise de dados dos diários de bordo da investigadora (DB), seguindo-se a análise dos diários de bordo dos participantes (DBP) da fase A. Na fase B, continuamos com a análise dos diários da investigadora referente ao Projeto de Criação Dramática. Nesta fase não houve oportunidade de realizar os diários de bordo dos participantes.

As categorias que emergiram dos diários de bordo da investigadora foram a: **Improvisação, Atenção e Concentração, Criação Dramática, Capacidade Reflexiva, Participação, Emoções/Afetos, Orientação Sequencial, Trabalho de Equipa** e a **Representação de Situações do Quotidiano**.

Para ambas as fases, estas categorias apresentam-se organizadas por ordem crescente relativamente à frequência de entradas, sendo que estas por sua vez se encontram dispostas por ordem cronológica, desde o diário de bordo número um (DB1) até ao diário de bordo número catorze (DB14). Todos os diários de bordo estão localizados no Anexo II. Desta forma, podemos constatar as evoluções próprias de cada fase, tornando o processo de análise mais simples.

## 3.1 Fase A

### 3.1.1 Análise dos Diários de Bordo da Investigadora (Anexo III)

Na sequência da análise à categoria referente à capacidade de **Improvisação** verificamos que foi a categoria que obteve um maior número de evidências dos diários de bordo referentes a esta fase de análise. Podemos então constatar que desde o início foi visível uma predisposição dos participantes para a improvisação de novas situações, introduzindo nas mesmas comportamentos adequados às situações que estavam a representar, tal como podemos verificar na seguinte evidência: *“Foi tão engraçado! A conversa deles foi bastante simpática, simples e intuitiva, e para melhorar as coisas o B3 fez um sotaque muito engraçado e a A1 foi mesmo buscar o cartão multibanco à sua carteira para pagar. Ambos tiveram muito bem. Mais uma salva de palmas...”* (DB3) Apesar de ter sido verificado um pequeno retrocesso por parte do B1 e do B2 mais precisamente na sessão número quatro, *“...o B2 e o B1 (...) não representaram os colegas de forma nenhuma... ele bloqueava e não conseguia representar a maneira dele falar, nem de ser...”* (DB4), observamos que esse mesmo bloqueio foi ultrapassado e todos foram evoluindo progressivamente, aumentando a complexidade e criatividade das suas atuações, assim como demonstram as seguintes evidências: *“...notei uma evolução do seu desempenho desde as últimas sessões, estando mais criativo nas respostas, embora desorientando-se momentaneamente.”* (B2 – DB5); *“Todos estiveram muito bem, esforçando-se para se comportar de acordo com a sua personagem.”* (DB6); *“...pedi ao B2 que o fizesse. Ele esteve muito bem, disse que era como se estivesse na discoteca..”* (DB7). Podemos também constatar que com a evolução das sessões, alguns participantes foram aumentando a sua atitude de iniciativa, pedindo para entrar na improvisação dos colegas para complementar a mesma: *“Foi interessante porque mesmo antes de termos pago os bilhetes, já o NB estava atrás das cadeiras a fingir que rodava uma daquelas máquinas antigas que passavam os filmes!!”* (B3-DB7).

A categoria da **Atenção e Concentração** surge em seguimento na tabela de análise, pelo que pode ser observada de uma forma geral uma evolução gradual deste tópico: *“...um ou dois participantes se perdessem um pouco no que era pedido...”* (DB1); *“...eles conseguiram estar atentos uns aos outros para que o jogo não parasse.”* (DB3); *“...os restantes colegas*

*realizavam facilmente o exercício, com algum nível de atenção e concentração” (DB5), embora seja também visível um pequeno retrocesso [“...hoje pareceram-me todos desorientados, desatentos...” (DB4)], é também aparente uma recuperação posterior na evidência final “Este foi um jogo que necessitava de bastante capacidade de atenção e concentração e acredito que resultou bastante bem, apesar de no início terem andado um pouco desorientados...” (DB6). De uma maneira mais concreta, observamos a existência de referências constantes alusivas à participante A2, revelando os seus baixos níveis de Atenção e Concentração frequentes, embora seja possível verificar uma diminuição gradual das mesmas com o avanço das sessões: “...a A2 que por estar desatenta jogava constantemente...” (DB2); “Pouco tempo depois, a A2 fez mais uma interrupção no jogo, o que distraiu todo o grupo(...)eles mantiveram-se calmos e a prestar atenção ao colega e aos seus movimentos basicamente desde o início.” (DB4); “... a A2 foi fazendo as suas intervenções descabidas do costume...” (DB6).*

De seguida, verificamos que relativamente à **Criação Dramática** é visível uma evolução do ato de criar, envolvendo de forma gradual maiores níveis de criatividade e de imaginação por parte de todo o grupo. Podemos observar que inicialmente as criações possuíam referências mais simples, com ideias e criações mais rotineiras e de índole familiar, como por exemplo “A A1 começou a divagar sobre os seus filhos que se davam mal...” (DB2); “As improvisações continuaram, entre venda de peixe e pintura de unhas...” (DB3), que foram evoluindo para criações mais espontâneas e criativas: “De repente, ficamos sem gasolina e o B2 teve a ideia de colocarmos água na gasolina porque ele achava que assim o motor andava. No fim de contas o carro começou a tremer, explodiu e tivemos de fugir.” (DB7); “...o B1 esteve muito bem e bastante criativo nas suas respostas, revelando uma maior liberdade criativa e teatral do que nas sessões anteriores.” (DB6).

Relativamente à **Capacidade Reflexiva** alusiva às sessões, constatamos que os participantes conseguiram desde o início do projeto exprimir com sucesso as suas opiniões, ideias e conclusões, referindo as características dos seus pensamentos sobre os exercícios que realizaram e quais os seus sentimentos relativamente aos mesmos, evidências verificadas por exemplo em citações como “Em geral referiram que se divertiram bastante e que trabalharam o corpo e a mente, realizando o exercício físico durante o jogo e atenção e concentração. (...) A A2 foi mais além e disse que fizemos a “estimulação da expressão

*corporal, trabalhando os movimentos”. O mais importante foi quando disseram que lhes melhorava a qualidade de vida e que queriam continuar a realizar estes jogos.” (DB2); “Em geral todos gostaram, referiram que foi bom e a A1 referiu ainda que era importante estes jogos porque ajuda a desenvolver a mentalidade dos colegas e a dela, assim como trabalhamos o corpo, concluindo que “se fosse assim sempre é que era bom”. “ (DB1).*

Observamos de seguida que, relativamente à categoria da **Participação**, os nossos participantes apresentaram inicialmente uma atitude bastante recetiva ao projeto e foram participando de forma gradual ao longo das sessões, tal como pode ser verificado em: “...todos concordaram com o planeamento do projeto e gostaram da ideia de fazer teatro...” (DB1); “...a sua ansia de participar era tanta que não se conseguia conter.” (DB4); “...a B2 me perguntar todos os dias desde o início da semana se haveria teatro hoje...” (DB6); “A A2 disse “Jogar a bola”, a A1 sugeriu “Dançar”, o B3 disse “Ter um carro” (...) o B2 disse “Música” (...) várias sugestões difíceis ...” (DB7). Por outro lado, também é visível alguma relutância por parte de alguns participantes na execução de alguns jogos, “...ela se encontrava com alguma resistência à mudança e à experimentação ...” (A1 – DB5); “Por achar que ela estava bastante motivada...” (A2 – DB5), apesar dessa mesma resistência ter acabado por se dissipar nas seguintes sessões.

Ao nível da categoria das **Emoções / Afetos**, verificamos a presença constante de sentimentos positivos ao longo das sessões. À medida que os exercícios foram sendo realizados, atitudes de entusiasmo e de felicidade foram sendo habituais, traduzindo as sessões em múltiplos sorrisos e palmas, emoções que podem ser observadas nas seguintes transcrições: “...Em geral todos gostaram.” (DB1); “Muitas palmas, muitos sorrisos ...” (DB2); “...o divertimento foi total.” (DB4); “...estavam todos felizes e sabia que estavam a apreciar o momento com muita alegria.” (DB7). Por outro lado, sentimentos como o medo, a timidez e a tristeza também foram visíveis pontualmente, pelo que foram sobrepostos ao longo das sessões por emoções mais positivas: “...A timidez reinava (...) parecia que tinham medo...” (DB2); “Ele parecia-me triste, esteve maioritariamente calado durante toda a sessão...” (B2 – DB6).

A **Orientação Sequencial** foi outra das categorias analisadas neste projeto, pelo que pudemos constatar que são frequentes as evidências referentes à falta de orientação dos participantes relativamente à sequência dos jogos que realizavam, desorientando-se diversas vezes no

decorrer do mesmo, como pode ser constatado nas citações: “...era difícil eles conseguirem ouvir as instruções que lhes dava e andar ao mesmo tempo...” (DB1); “...com algumas dificuldades em trabalhar em roda com um lugar abstrato.” (DB2); “...no início nem sequer conseguiam fazer uma roda com as cadeiras.” (DB4). Observamos também que à medida que os jogos foram avançando, os participantes conseguiram recuperar e atingir o propósito de cada atividade, pelo que também foi verificado um aumento no sentido de orientação no contínuo da realização das sessões: “Explicava de novo o que tinham de fazer e lá se decidiam (...) Até ao final conseguiram ir-se orientando e realizar os objetivos do jogo com algum sucesso.” (DB2); “Como o jogo foi fluído, com firmeza e segurança da parte deles durou apenas 13 minutos...” (DB3); “Pedi então que formassem uma plateia e deixassem o palco livre, e fizeram-no sem esforço, o que me deixou feliz, pois pareciam grandes artistas e sabiam qual o lugar a ocupar.” (DB5); “...apesar de no início terem andado um pouco desorientados (...) a A3 e o B2 foram os que tiveram dificuldade neste jogo (...) e também na sua capacidade de estímulo-ação...” (DB6).

É possível também constatar na análise de dados que, relativamente ao **Trabalho de Equipa**, os participantes foram criando uma relação mais próxima com a evolução das sessões, transpondo essa ligação para o nível de interajuda mútua, onde o entendimento e a vontade de ajudar o próximo esteve presente quase desde o início do projeto. Tal pode ser observado em citações como “...ajudou a desenvolver as suas atitudes entre eles.” (DB2); “Considerarei bastante importante esta iniciativa de interajuda por parte da A1, principalmente por respeitar as dificuldades da colega e por ter continuado a arranjar estratégias que facilitassem a participação da mesma...” (DB6); “...embora os colegas o tenham ajudado bastante na caracterização (...) Ele repetia o que os colegas diziam e até se saiu bem” (DB6). Houve apenas uma sessão onde a A1 se demonstrou mais relutante em trabalhar com os colegas embora tenha sido algo que tenha reconsiderado mais tarde, adotando uma atitude proactiva de apoio aos colegas nas sessões seguintes: “Desde logo a A1 referiu que apenas queria contracenar com o B1 (...) lá consegui convencer a A1 a fazer a sua improvisação com o B3...” (DB5).

Por último, ao nível das **Representação de Situações do Quotidiano**, são visíveis bastantes referências a situações familiares dos participantes, como anúncios de televisão ou situações

da instituição: “A A2 e o B1 continuaram “em palco”, improvisando um anúncio dos iogurtes que a A2 tinha visto na televisão...” (DB2); “O B3 associou-se logo a uma das suas atividades prediletas e foi buscar uma vassoura para varrer.” (DB3); “...a A1 e o B3 quiseram representar uma situação habitual na instituição entre uma cliente e uma monitora.” (DB4). Podemos também verificar que os participantes representaram também situações de conflito que vivenciam no dia-a-dia, frequentemente entre si, transpondo para a representação acontecimentos reais fatos constatados em “Ambas recrearam uma situação que vivem todos os dias por causa de quem anda no baloiço do recreio (...) foi importante aliviar um pouco a tensão que ambas poderiam estar a sentir devido a esta situação vivenciada por ambas diariamente. “ (DB2) e “... a A2 se ter queixado que (...) este lhe chamou peixeira. (...) a A2 insistiu que queria de fazer de peixeira (...) trabalhando assim algo que a incomodou ...” (DB3).

### ***3.1.2 Análise de Conteúdo dos Diários de Bordo dos Participantes (Anexo V)***

A um determinado momento da implementação das intervenções (na terceira sessão), foi sentida a necessidade de conhecer as opiniões dos participantes sobre as mesmas, de forma a poderem ser utilizadas essas informações para o desenvolvimento das sessões seguintes. Desta forma, foram desenvolvidos pelos mesmos, diversos diários de bordo onde cada participante registou a sua opinião, ideias, sentimentos e os momentos que foram do seu agrado, permitindo assim ter acesso ao feedback necessário. A estes registos nomeiei de diários de bordo dos participantes (DBP). Por dois dos participantes não saberem escrever, os seus diários foram realizados oralmente.

Na fase A foram realizados este tipo de diários em cinco sessões distintas, pelo que durante a fase B, pelo fato do projeto ocupar a maioria do tempo da sessão, as reflexões foram feitas principalmente via oral. Para facilitar a análise dos mesmos, a informação será organizada cronologicamente, partindo do DBP da terceira sessão (DBP3) e seguindo para as sessões posteriores. Foram identificadas três categorias distintas: **Momentos Mais Marcantes**, **Sentimentos e Emoções**, e **Capacidades Reflexivas (Opinião)**. Devido ao fato de os diários serem individuais, irei identificar a quem pertence cada entrada de forma a podermos observar a opinião de cada um dos participantes.

Através da observação do quadro de análise dos diários de bordo dos participantes em anexo (V), podemos constatar múltiplas entradas que nos levam a entender a opinião e a visão dos momentos vividos pelos participantes.

Relativamente à categoria dos **Momentos Mais Marcantes**, onde estão inseridas as opiniões dos atores sobre o que foi mais interessante nas sessões realizadas, podemos verificar pelo número de evidências que todos fizeram referência a algum jogo específico que lhes chamou mais a atenção, justificando o porquê de terem gostado daquela atividade, e onde podemos encontrar as mais variadas respostas entre o fato de terem sido os colegas a representar, ou ter sido uma situação específica ou até mesmo por ter desencadeado um sentimento que lhes foi positivo: *“Eu gostei da parte das lojas onde tava o segurança da loja com o B3 e o B2...”* (A1 – DBP3); *“Eu gostei mais de um pouco de tudo e de ver o teatro. Gostei de sentir as massagens na nossa cara e de relaxar com as mãos. No final gostei de cantar com as vozes mais altas.”* (A2 – DBP5); *“Gostei de jogar ao lenço [...] de ser velhote com a peixeira que não tinha peixe. O meu velhote tinha 89 anos e andava muito torto e falava muito mal e estava a sentir muito mal.”* (B3 – DBP6); *“Gostei da peça que estava a fazer com a A2 porque ela faz rir [...] e gostei de andar à roda.”* (B1 – DBP3).

De seguida, a categoria dos **Sentimento e Emoções**, também obteve múltiplas entradas referentes aos mais variados sentimentos e sensações. Apesar de existirem algumas entradas referentes a sentimentos mais incómodos como por exemplo: *“Foi difícil imaginar que tinha a bola [...] quando consegui fiquei satisfeito.”* (B1 – DBP3); *“No dia 12 de Novembro eu não estava muito bem para esta atividade e então eu resolvi ser um pouco teimosa. [...] Portanto eu gostei dos jogos de hoje mas peço desculpa a Joanhinha pelo mal que lhe fiz.”* (A1 – DBP5); *“Achei um bocadinho difícil porque era complicado.”* (B1 – DBP5), no geral constatamos que os sentimentos mais mencionados foram a alegria, o bem-estar, a felicidade que sentiram durante a realização das sessões. Torna-se importante referir que muitos desses sentimentos foram provocados pelas atuações dos colegas, estando tal fato mencionado nas evidências por parte dos participantes, tal como podemos observar nas seguintes citações: *“Eu senti-me bem porque estávamos bem alegres [...] e até me ri um pouco.”* (A2 – DBP4); *“Gostei tanto [...] Senti-me parte do grupo.”* (B2 – DBP4); *“Eu senti-me alegre e contente porque as atuações faziam vontade de rir.”* (A2 – DBP7); *“Eu gostei de fazer teatro*

*com os meus colegas, foi muito giro.” (A3– DBP7); “Também me senti muito feliz.” (A1– DBP7).*

Por fim, relativamente às **Capacidades Reflexivas (Opinião)**, os nossos atores também souberam exprimir-se. Revelaram ideias e opiniões muito pessoais, como o fato de considerarem estas atividades boas para o seu desenvolvimento pessoal, físico e mental, assim como para o aumento da sua autoestima, tal como verificamos em *“Eu fiz uma peça de teatro em que consiste ver o mundo de outra maneira à qual sabemos representar e apresentar bons modos para outras pessoas saberem lidar com as nossas necessidades. Mas também ajuda a subir a autoestima.” (A1 – DBP3); “Foi bom desenvolver aquilo que a gente faz no dia a dia [...] acho importante porque é bom.” (B1 – DBP3); “Fiz coisas bonitas e gostei muito e foi muito bom” (A3 – DBP5).* Revelaram o fato de se sentirem bem, do sentimento de pertença a um grupo e do quão importante era para eles, referindo mesmo que *“só espero que dure para sempre.” (A1 - DBP4)* Alguns dos atores, acabaram mesmo por agradecer as intervenções no seu diário, mencionando até que os ajuda a mudar a sua atitude perante a vida: *“Gostei do teatro, foi bonito, foi um prazer estar aqui a fazer estes espetáculos para os portugueses.” (B2 – DBP7); “Os jogos [...] fazem muito bem ajudam a fortalecer a memória e também precisava de ficar com alguns amigos só para eu ficar mais calma e para além de todas as semanas e então espero que isto dure para sempre. Obrigada por estar integrada nesta peça de teatro. Acho que é importante porque ajuda a mudar a nossa atitude perante a vida.” (A1 – DBP6); “Achei que é importante para o corpo e para a mente.” (A2 – DBP5).*

## **3.2 Fase B**

### ***3.2.1 Análise dos Diários de Bordo da Investigadora (Anexo IV)***

Recordamos que esta fase teve a duração de sete sessões (desde o DB8 até ao DB14), e que teve como intencionalidade principal a criação de um projeto de criação dramática, cujas ideias surgissem do próprio grupo, assim como todas as restantes características cénicas.

Após a análise da fase B (presente no Anexo IV), constatamos que a **Criação Dramática** foi uma das categorias mais desenvolvidas nesta fase pelo grupo. Esta foi desenvolvida

gradualmente pelos participantes do projeto, tendo sido observada uma evolução positiva ao nível da criatividade, imaginação e liberdade criativa por parte dos mesmos, indo inserindo múltiplos pormenores na sua história, tal como podemos constatar nas seguintes evidências: *“Pedi que me sugerissem diversas pessoas [...] e pouco tempo depois estavam escolhidas. A empregada da caixa, o gerente e o cliente seriam as personagens principais...” (DB8); “A A1 rapidamente respondeu que o cliente poderia levar alguma coisa da loja sem pagar, pelo que depois se chamava a polícia.” (DB8); “...acredito que a grande base partiu da cabeça deles e que a criação foi inteiramente entregue ao grupo.” (DB10); “...FG sugeriu que poderia haver uma confusão entre senhas/prioridades de atendimento. Depois de todos concordarem e de observar que todos estagnaram no processo de criação, sugeri que os clientes poderiam desentender-se por quererem o mesmo peixe (sardinha disse a A3) [...] todos chegaram à conclusão que a forma mais justa de resolver a situação seria ninguém levar a sardinha e acabava a confusão.” (DB10); “A pedido da A2, permiti que ela apregoasse “Há sardinha” enquanto chegavam os clientes...” (DB11).*

Ao mesmo nível, encontramos a **Improvisação** que, aliada á criação artística, também foi bastante desenvolvida no grupo, principalmente ao nível da encenação e ao nível das falas de cada um: *“...os meus atores estiveram muito bem, e mereceram a salva de palmas no final.” (DB9) ; “...a A1 foi a que melhor sabia o que era preciso para se ser um ladrão exemplar, passando pela observação das camaras, olhar para ver se alguém está a ver e esconde o objeto, passar na caixa e de seguida a máquina vai apitar.” (DB8); “Pela última vez hoje, iniciámos a ação e correu bastante bem, apesar de alguns ajustes que ainda têm de ser feitos, mas para a primeira vez foi excelente. Todos tiveram bem nos seus papéis, e finalmente os dois clientes discutiram por causa da sardinha!” (DB10).* Presenciamos simultaneamente algumas citações que demonstram relutância por parte da A3 e do B2, que foram desenvolvendo melhorias com a continuação dos ensaios, tendo o B2 apresentado mesmo uma grande evolução, principalmente pelo fato de intervir e improvisar por livre e espontânea vontade a quando da execução do seu papel na obra, tal como pode ser verificado em *“...eles estiveram muito bem para a sua primeira apresentação enfrentando condições não muito favoráveis [...]O B2 falou e bem!” (DB14)* e em *“...B2: desta vez ele foi na altura certa e apresentou-se ao local quando o chamaram referindo “Sou eu”...” (DB13).*

A **Orientação Sequencial** também foi uma das categorias bastante trabalhadas nesta fase, principalmente pelo facto de a história criada pelo grupo ter sido definida com uma determinada sequência, e por esse fato, ter sido necessário trabalhar bastante a orientação sequencial dos participantes de forma a que estes respeitassem a sequência que tinham criado. Pudemos observar nas citações seguintes que inicialmente foi um grande motivo de desorientação, mas que à medida que os ensaios foram ocorrendo, essa mesma sequência foi sendo memorizada pelo grupo e conseqüentemente foi sendo cumprida, revelando uma melhoria positiva no seu sentido de orientação e respeito pela sequência da história: “...mostrei-lhes os desenhos que tinha imprimido para a atividade e pedi que me ordenassem as imagens de acordo com o texto [...]conseguiram ordenar as imagens corretamente para colocarmos no nosso cartaz orientador: 1º O roubo, 2º A caixa, 3º O gerente e em 4º O polícia..” (DB9); “...tentei definir uma sequência lógica para o decorrer da ação para tornar mais explícito e simples para todos: Ladrão rouba, passa pelo senhor da caixa, que chama o gerente, que chama a polícia.” (DB8); “...pedi que se parasse com a atuação, pois estava a ver que ninguém estava a seguir a ordem, mais propriamente a A2...” (DB9); “...deu-me a entender que eles ainda se lembravam bastante bem da sequência e do que tinham de fazer, assim como quem estava destinado a cada personagem. “ (DB10); “...revemos os nossos guiões em grupo (correu bem)...” (DB12).

Simultaneamente foram apresentando uma maior coesão como grupo, **Trabalhando em Equipa** de forma a criarem um novo projeto e ajudando-se mutuamente na superação de dificuldades entre todos: “Demonstrando um bom trabalho de equipa, embora com alguma ausência por parte do B2 e da A3...” (DB9); “...todos conseguiram trabalhar bem em grupo uns com os outros...” (DB11); “A A1 foi um grande apoio e ajudou bastante a PM2...” (DB12); “..., revelando uma boa cumplicidade de grupo.” (DB14).

Constatamos também que conseqüentemente foram surgindo **Emoções e Afetos** positivos entre todos, tal como revelam as citações seguintes, principalmente quando nos referimos à A3 e ao B2, que foram demonstrando sinais de conforto e de pertença ao grupo, deixando para trás a apatia e inatividade que costumavam apresentar: “...o meu grupo parecia-me mais confiante e seguro na sua atuação.”(DB14); “...eles não se continham com tanta alegria,

*abraçando os colegas e apertando as mãos.” (DB14); “...estavam com cara de grande alegria e entusiasmo...” (DB11); “...o sorriso nos seus rostos era bem visível.” (DB9).*

Relativamente a **Atenção e Concentração**, o grupo apresenta grandes melhorias principalmente quando estão a representar, mantendo-se focados e atentos ao seu papel e ao papel dos colegas: *“...todos mantiveram a atenção e concentração...” (DB9); “Ao nível da atenção e concentração considero ter sido das melhores sessões neste aspeto. [...] houve bastantes risos e desconcentrações, mas foram comportamentos que se foram desvanecendo durante a restante intervenção, o que acho ser um aspeto bastante positivo. “ (DB10); “...durante ambas as atuações, foi mantido um bom nível de atenção e concentração[...] acredito que já se nota uma evolução bastante grande nos meus participantes ao nível da atenção e concentração.” (DB13).* Em relação à A2, a sua atenção e concentração no início da fase B apresentava-se bastante fraca, tal como aconteceu inicialmente na fase A, pelo que depois de diversos ensaios onde foi reforçado o trabalho desta categoria com ela, apresentou melhorias, conseguindo manter-se focada no seu papel, intervindo a tempo e respeitando os outros quando estes estão a representar, facto que se pode verificar nas citações seguintes: *“...parecia que não tinha ouvido nada do que tínhamos falado anteriormente.” (A2 – DB8); “...eles escutaram com atenção, com exceção da A2 [...] Mesmo assim, considero ter sido observada uma pequena (muito pequena) melhoria em relação à semana passada no seu comportamento...” (DB9); “...enquanto a A2 olhava atentamente para a discussão dos clientes (A1 e B1) que estava bastante interessante.” (DB11).*

Por último, relativamente à **Capacidade Reflexiva**, os clientes apresentaram reflexões positivas apesar de breves, principalmente pelo facto de o tempo para a reflexão ser escasso, tendo sido esta categoria desenvolvida muito mais profundamente na fase A, tal como pode ser observado no quadro de análise em anexo (II): *“O feedback dos participantes foi bastante bom, onde referiram que tinham gostado muito e que tinha sido bastante divertido.” (DB10); “...com um bom balanço positivo por parte deles, que me confessaram ter apreciado bastante as atividades e os ensaios e esse sentimento era visível nas suas faces. “ (DB13) .*

Nesta fase não foram realizadas referências a **Representações de Situações do Quotidiano** no quadro de análise dos diários de bordo, porque essas situações foram as eleitas pelo grupo para serem a base para a criação do projeto aqui estudado.

Podemos então concluir que nesta fase se verificaram evoluções positivas em múltiplas áreas, principalmente nas que estão relacionadas com a arte teatral. Por outro lado, foram também observadas melhorias em áreas transversais para a sua vida, melhorias que poderão transpor para diversas áreas da sua vida pessoal e quotidiana.

## ***Discussão de Dados***

Após a análise dos dados recolhidos, podemos constatar quais os desenvolvimentos ocorridos durante a investigação e os seus resultados, fazendo simultaneamente um cruzamento com o que foi defendido anteriormente pelos autores referidos neste trabalho.

Relativamente ao primeiro objetivo proposto neste trabalho, no que refere à implementação de jogos e exercícios de expressão dramática como estratégia de desenvolvimento pessoal e social, podemos constatar que, de acordo com Cañas (1992), a expressão dramática conseguiu efetivamente desenvolver em múltiplos aspetos os participantes, em ambas as fases do mesmo, mais precisamente ao nível da atenção e concentração, criatividade, orientação sequencial e no desenvolvimento do trabalho em equipa, potenciando a integração de cada participante no grupo.

De forma a reforçar este facto, constatamos que são os próprios participantes que referem nos seus diários individuais que as atividades de expressão dramática foram “*enriquecedoras*” (A1-DBP3), porque “*é importante para o corpo e para a mente*” (A2-DBP5), e porque “*fazem muito bem, ajudam a fortalecer a memória e também precisava de ficar com alguns amigos...*” (A1-DBP6).

Observamos também que, de acordo com Tejerina (1994:27), os jogos de expressão dramática proporcionaram uma maior aprendizagem de quem os pratica, assim como de todos os elementos do grupo e das situações do seu dia-a-dia. Tal pode ser observado pelas referências em diversos diários de bordo do investigador como “*...ajudou a desenvolver as suas atitudes entre eles.*” (DB2) e “*...revelando uma boa cumplicidade de grupo.*” (DB14), principalmente aquando das referências à improvisação relacionada com situações do quotidiano, tais como “*Ambas recrearam uma situação que vivem todos os dias por causa de quem anda no baloiço no recreio (...) foi importante aliviar um pouco a tensão que ambas poderiam estar a sentir devido a esta situação vivenciada por ambas diariamente*” (DB2), e em “*...a A2 se ter queixado que [...] este lhe chamou peixeira [...] a A2 insistiu que queria de fazer de peixeira [...] trabalhando assim algo que a incomodou...*” (DB3).

Estes indícios também puderam ser verificados nos diários de bordo dos participantes, principalmente quando refletem dizendo que *“Imitei vozes dos meus amigos e foi muito bom.”* (A3-DBP4), *“Gostei tanto [...] Senti-me parte do grupo”* (B2-DBP4), *“...Também ajuda a subir a autoestima [...] Foi bom para saber mais sobre a vida real.”* (A1-DBP3); *“Foi bom desenvolver aquilo que a gente faz no dia-a-dia...”* (B3-DBP3). Todos estes indicadores colocam-se simultaneamente de acordo com Crimmens (2006) e Sousa (2003) quando se referem ao aumento da confiança, de auto estima e do trabalho do indivíduo a diversos níveis (físico, emocional, etc.), em múltiplas dimensões (psicológico, social, motor, entre outros) aquando da aplicação deste tipo de estratégia.

Indo agora de encontro ao segundo objetivo proposto para este estudo referente à implementação de atividades de criação dramática em grupo como estratégia para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e criativo dos participantes, podemos comprovar a teoria de Vygotsky (2009:90), onde refere que as obras que são elaboradas/improvisadas pelos próprios participantes assumem uma dimensão mais significativa para os mesmos. Comprovamos também que, de acordo com Sousa (2003:33), a ação de criar é importante *“visto que estimula as aptidões criativas dos participantes”*, indo ao encontro da sua necessidade de expressão. O mesmo pode ser verificado com referências dos diários de bordo do investigador, principalmente ligadas ao nível emocional, como *“...acredito que a grande base partiu da cabeça deles e que a criação foi inteiramente entregue ao grupo.”* (DB10); *“Ficaram ainda mais felizes, relatando o seu agrado com grande entusiasmo.”* (DB10); *“...estavam todos felizes e sabia que estavam a apreciar o momento com muita alegria.”* (DB7); *“Eles não se continham com tanta alegria, abraçando os colegas e apertando as mãos”* (DB14).

Os participantes também mencionaram nos seus diários a importância desta dimensão criativa, revelando que *“Gostei de tudo, gostei da peça, de representar...”* (B1-DBP6); *“Eu fiz uma peça de teatro em que consiste ver o mundo de outra maneira à qual sabemos representar e apresentar bons modos para outras pessoas saberem lidar com as nossas necessidades...”* (A1-DBP3); *“Foi importante porque foi nosso, gostei.”* (B2-DBP5).

Constatamos igualmente que houve uma evolução positiva no ato de criação, principalmente na transição da fase A para a fase B, ou seja, dos jogos de expressão

dramática até chegar ao teatro com a construção de um pequeno espetáculo para partilhar com os restantes colegas das outras salas, indo ao encontro a Cañas (1992). Através de algumas referências descritas no diário de bordo do investigador, observamos que os participantes foram criando e construindo gradualmente a sua peça, num trabalho de grupo que envolveu todos os participantes: “A A1 rapidamente respondeu que o cliente poderia levar alguma coisa da loja sem pagar, pelo que depois se chamava a polícia.” (DB8); “A pedido da A2, permiti que ela prega-se “Há Sardinha” enquanto chegavam os clientes...” (DB11).

Por último, ao analisarmos o terceiro objetivo proposto neste estudo referente ao estímulo do exercício da cidadania com o desenvolvimento de competências reflexivas e de trabalho em equipa, contactamos que, à semelhança dos objetivos anteriores, este foi igualmente cumprido. Indo ao encontro do que refere Ferreira (2010), este projeto envolveu intensamente os seus participantes, e permitiu criar e recriar conhecimentos valorativos sobre si e sobre os restantes colegas, tal como refere Santos, Simões e Leal (2008), criando um sentido de interajuda entre todos, unindo-os como grupo.

Tais fatos podem ser comprovados através de algumas referências como “...ajudou a desenvolver as atitudes entre eles [...] sinto que se sentem mais unidos desde a última sessão.” (DB2); “Considerarei bastante importante esta iniciativa de interajuda por parte da A1, principalmente por respeitar as dificuldades da colega e por ter continuado a arranjar estratégias que facilitassem a participação da mesma...” (DB6); “Achei bastante interessante o fato de terem ficado todos organizados por pares, onde cada um poderia ajudar o seu colega na execução do seu papel, funcionando assim como um excelente trabalho de equipa.” (DB10); “...revelando uma boa cumplicidade de grupo.” (DB14).

Também foram feitas algumas referências ao trabalho em grupo nos diários dos participantes, tais como “Eu gostei de fazer teatro com os meus colegas, foi muito giro.” (A3-DBP7) e “Eu senti-me bem porque estávamos bem alegres...” (A2-DBP14).

No que concerne ao desenvolvimento da parte reflexiva, esta foi evoluindo do registo verbal, para o registo escrito na fase A (com exceção de dois participantes que não sabiam escrever) de forma a poderem ser compreendidos os pensamentos e opiniões dos

participantes, tal como refere Bogdan e Biklen (1994). Na fase B, a reflexão foi realizada de novo oralmente por falta de tempo. Podemos constatar que a sua capacidade de expressão vai sendo desenvolvida progressivamente à medida da continuidade das sessões, tanto nos diários de bordo do investigador, como nos seus próprios diários pessoais.

Entre as citações, podemos destacar: “ *Em geral todos gostaram, referiram que foi bom e a A1 referiu ainda que era importante estes jogos porque ajuda a desenvolver a mentalidade dos colegas e a dela, assim como trabalhamos o corpo...*” (DB1); “*O feedback dos participantes foi bastante bom, onde referiram que tinham gostado muito e que tinha sido bastante divertido.*” (DB10); “*Eu gostei de todos os jogos que foram realizados hoje na sala da biblioteca da Cercilei onde agora eu pertença e acho que foi muito interessante, mas temos coisas como jogoterapia pelo menos eu tou mais leve de memória.*” (A1-DBP4); “*Gostei do teatro, foi bonito, foi um prazer estar aqui a fazer estes espetáculos para os portugueses.*” (B2-DBP7).

Podemos por fim concluir, após a discussão de dados referida anteriormente que os objetivos propostos para este estudo foram atingidos na sua globalidade, indo ao encontro dos estudos realizados por diversos autores, que revelam os múltiplos benefícios da expressão dramática e do teatro na vida do ser humano, nos mais variados níveis e dimensões.

## ***Conclusão***

Após a análise e discussão dos dados, podemos concluir que estão visíveis os múltiplos benefícios presentes no desenvolvimento de atividades relacionadas com a expressão dramática e com o teatro, mais especificamente junto deste tipo de público, e presenciar assim até onde podem chegar estes participantes ao nível da sua imaginação e criatividade, assumindo múltiplas características distintas das suas, aceitando diferenças e trabalhando em equipa de forma a atingir um objetivo comum.

Constatamos que, efetivamente, a expressão dramática desenvolve múltiplas competências em pessoas com perturbação mental ligeira e moderada, mais concretamente ao nível da sua capacidade de improvisação, criatividade, trabalho em equipa e orientação sequencial, proporcionando momentos únicos que potenciam o desenvolvimento simultâneo da capacidade reflexiva e da expressão de emoções, assim como a expressão e trabalho intrínseco e grupal de múltiplas situações reais, e a participação voluntária em atividades que vão ao encontro das suas preferências.

Por outro lado, existiram algumas limitações que, de alguma forma, influenciaram o estudo. Entre elas podemos encontrar a imprevisibilidade de ausência dos participantes em dias de intervenção, assim como a inexistência dos diários de bordo dos participantes na fase B, facto que limitou um pouco a compreensão das suas perspetivas e opiniões relativamente às sessões que presenciaram e ao seu espetáculo final.

Observamos que, a interrupção do projeto no mês de Dezembro teve um impacto um pouco negativo, criando um pequeno retrocesso. Este facto, apesar de tudo, permitiu delimitar com mais clareza as duas fases distintas do projeto. Constatamos também que, de alguma forma, quatro meses foi um prazo curto para o tipo de projeto e de público, sendo que em próximos estudos, terá que se considerar o aumento dos meses de intervenção, para que a mesma seja realizada de forma mais gradual. Desta maneira, também será possível envolver de forma aprofundada os participantes na criação de um trabalho mais pessoal, com a criação de guiões onde estão presentes desenhos criados pelos mesmos, ao invés da utilização de imagens já existentes, por exemplo.

Ficou evidente que com empenho, dedicação, esperança e crença, tudo pode ser realizado, tudo pode ser criado, desde a mais básica e primaria das ideias às maravilhosas histórias repletas de significado para quem as criou, trabalhando com estes jovens múltiplos conceitos que lhes irão ser benéficos em múltiplas áreas da sua vida.

*“Al final, los aplausos os indicarán el resultado de todo el trabajo. Un premio, sin duda, sugestivo, un estímulo sonoro que os confortará y os animará, algo evidentemente significativo que os dirá, amigos y amigas, que todos los esfuerzos han valido la pena, que habéis sabido transmitir el mensaje, que debéis continuar gozosa, divertida y creativamente transmitiéndolo.”*

Cañas (1993: 61)

# Bibliografia

Aguilar, L. (2001). *Expressão e Educação Dramática – Guia Pedagógico para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

American Psychiatric Association (APA). (2014). *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais – Quinta Edição*. Lisboa: Climepsi Editores.

Aragão, I. (2003). *Debater valores, fazendo teatro*. Leiria: Edições Magno.

Associação Americana de Incapacidade Intelectual e do Desenvolvimento (s.d.) *Definition of Intellectual Disability*. Retirado dia 16 de Fevereiro de 2015 de <http://aaidd.org/intellectual-disability/definition#.VOJNnfmsWaQ>.

Associação Britânica de Drama Terapeutas (s.d.) *Dramatherapy*. Retirado dia 1 de Janeiro de 2015 de <http://badth.org.uk/dtherapy>.

Associação Norte Americana Do Drama Terapia (s.d) *What is Drama Therapy?* Retirado dia 1 de Janeiro de 2015 de <http://www.nadta.org/>.

Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva-Publicações, Lda.

Boal, A. (2007). *Juegos para actores y no actores: Edición Ampliada y Revisada*. Barcelona: Alba Editorial.

Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Investigação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Cañas, J. (1992). *Didáctica de la Expresión Dramática – Una Aproximación a la Dinámica Teatral en el Aula*. Barcelona: Ediciones OCTAEDRO, S.L.

Cañas, J. (1993). *Actuando – Guía didáctica para jugar contigo al teatro*. Barcelona: Ediciones OCTAEDRO, S.L.

Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

Crimmens, P. (2006). *Drama Therapy and Storymaking in Special Education*. London: Jessica Kingsley Publishers

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (s.d). *Drama*. Retirado dia 26 de Novembro de 2014 de <http://www.priberam.pt/DLPO/drama>.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (s.d). *Educação*. Retirado dia 14 de Junho de 2015 de [www.priberam.pt/dlpo/educa%C3%A7%C3%A3o](http://www.priberam.pt/dlpo/educa%C3%A7%C3%A3o).

Elliot, J. (1991). *El Cambio Educativo desde la Investigación-Acción*. Madrid: Ediciones Morata.

Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Acção*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, A. (2010). *Arte, Escola e Inclusão – Atividades Artísticas para Trabalhar com Diferentes Grupos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Ferreira, T. (2010). “Jogando Dados” – Os Jogos Teatrais como Possível Metodologia de Construção de Dados em Estudos de Recepção Teatral. *Revista de História e Estudos Culturais*, v.7, n1, 1-17.

Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação: Da concepção à Realização*. Loures: Lusociência-Edições Técnicas e Científicas, Lda.

Grossman, H. (1983) *Classification in Mental Retardation*. Washington, DC: American Association on Mental Deficiency.

Guerra, I. (2002). *O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas.

Johnson, L.; O’Neill, C. (1991). *Dorothy Heathcote – Collected writings on Education and Drama*. Illinois: Northwestern University Press.

Kempe, A. (2011). *Drama and the Education of Young People with Special Needs*. Roterdão: Sense Publishers. Retirado de [http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-94-6091-332-7\\_27](http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-94-6091-332-7_27)

Kowalski, I. (2005). ... *E a Expressão Dramática*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação de Leiria.

- Kutscher, M. L. (2011). *Crianças com Síndromes Simultâneas – DDA/H, Síndrome de Asperguer, Síndrome de Gilles de la Tourette, Doença Bipolar e outras: um guia essencial para pais, professores e outros profissionais*. Porto: Porto Editora.
- Langley, D. (2006). *An Introduction to Dramatherapy*. London: SAGE Publications Ltd
- Lopes, M. (1999). *Texto e Criação Teatral na Escola*. Porto: Edições ASA.
- Lopes, M. (2007). A Animação Terapêutica. In Pereira, J. D.; Vieites, M. F.; Lopes, M. S. (2007) *Animação, Artes e Terapias*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 77-84.
- Lopes, M. (2011). *O Saber Dramático: A Construção e a Reflexão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Morato, P. P. (1995). *Deficiência Mental e Aprendizagem*. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação.
- Quivy, R.; Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva-Publicações S. A.
- Samperi, R.; Collado, C.; Lucio, M. (2013). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo: Penso Editora/MC Graw Hill.
- Santos, A. S. (2008). *Mediações Arteducacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, G.; Simões, M.; Leal, R. (2008). «Reflexo de Vidas em Palco – O Drama como Promotor de Desenvolvimento do Familiar de Pessoas com Deficiência». In Atas do I Congresso Ibero-Americano de Educação Artística – *Sentidos Transibéricos*. Beja, 22 a 24 Maio.
- Schonman, S. (Ed.) (2011). *Key Concepts in Theatre /Drama Education*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Slade, P. (1978). *O Jogo Dramático Infantil*. São Paulo: Summus.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Tejerina, I. (1994). *Dramatización y Teatro Infantil – Dimensiones Psicopedagógicas y expresivas*. Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, S.A.

Valente, L. (2012). Dramaterapia e Saúde Psicológica: contributos numa educação para a saúde. In Pereira, J. D.; Vieites, M. F.; Lopes, M. S. (Coord.) *Teatro e Intervenção Social*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, 207-216.

Vygotsky, L. (2009). *A Imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Weschler, D (1944). *The Measurement of Adult Intelligence*. (3ª Edição) Baltimore: Williams & Wilkins. Disponível em: <https://archive.org/stream/measurementofadu001469mbp#page/n6/mode/1up>

## *Anexos*

*Anexo I*

*Planificação de Sessões*

**Planificação 1 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>15 de Outubro de 2014</b>	<b>O Espaço Repara como respiras</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar o espaço em que decorre a atividade;</li> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Apelar a consciência dos movimentos de respiração, levando simultaneamente ao relaxamento;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de relaxação.</li> </ul>
<b>Jogos Teatrais</b>	<p>O Espaço – Todo o grupo anda pela sala, com atenção para não chocarem uns com os outros nem se rirem. Ao sinal (previamente definido), têm de parar e olhar para a pessoa mais próxima de si olhos nos olhos. A medida que o jogo avança, e de acordo com a resposta do grupo, vão se incorporando novas indicações como parar e cumprimentar o amigo, ou parar e dançar com o colega.</p> <p>Repara como Respiras – Deitados no chão, de barriga para cima e com as pernas fletidas para que as costas permaneçam totalmente no chão, o aluno coloca uma das suas mãos sobre o ventre e a outra a relaxar. Depois, a ideia é o aluno relaxar todo o corpo de forma a tomar consciência dos movimentos realizados pela sua respiração: Inspiração e Expiração. De forma a tornar mais fácil este exercício, o animador poderá dizer um pequeno texto para os alunos (imagina que estás ...).</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final poderá ser realizada via oral ou por escrito (com alguns alunos), tendo algumas perguntas como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gostaste da atividade de hoje?</li> <li>• Do que é que gostaste mais?</li> <li>• Achas que foi importante para ti?</li> <li>• Gostarias de continuar a realizar estes jogos para a semana?</li> </ul>
<b>Duração</b>	Aproximadamente 40 minutos.

**JOANA GOMES – 12/10/2014**

**Planificação 2 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>22 de Outubro de 2014</b>	<b>Os Olhares Atitudes Relacionais</b>
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Promover o raciocínio/resposta rápida;</li> <li>• Transpor atitudes passadas para o presente.</li> </ul>
Jogos Teatrais	<p>Os Olhares – O grupo posiciona-se em roda, em pé para que todos possam entreolhar-se mutuamente, tendo depois o participante de selecionar uma pessoa sem que os colegas se apercebam (esta fase do exercício terá que ser possivelmente ajustada aos participantes se estes se encontrarem com dificuldade para o executar). Ao sinal (previamente definido com o grupo), todos se direcionam a correr para a pessoa que tinham em mente e tocam-lhe. Repetimos o exercício 3 vezes. O exercício repete-se depois com diversas formas de locomoção como andar só com um pé ou saltar.</p> <p>Atitudes Relacionais – O grupo forma uma roda, sendo que vai um par de cada vez ao centro realizar o exercício. O animador orienta a atitude que os participantes do meio terão que assumir entre eles, como o desprezo, indiferença, tristeza, entre outros. Devido a natureza do grupo, possivelmente iniciaremos com atitudes mais simples como a simpatia e a desavença, passando posteriormente para atitudes mais complexas de acordo com a evolução/resposta ao exercício da parte do grupo.</p>
Reflexão	<p>A reflexão final poderá ser realizada via oral ou por escrito (com alguns alunos), tendo algumas perguntas como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gostaste da atividade de hoje?</li> <li>• Do que é que gostaste mais?</li> <li>• Achas que foi importante para ti?</li> <li>• Gostarias de continuar a realizar estes jogos para a semana?</li> <li>• Achas que melhora a tua qualidade de vida? Porquê?</li> </ul>
Duração	Aproximadamente 60 minutos.

**JOANA GOMES – 19/10/2014**

### ***Planificação 3 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental***

Nota: Devido às evoluções demonstradas pelo grupo de trabalho na última intervenção, revelou-se necessário organizar as planificações de forma mais concreta, dividindo-a em três grupos distintos: Jogos Introdutórios, Jogos Teatrais e Reflexão Final. Desta forma, a sessão segue assim uma sequência lógica necessária para o sucesso da mesma.

<b>29 de Outubro de 2014</b>	<b>A Bola Imaginária Papeis Sociais</b>
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"><li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li><li>• Desenvolver o sentido de grupo;</li><li>• Estimular a atenção e concentração;</li><li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li><li>• Estimular o sentido de existência abstrata;</li><li>• Promover o raciocínio/resposta rápida;</li><li>• Transpor atitudes passadas para o presente;</li><li>• Assumir e experienciar distintos papéis sociais.</li></ul>
Jogo Introdutório	<p>“A bola imaginária” – Em roda, todo o grupo vai passando uma bola entre cada um, pelo que quem recebe têm de assumir uma postura de atenção e concentração para que a bola não cai-a no chão. Posteriormente, a bola é substituída por uma bola imaginária e o comportamento repete-se.</p> <p>Depois do grupo estar a vontade com este exercício, voltamos a pegar na bola “real” e em movimento pela sala, os participantes tem de trocar de bola entre si. Repete-se depois o exercício com a bola “imaginaria”.</p>
Jogo Teatral	<p>“Papeis Sociais” - Em pares ou grupo de 3 pessoas, os participantes terão que improvisar situações familiares a diferentes níveis como social e/ou familiar: Mãe-Filho; Policia-Ladrão; Vendedor-Cliente. Os restantes observam para posteriormente realizarem também o exercício.</p>
Reflexão	<p>A reflexão final poderá ser realizada via oral ou por escrito (com alguns alunos), tendo algumas perguntas como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Gostaste da atividade de hoje?</li><li>• Do que é que gostaste mais?</li><li>• Achas que foi importante para ti?</li><li>• Gostarias de continuar a realizar estes jogos para a semana?</li><li>• Achas que melhora a tua qualidade de vida? Porquê?</li></ul> <p>Os participantes que se sentirem capazes poderão escrever uma pequena reflexão pessoal sobre a intervenção.</p>
Duração	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Jogo Introdutório – 25 m.</li><li>• Jogo Teatral – 25 m.</li><li>• Reflexão Final – 10 m.</li></ul>

**JOANA GOMES – 26/10/2014**

**Planificação 4 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>5 de Novembro de 2014</b>	<b>O Espelho Vou Fazer de ti</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Transpor atitudes passadas para o presente;</li> <li>• Intensificar o conhecimento do “eu” e do “outro”.</li> </ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	<p>“O Espelho” – Os participantes reúnem-se aos pares, frente a frente, sendo que um de cada vez irá realizar algum tipo de movimento espontâneo com qualquer parte do seu corpo. O colega, por sua vez, terá que imitar todos esses movimentos com o máximo de perfeição possível, mantendo a atenção e concentração e tanto o quanto possível o olhar no colega. Algum tempo depois trocam de papéis e o exercício repete-se.</p>
<b>Jogo Teatral</b>	<p>“Vou fazer de ti” – Aos pares, irão representar situações improvisadas para os colegas que observam. Ambos terão que representar e agir de acordo com a personalidade do colega, trocando assim de papéis e interagindo como se fosse o outro. Algum tempo depois trocam os participantes.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final será realizada via oral e pictográfico (desenho) ou por escrito, tendo algumas perguntas como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que achas-te dos jogos que realizaste hoje?</li> <li>• Qual foi o que gostaste mais? Porquê?</li> <li>• O que foi mais difícil de fazer?</li> <li>• Achas que foi importante para ti e para os teus colegas? Porquê?</li> </ul>
<b>Duração</b>	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 15 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 35 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**JOANA GOMES – 01/11/2014**

***Planificação 5 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental***

<b>12 de Novembro de 2014</b>	<b>Expressões Faciais (Relaxamento) Maneiras de Falar</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Transpor atitudes passadas para o presente;</li> <li>• Despertar diferentes formas e métodos de falar;</li> <li>• Promover momentos de relaxe aos participantes.</li> </ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	<p>“Expressões Faciais” (Relaxamento) – 1) Aos pares, realizam diversas massagens faciais ao colega na face (maxilares, bochechas, etc.) com a devida atenção para não magoar o companheiro.</p> <p>2) Em roda, treinar diversos movimentos faciais como franzir a testa, levantar a sobrancelha, encher as bochechas de ar. Desfazer lentamente.</p> <p>3) Em roda, dizer palavras aleatórias utilizando diversos movimentos faciais pouco usais, de forma exagerada.</p>
<b>Jogo Teatral</b>	<p>“Maneiras de Falar” – Aos pares enquanto os colegas observam, os participantes terão que improvisar uma situação, sendo que a única regra imposta é a maneira de falar das personagens. Estas terão que falar de forma exagerada, com sotaque e utilizando diversos movimentos faciais o mais possível. O objetivo será que o participante se afaste o mais possível da sua forma normal de comunicar oralmente. Se houver necessidade, o animador poderá orientar os alunos na história a improvisar, ou no papel a desempenhar.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final será realizada via oral e pictográfico (desenho) ou por escrito, tendo algumas perguntas como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que achaste dos jogos que realizaste hoje?</li> <li>• Qual foi o que gostaste mais? Porquê?</li> <li>• O que foi mais difícil de fazer?</li> <li>• Achas que foi importante para ti e para os teus colegas? Porquê?</li> </ul>
<b>Duração</b>	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 20 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 30 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**Planificação 6 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>19 de Novembro de 2014</b>	<b>Jogo Teatral do Lenço Vamos Improvisar</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Transpor para a improvisação conhecimentos previamente adquiridos;</li> <li>• Promover o raciocínio e a resposta rápida.</li> </ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	<p>“Jogo Teatral do Lenço “ – Este jogo divide-se em 3 fases distintas: 1ª O grupo divide-se em dois pequenos grupos, de preferência com o mesmo número de participantes. O animador atribui um número a cada aluno, sendo que os números têm de ser os mesmos nos dois grupos. Depois coloca-se no meio dos dois grupos (guardando uma certa distancia dos mesmos) segurando um lenço. Quando chamar um dos números, os participantes a que corresponderem, terão que avançar e tentar tirar o lenço antes do colega adversário. 2ª Em vez de números, irão ser distribuídos movimentos (saltar, correr, andar). 3ª Em vez de movimentos serão distribuídas diversas personagens de conhecimentos comum, e os participantes terão que se comportar como as mesmas enquanto se dirigem para o lenço (por exemplo, peixeira, grávida, velhinha).</p>
<b>Jogo Teatral</b>	<p>“Vamos Improvisar” – Continuando com as personagens exploradas no jogo anterior, os participantes terão que improvisar situações que envolvam essas mesmas personagens, criando diálogos e situações espontâneas livremente.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final será realizada via oral e pictográfico (desenho) ou por escrito, tendo algumas perguntas como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que achaste dos jogos que realizaste hoje?</li> <li>• Qual foi o que gostaste mais? Porquê?</li> <li>• O que foi mais difícil de fazer?</li> <li>• Achas que foi importante para ti e para os teus colegas? Porquê?</li> </ul>
<b>Duração</b>	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 30 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 20 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**Planificação 7 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

26 de Novembro de 2014	Ações Rotineiras Situações Rotineiras
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Transpor para a improvisação conhecimentos previamente adquiridos;</li> <li>•</li> </ul>
Jogo Introdutório	<p>“Ações Rotineiras” – Este jogo pode ser considerado um típico jogo de mimica, onde em vários papéis vão estar escritas diferentes ações rotineiras dos participantes, como por exemplo lavar os dentes, regar uma flor, cozinhar, varrer o chão. Um a um, retira o papel e terá que representar a sua ação para que os colegas adivinhem qual a ação representada. Depois, o colega que adivinhou sobe ao “palco” e mostra aos colegas a sua forma de representar essa mesma ação. Depois de comparar ambas as ações, esse participante retira outro papel e o círculo repete-se. Atenção: É considerado de extrema importância que todos os participantes tenham conhecimento das ações escolhidas para a atividade.</p>
Jogo Teatral	<p>“Situações Rotineiras” – Tendo como base as ações previamente representadas, os participantes ( aos pares ou em grupo de três), improvisam uma situação dramática enquanto os restantes participantes observam na plateia.</p>
Reflexão	<p>A reflexão final será realizada via oral e pictográfico (desenho) ou por escrito, tendo algumas perguntas como por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O que achas-te dos jogos que realizas-te hoje?</li> <li>• Qual foi o que gostaste mais? Porquê?</li> <li>• O que foi mais difícil de fazer?</li> <li>• Achas que foi importante para ti e para os teus colegas? Porquê?</li> </ul>
Duração	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 30 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 20 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**Planificação 8 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

7 de Janeiro de 2015	Projeto Teatral – 1º Fase
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Potenciar o exercício da criatividade;</li> <li>• Estimular a criação autónoma de novas obras teatrais.</li> </ul>
Jogo Introdutório	<p>Em roda, é pedido para que todo o grupo crie uma história (fase inicial) enquanto um dos elementos a regista por escrito. Todos os elementos do grupo têm de participar com algum tipo de ideia/ação para a evolução da história criada.</p> <p>O Animador vai ajudando o grupo a não se dispersar muito na história para que esta possa ser representada pelos mesmos na fase do jogo teatral.</p> <p>A história criada não deverá ultrapassar as 4/5 personagens (na sua totalidade) para que não se torne demasiado complexa para alguns participantes do grupo.</p> <p>Durante as sessões seguintes realizar-se-á a continuação da criação da história, para que todo o processo se realize de forma faseada e para que todos participem na criação do projeto de grupo.</p>
Jogo Teatral	<p>Recorrendo aos apontamentos escritos, os participantes terão que representar a historia que eles criaram, de forma a tornar real o que todos imaginaram em grupo.</p> <p>O animador pode ir ajudando e propondo alguns ajustes (se necessário) de forma a orientar o grupo para uma representação mais simples e acessível a todos os elementos.</p>
Reflexão	<p>A reflexão final será realizada em grupo e de forma pictográfica (desenho). Irei questionar o grupo se estão a gostar de criar este projeto e o que sentiram quando tiveram a realizar o que eles definiram.</p> <p>De seguida, realizarão um desenho sobre a história que inventaram.</p>
Duração	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 20 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 30 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**Planificação 9 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>14 de Janeiro de 2015</b>	<b>Projeto Teatral – 1º Fase (continuação e consolidação)</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Potenciar o exercício da criatividade;</li> <li>• Estimular a criação autónoma de novas obras teatrais;</li> <li>• Exercitar o sentido de memória e recordação de informações passadas.</li> </ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	<p>Como forma de recordar o que foi elaborado na sessão anterior (e tendo em conta o desenvolvimento da atividade passada), o grupo irá realizar um cartaz com todas as fases da história elaborada por eles.</p> <p>Este cartaz servirá simultaneamente para orientar os participantes nas fases que terão ser abordadas aquando da representação real da sua história, de forma a ser assim uma ferramenta de apoio.</p> <p>No cartaz também poderá estar definido a distribuição das personagens pelos participantes.</p>
<b>Jogo Teatral</b>	<p>Recorrendo então ao cartaz elaborado pelos participantes, todo o grupo irá passar à representação da 1ª fase da sua história, sendo que esta terá que representar todas as fases definidas em grupo, assim como as personagens.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final será realizada em grupo e de forma pictográfica (desenho). Irei questionar o grupo se estão a gostar de criar este projeto e o que sentiram quando tiveram a realizar o que eles definiram.</p> <p>De seguida, realizarão um desenho sobre as histórias que inventaram (Se possível).</p>
<b>Duração</b>	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 30 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 20 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**JOANA GOMES – 11/01/2015**

**Planificação 10 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>28 de Janeiro de 2015</b>	<b>Projeto Teatral – 2º Fase</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Potenciar o exercício da criatividade;</li> <li>• Estimular a criação autónoma de novas obras teatrais.</li> </ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	<p>Em roda, é pedido de novo para que todo o grupo crie outra história distinta embora enquadrada no ambiente “supermercado” de forma a poderem ser criadas uma pequena serie de histórias neste contexto. Todos os elementos do grupo têm de participar com algum tipo de ideia/ação para a evolução da história criada.</p> <p>O Animador vai ajudando o grupo a não se dispersar muito na história para que esta possa ser representada pelos mesmos na fase do jogo teatral. Inicialmente deverão ser respondidas a duas questões principais: O quê? e Com quem?</p> <p>A história criada não deverá ultrapassar as 4/5 personagens (na sua totalidade) para que não se torne demasiado complexa para alguns participantes do grupo.</p>
<b>Jogo Teatral</b>	<p>Depois de inventada a historia oralmente, os participantes terão que a representar, de forma a tornar real o que todos imaginaram em grupo.</p> <p>O animador pode ir ajudando e propondo alguns ajustes (se necessário) de forma a orientar o grupo para uma representação mais simples e acessível a todos os elementos.</p> <p>No final da representação/improvisação, o grupo volta a reunir-se e revê o seguimento da história enquanto um dos elementos regista por escrito.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final será realizada em grupo Irei questionar o grupo se estão a gostar de criar este projeto e o que sentiram quando tiveram a realizar o que eles definiram.</p>
<b>Duração</b>	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 20 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 30 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**JOANA GOMES – 19/01/2015**

## ***Planificação 11 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental***

Nota: Nesta sessão está prevista a participação de mais três pessoas exteriores ao grupo

<b>4 de Fevereiro de 2015</b>	<b>Projeto Teatral – 2º Fase (continuação e consolidação)</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li><li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li><li>• Estimular a atenção e concentração;</li><li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li><li>• Potenciar o exercício da criatividade;</li><li>• Estimular a criação autónoma de novas obras teatrais;</li><li>• Exercitar o sentido de memória e recordação de informações passadas.</li></ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	<p>À semelhança do que aconteceu com a consolidação da primeira história, o grupo, tendo em conta o desenvolvimento da atividade passada, e como forma de recordar o que foi elaborado na sessão anterior irá realizar um cartaz com todas as fases da história elaborada por eles.</p> <p>Este cartaz servirá simultaneamente para orientar os participantes nas fases que terão de abordar quando da representação real da sua história, de forma a ser assim uma ferramenta de apoio.</p> <p>No cartaz também poderá estar definido a distribuição das personagens pelos participantes.</p>
<b>Jogo Teatral</b>	<p>Recorrendo então ao cartaz elaborado pelos participantes, todo o grupo irá passar à representação da 2ª fase da sua história, sendo que esta terá que representar todas as fases definidas em grupo, assim como as personagens.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final será realizada em grupo. Irei questionar o grupo se estão a gostar de criar este projeto e o que sentiram quando tiveram a realizar o que eles definiram.</p>
<b>Duração</b>	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Jogo Introdutório – 30 m.</li><li>• Jogo Teatral – 20 m.</li><li>• Reflexão Final – 10 m.</li></ul>

habitual, de forma a integrá-los pontualmente para averiguar a sua predisposição para este tipo de arte.

**JOANA GOMES – 03/02/2015**

**Planificação 12 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>11 de Fevereiro de 2015</b>	<b>Projeto Teatral – 3º Fase (consolidação)</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Potenciar o exercício da criatividade;</li> <li>• Exercitar o sentido de memória e recordação de informações passadas;</li> <li>• Treinar e ensaiar historia previamente elaboradas de forma a consolidar movimentos e organização teatral.</li> </ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	<p>De forma a recordar o que foi desenvolvido pelo grupo nas sessões anteriores, todos irão reunir-se em torno da mesa e observar os guiões elaborados, passando em revisão todas as sequências das duas histórias criadas. Todo este processo irá ser repetido diversas vezes até não haver dúvidas, estimulando comportamentos de memorização das sequências de forma a ambas puderem ser colocadas em prática sem desorientação na parte prática do jogo teatral.</p>
<b>Jogo Teatral</b>	<p>Depois de recordar a teoria, passaremos para a parte prática, com a dramatização de ambas as histórias, gravando todos os ensaios de forma a puderem ser visionados posteriormente e puder ser observado pelos participantes questões positivas no seu desempenho, assim como questões a melhorar nas próximas tentativas.</p>
<b>Reflexão</b>	<p>A reflexão final será realizada em grupo. Irei questionar o grupo se estão a gostar de criar este projeto e o que sentiram quando tiveram a realizar o que eles definiram.</p>
<b>Duração</b>	<p>Aproximadamente 60 minutos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 30 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 20 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**JOANA GOMES – 08/02/2015**

**Planificação 13 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental**

<b>18 de Fevereiro de 2015</b>	<b>Projeto Teatral – 3ª Fase (consolidação- continuação)</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li> <li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li> <li>• Estimular a atenção e concentração;</li> <li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li> <li>• Potenciar o exercício da criatividade;</li> <li>• Exercitar o sentido de memória e recordação de informações passadas;</li> <li>• Treinar e ensaiar historia previamente elaboradas de forma a consolidar movimentos e organização teatral.</li> </ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	De forma a recordar o que foi desenvolvido pelo grupo nas sessões anteriores, todos irão reunir-se em torno da mesa e observar os guiões elaborados, passando em revisão todas as sequências das duas histórias criadas. Todo este processo irá ser repetido diversas vezes até não haver dúvidas, estimulando comportamentos de memorização das sequências de forma a ambas puderem ser colocadas em prática sem desorientação na parte prática do jogo teatral.
<b>Jogo Teatral</b>	Depois de recordar a teoria, passaremos para a parte prática, com a dramatização de ambas as histórias, gravando todos os ensaios de forma a puderem ser visionados posteriormente e puder ser observado pelos participantes questões positivas no seu desempenho, assim como questões a melhorar nas próximas tentativas. As histórias poderão ser apresentadas a colegas de salas exteriores de forma a poder haver um primeiro contato do grupo com um público.
<b>Reflexão</b>	A reflexão final será realizada em grupo. Irei questionar o grupo se estão a gostar de criar este projeto e o que sentiram quando tiveram a realizar o que eles definiram.
<b>Duração</b>	Aproximadamente 60 minutos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jogo Introdutório – 30 m.</li> <li>• Jogo Teatral – 20 m.</li> <li>• Reflexão Final – 10 m.</li> </ul>

**JOANA GOMES – 16/02/2015**

## ***Planificação 14 – Grupo 2 – A Expressão Dramática na Perturbação Mental***

**NOTA:** DEVIDO ÀS ALTERAÇÕES NA SESSÃO ANTERIOR (13), A PLANIFICAÇÃO 14 MANTERÁ AS MESMAS BASES DA PLANIFICAÇÃO PASSADA DE FORMA A SEREM ATINGIDOS OS OBJETIVOS PROPOSTOS NA MESMA.

<b>25 de Fevereiro de 2015</b>	<b>Projeto Teatral – 3º Fase (consolidação- continuação)</b>
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Potenciar o bem-estar e divertimento aos clientes;</li><li>• Desenvolver o sentido de grupo e respeito pelo próximo;</li><li>• Estimular a atenção e concentração;</li><li>• Desenvolver a imaginação e o sentido de pensamento durante os períodos de improvisação;</li><li>• Potenciar o exercício da criatividade;</li><li>• Exercitar o sentido de memória e recordação de informações passadas;</li><li>• Treinar e ensaiar historia previamente elaboradas de forma a consolidar movimentos e organização teatral.</li></ul>
<b>Jogo Introdutório</b>	De forma a recordar o que foi desenvolvido pelo grupo nas sessões anteriores, todos irão reunir-se em torno da mesa e observar os guiões elaborados, passando em revisão todas as sequências das duas histórias criadas. Todo este processo irá ser repetido diversas vezes até não haver dúvidas, estimulando comportamentos de memorização das sequências de forma a ambas puderem ser colocadas em prática sem desorientação na parte prática do jogo teatral.
<b>Jogo Teatral</b>	Depois de recordar a teoria, passaremos para a parte prática, com a dramatização de ambas as histórias, gravando todos os ensaios de forma a puderem ser visionados posteriormente e puder ser observado pelos participantes questões positivas no seu desempenho, assim como questões a melhorar nas próximas tentativas. As histórias poderão ser apresentadas a colegas de salas exteriores de forma a poder haver um primeiro contato do grupo com um público.
<b>Reflexão</b>	A reflexão final será realizada em grupo. Irei questionar o grupo se estão a gostar de criar este projeto e o que sentiram quando tiveram a realizar o que eles definiram.
<b>Duração</b>	Aproximadamente 60 minutos: <ul style="list-style-type: none"><li>• Jogo Introdutório – 30 m.</li><li>• Jogo Teatral – 20 m.</li><li>• Reflexão Final – 10 m.</li></ul>

*Anexo II*

*Diários de Bordo*

## *Diário de Bordo - A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 1 – G2 (15/10/2014)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 50M

Hoje foi dia de iniciar com um novo grupo, uma nova experiência. Confesso que estava simultaneamente entusiasmada e nervosa. Não sabia como iam reagir. Não sabia se queriam fazer parte do projeto, nem se iriam conseguir realizar as atividades que lhes iria propor, nem se iriam conseguir manter um pouco de seriedade nos jogos que iríamos fazer. Conclusão: Estava ansiosa para ver.

Reuni os participantes numa sala um pouco maior do que o habitual, dizendo-lhes que íamos fazer alguns jogos de teatro e que divertir-nos-emos bastante. Nesta sessão, participaram 5 alunos: B3, A2, A3, A1 e B1. Escolhi este grupo por achar que iriam conseguir acompanhar sem dificuldade as atividades que lhes iria propor, assim como pensei logo a partida que este grupo seria capaz que transpor a barreira do jogo teatral para o teatro mais tarde.

Desta forma, juntámo-nos em roda e expliquei o que iríamos fazer, assim como toda a dinâmica que queria que implementássemos nas nossas sessões de teatro, pedindo também que fossem pensando num nome para atribuir ao nosso grupo, demonstrando simultaneamente que este projeto é algo sério e que é para durar. Expliquei também que no fim de cada atividade iríamos fazer uma pequena avaliação para que eu tivesse um feedback da parte deles.

Felizmente, todos concordaram com o planeamento do projeto e gostaram da ideia de fazer teatro, pois alguns nunca tinham feito e tinham curiosidade. Fiquei feliz. Muito feliz.

É importante referir que o horário disponível para estas sessões é de 2 horas, sendo que têm de ser divididas entre o jogo teatral e o teatro de fantoches, que abrange o mesmo grupo.

Assim sendo, arredámos mesas e cadeiras e começámos a andar/caminhar pela sala. Chamo a este jogo “O Espaço”. Definimos que o sinal de paragem seria um bater de palmas, e que a cada paragem iríamos realizar uma ação diferente. Depois de dar novamente o sinal, todos voltariam a andar.

Reparei logo no início que era difícil eles conseguirem ouvir as instruções que lhes dava e andar ao mesmo tempo, assim como tinham toda uma grande tendência em andar a roda, uns atrás dos outros, o que originou alguns comentários como “Estou a ficar tonta Joana”. Orientei diversas vezes para que andassem livremente e para que continuassem a andar enquanto eu falava (Que coisa difícil.)

A primeira ação, depois de nos habituarmos à paragem ao sinal das palmas, era olhar para o colega mais próximo, se possível olhos nos olhos, e até correu bem, embora um ou dois participantes se perdessem um pouco no que era pedido, mas com uma pequena orientação correu bem. Repetimos 3 vezes e passámos para a próxima ação. Dei as instruções enquanto andávamos e ainda houve quem parasse para me ouvir. Pedi para que continuassem a andar e que ao sinal, cumprimentassem o colega que estava mais próximo. Repetimos novamente 3 vezes e desta vez foi giro, houve gargalhadas e sorrisos entre um “olá, tudo bem” e o “boa tarde”.

Fui elogiando a prestação deles enquanto corria tudo bem. A terceira ação foi dançar ao som do sinal. Foi muito giro. Cantaram e tudo, para que a dança fosse mais divertida. A relação entre eles pareceu-me ser bastante boa, estável e sem preconceitos, o que num grupo destas características é ótimo não haver este tipo de sentimentos. Repetimos 3 vezes e depois pedi-lhes que dessem sugestões.

Claro que a A2 pediu para que dançasse-mos dança moderna, e expliquei-lhe que tinha de ser algo que todos soubessem fazer. As ideias dela são sempre fantabulásticas. A A1 sugeriu que batêssemos as palmas depois do sinal. Foi o que fizemos sem problema algum, repetindo novamente 3 vezes, e continuando novamente a andar (de preferência sem ser a roda, mas foi difícil).

A nova sugestão da A1 foi bater com os pés depois do sinal. Que barulheira. Quase que provocámos um tremor de terra, foi muito divertido, e eles pareciam estar a gostar bastante deste jogo. Novamente, repetimos três vezes e continuámos a andar. A última sugestão da A1 foi fazer festinhas ao colega, já que mais ninguém tinha sugestões para dar. Uma dose de miminhos antes de terminar este jogo soube bem, e apenas reparei que a A3 não estava muito atenta, tendo que orientá-la duas vezes para que executasse a ação proposta.

Continuámos a andar e dei a instrução de depois do sinal, cada um ir buscar uma cadeira para se sentar na nossa roda de reunião, tal como iniciámos a sessão. Respirámos fundo e estavam todos bem-dispostos. Assim, iniciámos a avaliação da atividade. Em geral todos gostaram, referiram que foi bom e a A1 referiu ainda que era importante estes jogos porque ajuda a desenvolver a mentalidade dos colegas e a dela, assim como trabalhamos o corpo, concluindo que “se fosse assim sempre é que era bom”.

A dança e a caminhada livre foi o que teve mais votos de sucesso, embora o B3 tivesse confessado que não gostou de andar a roda (oh meu deus, eu disse para não andarem a roda!).

Perguntei-lhes se melhorava a qualidade de vida deles e todos disseram que sim, o que foi bastante bom.

De seguida, expliquei o segundo jogo “Como Respiramos”. Fui buscar cobertores enquanto eles arrumavam as cadeiras e num segundo já estávamos todos no chão. Tentei que estivessem o mais confortáveis possível, sendo assim houve quem se quisesse descalçar e arranjei umas almofadas para a cabeça.

Pedi que estivessem de joelhos fletidos, com uma das mãos em cima da barriga. A A2 começou a criar resistência ao fato de se ter de deitar no chão, mas com um bocadinho de conversa consegui levá-la a realizar a atividade (nem sempre resulta).

Pedi para que fechassem os olhos e começassem a acalmar, respirando profundamente, referindo os processos em voz alta (inspira, expira). Claro que houve alguns risos, mas é normal. Expliquei depois qual era o objetivo do exercício e acredito que ajudou (um pouco). Sinto que se tivéssemos música teria sido mais fácil, da mesma forma que percebi que não era algo confortável para eles estar nesta situação. Os risos continuaram e pedi para que se concentrassem e eles respeitaram. Comecei a dizer um texto daqueles inspiradores, mas o NB começou logo a divagar com as estrelas e a lua. A A2 continuou a queixar-se, se não era da barriga, era das costas, ou então porque não ouvia o texto. Desta forma, não me prolonguei muito no exercício. (15m. apenas).

Acredito que apesar de ter sido pouco tempo, a atividade foi bastante positiva. No final, já se ouvia o silêncio e acredito que estavam todos concentrados no exercício. Para mim já foi uma vitória. Pedi-lhes então que se levantassem muito (muito) lentamente e perguntei-lhes o que tinham sentido: a calma, o esquecimento do ambiente exterior e o relaxamento foram algumas das ideias que referiram. Disseram que o exercício foi engraçado e inovador, que não estavam a espera deste exercício. Pareceram-me bastante satisfeitos e com vontade de continuar.

No final da sessão a alegria inundava o meu peito. Fiquei mesmo feliz e entusiasmada por eles terem gostado e terem conseguido acompanhar a atividade de acordo com o planeado, sem grandes percalços e de forma divertida, interativa, com a atenção e concentração que eram necessárias. Felizmente tudo correu bem e acredito mesmo que esta atividade melhorou a qualidade de vida deles, nem que tivesse sido apenas nestes 50 minutos de atividade, já valeu a pena.

Todos os esforços são bem-vindos para a vida destas pessoas e se todos dermos um pouco, conseguimos transformar vidas e estados de alma. Estou Feliz.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo - A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 2 – G2 (23/10/2014)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 60M

A sessão de hoje foi um autêntico desafio, não só por ter tido que adaptar as regras e formas do primeiro jogo, como tive que acompanhar a vontade e entusiasmo dos meus participantes durante o segundo.

Na sessão de hoje a A3 faltou, mas os restantes participantes do grupo estiveram presentes. Tivemos até duas pessoas convidadas, vamos nomeá-las de A4 e a A5. Tentei sugerir irmos para a rua, mas eles preferiram ficar na sala.

A sessão iniciou-se mais ou menos a hora prevista, e depois de uma semana a perguntarem-me se “quarta é o teatro”, deu-se principio a mais uma sessão com a já habitual reunião redonda, onde expliquei que íamos tentar realizar dois jogos, com organização, atenção e concentração. Relembrei que no final de cada jogo íamos realizar a avaliação habitual.

Demos então início ao primeiro jogo “Os olhares” com a formação de uma roda em pé. Devido ao reduzido número de participantes (eu incluída), a roda não tinha um grande tamanho, o que poderá ter prejudicado a atividade de alguma forma, pelo que vou explicar como mais a frente. Em silêncio, olhámos apenas uns para os outros, olhos nos olhos, os mais concentrados possíveis. Já aqui achei que tiveram dificuldade, mas pensei que seria da minha cabeça. Expliquei depois, exemplificando, as trocas que teriam que haver entre os participantes. Para simplificar, decidi que o participante teria que olhar para o colega e trocar de lugar com ele, a andar, e que este iria para o lugar dele, que neste caso já estaria vazio.

Foi difícil manter a organização neste jogo, principalmente devido a A2 que por estar desatenta jogava constantemente quando não era a sua vez. Mantendo a calma para o jogo não destabilizar, dizia-lhe que não seria a vez dela mas sim do colega, e dava continuidade ao jogo. Torna-se importante também referir que durante esta sessão (em comum com as sessões anteriores), esta participante apresentou diversos diálogos inoportunos sobre temas externos a sessão, pelo que tentei sempre orientá-los para momentos exteriores a mesma. Este comportamento também foi verificado com outros participantes como a A1 e o B3, mas com muito pouca frequência.

Tentei que este jogo tivesse um bom ritmo, e que eles se organizassem entre eles, com atenção e concentração de forma a manter uma boa fluidez no jogo, algo que não foi fácil. Alguns dos participantes demoravam muito a pensar com quem iam trocar, outros não se apercebiam que era a vez deles. A timidez reinava naquela sala, parecia que tinham medo, afinal de contas era a primeira vez que eles realizavam uma coisa tão diferente. Explicava de novo o que tinham de fazer e lá se decidiam. Atenção e concentração era o meu conselho constante. Realizamos diversas formas de locomoção durante o exercício. Saltámos a pé juntos, ao pé-coxinho e em pés de bebé. Até ao final conseguiram ir-se orientando e realizar os

objetivos do jogo com algum sucesso. Assim sendo, decidi evoluir o exercício e complicar um bocadinho o jogo.

Continuamos todos em roda, mas a troca entre participantes iria ser mais intensa, onde o participante troca de lugar com o colega e este vai ter de trocar de lugar com outro participante, não assumindo o lugar do colega que o substituiu. Tudo isto, num bom ritmo sem parar. Parecia o caos total. Como o primeiro jogo era a troca direta, neste eles realizavam o mesmo movimento. Tentei explicar de diversas formas e dando vários exemplos práticos mas como o “lugar” numa roda em pé é algo abstrato parecia que havia sempre uma barreira que tornava aquele exercício incrivelmente difícil para o meu grupo, o que o tornava inexequível.

Sabia que estava relacionado com as capacidades e competências em falta nos participantes devido a deficiência de cada um e esse fato era algo que não podia esquecer durante as sessões. Tentei simplificar dizendo o nome do jogador que teria que trocar de lugar com outro colega. Percebi que assim foi mais fácil para eles e que o jogo começou a fluir com mais rapidez, entre risadas e comentários engraçados, embora ainda com algumas dificuldades em trabalhar em roda com um lugar abstrato.

Passei depois a pedir que os participantes tocassem no ombro do colega com que queriam trocar, criando sempre esta obrigatoriedade para assumir outro lugar, ato que funcionava em simultâneo com a minha voz de ordem “PM troca”, “NB troca”, por exemplo. Esta nova regra impediu que os participantes assumissem uma posição inexistente na roda, embora tenha sido um fator que acredito que facilitou mas não resolveu por completo o problema e a dificuldade que os meus alunos estavam a sentir. Acredito que na cabeça dele tenha surgido várias dúvidas como “Se aquele lugar está vazio, porque é que não posso ir para o lado do meu colega em vez de trocar com ele?”.

Acredito que para a PM foi um exercício bastante difícil, principalmente pelas vezes em que trocava de lugar sem ser a sua vez, ou quando era a sua vez não sabia o que fazer, chegando mesmo ao ponto de ser o NB a demonstrar-lhe como é que ela deveria de jogar. Para mim seria mais uma demonstração que a PM possuía baixos níveis de atenção e concentração que se refletia depois no decorrer do jogo. Essa explicação foi também necessária para a VE.

Sem antever de antemão todas estas circunstâncias no planeamento da atividade, deparei-me com o pensamento de este jogo ter sido péssimo para realizar com estes alunos, e confesso que estive prestes a desistir por achar que na cabeça deles estava criado o maior novelo de lã do mundo e que para mim seria difícil de desenrolar. Até que tive uma excelente ideia. Precisava de passar do lugar abstrato (ocupado por cada um quando formavam uma roda entre todos) para o lugar concreto, e fui buscar as cadeiras.

Coloquei uma cadeira a menos do que o número de participantes no jogo e eu mesma fiquei no meio. Expliquei de novo o jogo mas com a nova dinâmica e fez-se luz. Não podia ser mais simples. Eu estou em pé e preciso de me sentar, pelo que preciso de “ir pedir o lugar a alguém” para me sentar, e assim sucessivamente. O ritmo foi muito bom e não houve margem para confusões. ELES CONSEGUIRAM e eu fiquei tão feliz!! Orgulhosa até, de mim e de eles! Como já nos restava pouco tempo para realizar o segundo jogo tivemos que colocar o ponto final, logo agora que estava a correr tão bem !! Seguimos então para a avaliação.

Em geral referiram que se divertiram bastante e que trabalharam o corpo e a mente, realizando o exercício físico durante o jogo e atenção e concentração. Foi giro e diferente e até

a A4 e a A5 gostaram muito. A A2 foi mais além e disse que fizemos a “estimulação da expressão corporal, trabalhando os movimentos”. O mais importante foi quando disseram que lhes melhorava a qualidade de vida e que queriam continuar a realizar estes jogos. No fim de contas, nem tudo foi mau e aproveitaram-se aspetos bastante positivos neste jogo, excluindo o meu pensamento de que o meu grupo não tinha gostado nada da confusão que foi este primeiro jogo.

Rapidamente passa-mos para o segundo jogo “Atitudes Expressivas”, onde era suposto eles mostrarem diversas atitudes expressivas como a simpatia e a desavença aos pares. Embora tenha fugido um pouco do objetivo da sessão, todo o jogo correu muito bem. No início exemplifiquei com a A1 e correu bem, era para sermos simpáticas e imaginámos que estávamos num supermercado. A A1 começou a divagar sobre os seus filhos que se davam mal, mas de forma simpática. Depois foi a A4 e o B3 e como a A4 estava com uma expressão tímida (Cabeça e braços baixos), decidi que teria uma expressão tímida e que o B3 ia ser amigo dela (amável). Foi uma conversa muito simples que correu bem, e que se baseou em algo que os unia, a música.

De seguida, a A2 e o B1 surpreenderam-me. Mesmo antes de definir as atitudes expressivas que iriam assumir, já estavam a interpretar papéis (ou a ser eles próprios na conversa). Decidi que iam estar chateados pois estava curiosa sobre o comportamento de ambos. Correu muito bem, embora o diálogo deles tenha sido repleto de insultos (nomes de animais e outros como “Vai plantar batatas a Viseu” seguido da típica canção “Indo eu, indo eu a caminho de Viseu”). Era de prever que as gargalhadas inundaram a sala e que o bem-estar era garantido. Percebi logo que todos (e principalmente a A2) têm mais tendência para a comédia e que isso os deixa mais desinibidos. Estiveram muito bem e de Parabéns.

Depois decidi deixá-los improvisar livremente, sendo que no final e em grupo, todos teriam que definir qual tinham sido as atitudes expressivas que foram utilizadas no desempenho daquele par, sendo que esta regra seguiu até ao final do jogo, por achar que os participantes sentiam essa necessidade de expressão, não se perdendo de forma alguma os objetivos do jogo.

A A2 e o B1 continuaram “em palco”, improvisando um anúncio dos iogurtes que a A2 tinha visto na televisão onde concluímos que foram “Alegres” um para o outro.

O B3 quis depois fazer com a A2 e o divertimento foi total. A conversa foi a seguinte:

A2 – Que é do Fernando Mendes? Não o viu para aí?

B3 – Está a fazer o concurso na RTP1.

A2 – Mas de quê? De bolos? É que está a cheirar a queimado! (muitas gargalhadas de todos).

B3 – Como é que tu te chamas?

A2 – Eu sou a Maria Helena, a Taróloga! Não ! Sou a gorda, a Margarida Martins!

B3 – Estás grávida? (muitas gargalhadas de todos) Agora onde é que tu vais?

A2 – Agora eu vou a CUF.

B3 – Eu vou á pesca! (muitas gargalhadas de todos)

A conversa terminou por aqui com uma salva de palmas e pelo que o grupo demonstrava, por eles podíamos continuar com o jogo durante o resto do dia. Dei os elogios e continuamos com as conversas. O B3 quis contracenar comigo e eu fiz-lhe a vontade, também para me integrar no grupo e para que eles percebessem que não sou um elemento externo a eles. Foi uma boa

conversa improvisada e ele esteve a altura de umas excelentes gargalhadas para o público, mantendo o seu papel sem se desmanchar a rir (como um verdadeiro ator). Tivemos uma bela discussão improvisada!

Entretanto a A2 teve de se ausentar da sala e continuamos a sessão sem ela.

O B3 quis improvisar com a A1 e os dois estiveram muito bem:

B3 – A1, queres ir mais eu?

A1 – Eu? Tu vai pastar carneiros! (muitas gargalhadas de todos menos dos atores)

B3 – Anda lá! Vamos á discoteca.

A1 – Não vou!

B3 – Anda lá! Vamos á discoteca até as 3 horas da manhã!

A1 – Não vou!

B3 – Anda lá! Vamos ver as gajas pá!

A1 – Ver P\*\*\*\*? Vai tu sozinho! (muitas gargalhadas)

B3 – Anda lá! Tenho aqui dinheiro para ti!

A1 – Não!

B3 – Não? Então queres ir ao cinema?

A1 – Não!

B3 – Então queres ir onde?

A1 – Quero ir a danceteria da Caranguejeira!

B3 – Então vai tu sozinha que eu vou para aqui!

Muitas palmas, muitos sorrisos, e a A1 no final pediram desculpa pelos termos. Definimos que o B3 estava a tentar ser amigo e ela foi mal criada. Continuamos com mais algumas improvisações de diversos participantes e na última improvisação entre a A1 e a A4 houve algo muito interessante. Ambas recrearam uma situação que vivem todos os dias por causa de quem anda no baloiço do recreio, e correu bem. Apenas utilizaram a frase “Sou eu que ando no baloiço” e foi repleto de gargalhadas, pelo que foi importante aliviar um pouco a tensão que ambas poderiam estar a sentir devido a esta situação vivenciada por ambas diariamente.

No final das atuações, a avaliação. Todos acharam muito divertido e a A1 disse que podíamos fazer este jogo todos os dias. Adoraram fazer teatro e percebi que tinham noções que muitas das situações são vivenciadas na vida real. Disseram que não iam esquecer e que ajudou a desenvolver as suas atitudes entre eles. Este foi o jogo onde mais explicitamente me apercebi que se divertiram bastante e onde senti que iriam mais felizes para casa naquele dia, com memórias para recordar. O trabalho de grupo foi fantástico e sinto que se sentem mais unidos desde a última sessão.

Os “meus meninos” improvisaram livremente pela primeira vez e foram excelentes. Se eles não vão esquecer, eu muito menos. Foram excelentes e eu terminei o dia com um sorriso ainda maior.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo - A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 3 – G2 (30/10/2014)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 60M

Já passou mais uma semana e estamos novamente preparados para mais uma sessão de jogos teatrais. É verdade que me foram perguntando durante a semana se ia acontecer e realmente aconteceu, para minha alegria, e deles.

Pela primeira vez temos o B2 connosco que quis experienciar um pouco a nossa atividade, mas por outro lado, faltava a A1 no início da sessão, pelo que acabou por aparecer um pouco mais tarde, já durante o segundo jogo.

Demos então início com a habitual reunião onde expliquei que a intervenção de hoje iria seguir um pouco os moldes da última sessão, pelo que tentei abreviar ao máximo a explicação e passar rapidamente para a ação. Para falar verdade, estava um pouco insegura com os exercícios de hoje. Estava com receio que eles não conseguissem perceber e que, a semelhança da sessão anterior, se cria-se uma enorme confusão na cabeça deles, ou até mesmo que eles não se sentissem a vontade para improvisarem livremente quando fosse a altura.

Bem, coloquei todos estes sentimentos de lado e fomos para o primeiro jogo que, como planeado, foi o da “Bola Imaginária”. Confesso que procurei alguma bola e não encontrei, pelo que utilizámos um porta-lápis com um tamanho razoável que desse para jogar bem. As palavras-chave neste jogo foram: Simplificar, Atenção e Concentração.

Neste dia em especial eles estavam com os níveis de concentração e atenção baixíssimos (principalmente a A2), pelo que tive que chamar a atenção diversas vezes, com mais intensidade no início da sessão, embora tenha reparado que a medida que o jogo foi avançando, foi-se tornando mais motivador e logo menos propício a “cabeças na lua” (creio eu).

O primeiro jogo correu bastante bem, ao contrário do que eu estava a espera. Eles conseguiram transferir os comportamentos do objeto real para o objeto imaginário, sendo que quando jogávamos sem “bola”, eles conseguiram estar atentos uns aos outros para que o jogo não parasse. A que teve mais dificuldade foi a A3, que com instruções orais mais diretas como “Faz de conta que tens na mão e agora tens de mandar para o colega” cada vez que jogava, conseguiu realizar o jogo como os outros.

Logicamente que no jogo “estático” o nível de dificuldade era menor e que tive de dar menos instruções do que no jogo em “movimento”, mas os níveis de atenção e concentração de um para o outro também tiveram de ser bastante diferentes, pelo que com algumas chamadas de atenção e paragens pelo meio, eles acabaram por estar a altura e realizar ambos os jogos com sucesso.

Como o jogo foi fluído, com firmeza e segurança da parte deles durou apenas 13 minutos, pelo que terminei quando comecei a sentir que estava a chegar ao limite.

Passámos então para o segundo jogo, tendo realizado algumas alterações de acordo com o planeado. Adotando um conselho que a minha coordenadora me transmitiu, introduzi em todas as histórias improvisadas sobre os papéis sociais o objeto com que jogámos anteriormente de forma a criar uma ligação entre os dois jogos. Desta forma, aquele objeto com que brincámos assumiu múltiplas características de acordo com a situação vivenciada e fiz questão de explicar ao grupo de participantes isso mesmo, para que eles abrissem asas á imaginação.

Os primeiros foram a A2 e o B1. Fingiram que estavam no café (por minha sugestão) e pareciam-me muito tímidos, mas temos de ter em consideração que ambos tinham tido uma pequena desavença minutos atrás. Foi por isso que quis que fossem os dois a começar, mesmo para ultrapassar aquele ambiente e graças a deus resultou. A improvisação correu bem, foi bastante simples como um atendimento rotineiro num café (Pedir-Comer- Pagar-Troco).

Entretanto chegou a A1 e o B3 esteve a explicar-lhe o que tivemos a fazer na sua ausência. Aproveitei e chamei os dois para improvisar a próxima cena entre ladrão e segurança. A A1 referiu de imediato que não gostava dessa história e que não queria fazer, pelo que aceitei a vontade dela e substitui a A1 pelo B2, também para saber se ele estaria a vontade para improvisar visto ser a primeira vez que participava nas nossas intervenções.

Nesta fase permiti que fossem os clientes a decidir que objeto/características teria o nosso porta-lápis na história que iriam representar, sendo que neste caso, o B2 quis que fosse um ovo. Embora tenha começado de forma um pouco estranha e entre orientações que tive de fornecer ao B2 para que desempenhasse o seu papel (pois parecia-me bastante perdido), a história improvisada foi a seguinte:

B2 – Truz, truz! Queria um ovo. (dirige-se a prateleira e retira o ovo escondendo-o, dirigindo-se depois para a “porta”)

B3 – Hey, “Faxavor”! O que levas aí?

B2 – Não é nada!

B3 – Vá “Faxavor”! Dá cá isso, isso é aqui da loja, tens de pagar!

B2 – É meu!

B3 – Não é nada, tens de pagar!

B2 – É meu!

B3 –Vou ter que dizer à polícia!

B2 – A polícia não aceita chamadas!

B3 – (Finge que marca o numero e que fala ao telefone) Olhe por favor! Temos aqui um problema na loja.

B2 – (Ri-se desalmadamente)

B3 – (continuando ao telefone) Assaltaram-me a loja! Andam aqui a roubar coisas aqui da loja!

B2 – (Continua a rir-se)

B3 – (Continua ao telefone) Ele está a fugir! Ele está a fugir agora! Venha cá depressa Sr. Guarda! Obrigada!

B2 – (Continuou a rir-se)

Depois de uma grande salva de palmas pela representação dos dois, regressaram aos lugares sempre com um grande sorriso. O B3 teve uma representação excelente, lembrando-se bem

de aspetos importantes como foi o fato de chamar a polícia numa situação de assalto, demonstrando que se encontra bastante a vontade com este tipo de exercícios.

Depois da A1 se ter demonstrado desconfortável com a minha sugestão anterior, sugeri que improvisa-se agora uma história que se passa numa loja em que ela fosse a cliente e o B3 o vendedor. O nosso objeto transformou-se em acetona de 58,20€. Foi tão engraçado! A conversa deles foi bastante simpática, simples e intuitiva, e para melhorar as coisas o B3 fez um sotaque muito engraçado e a A1 foi mesmo buscar o cartão multibanco à sua carteira para pagar. Ambos tiveram muito bem. Mais uma salva de palmas e seguimos para o próximo par.

Sabia que para a A3 conseguir, teria que ser algo bastante simples, e teria que a aliar a alguém que puxa-se bastante por ela. Desta forma, juntei-a com a A2 e transformaram-se em Mãe e Filha, sendo que a filha (A3) faria anos e o nosso objeto era a prenda. Mais uma vez foi uma conversa simples, embora a A3 não tenha intervindo muito para além de uns “Obrigados” e um “Está bem”, tendo a A2 dominado a improvisação. Sabia que tinha de arranjar outra situação para a A3, pois queria que ela se libertasse um pouco do mundinho dela e nos mostra-se o que têm para nos dar.

Seguimos novamente para o B3 e para o B1, mas desta vez perguntei-lhes o que queriam fazer. O B3 associou-se logo a uma das suas atividades prediletas e foi buscar uma vassoura para varrer. Assim, sugeri depois que o B1 fosse um cidadão que passasse por ele e deitasse o nosso objeto, como se fosse lixo, para o chão. A conversa foi:

B3- Desculpe? Mas o que é isso de pôr o lixo para o chão?

B1 – Eu não vi o contentor homem de Deus!

B3- Então eu estou a varrer o chão e tu pões o lixo para o chão?

B1 – Eu não vi o contentor! Meu caro senhor!

B3- Agora vai apanhar o lixo!

B1 – Vá você, não tem mais nada para fazer! Tem mais vagar do que eu!

B3- Opá vai para casa!

B1 – Vá você malcriado!

B3- Então eu estou a varrer o chão e tu pões o lixo para o chão? Como é que é?

B1 – Vá você para casa!

Depois desta improvisação, decidi mudar um pouco o rumo ao jogo e pedi que a A1 troca-se de papel com o B1 e que esta desempenhasse a mesma ação inicial de deitar o lixo para o chão enquanto o B3 varria. Isto para que percebessem que cada improvisação é única e que cada um a realiza a sua maneira, podendo ser a mesma historia representada de milhares de formas diferentes. Torna-se importante referir que neste jogo quase não foi necessário chamar a atenção a ninguém pelo que se mantiveram concentrados durante o mesmo (exceto algumas intervenções “comuns” da A2).

Depois de uma desempenho similar da parte da A1 e de mais uma brilhante atuação do B3, decidi manter a mesma história e trocar a A1 de papel, sendo agora ela a varrer, e colocar a A2 como cidadã que ali deixou lixo. O que se realizou foi bastante giro, principalmente devido a atuação da A2, e sendo assim decidi transcrever:

A2- (Deixa cair o objeto) Ai a raia!

A1- Ouça lá! Mas eu estou a limpar a rua ou o curral de vacas?

A2- Eu venho do Bolhão! É raia fresca!

A1- Você leva já com a vassoura! Vá apanhar!  
A2-Issso é que eu não apanho!  
A1- Você é uma badalhoça, não têm vergonha!

Entre risadas e mais alguma interação entre ambas, a conversa acabou bem. A meu ver esta atuação, assim como outra improvisação que a A2 fez de seguida (de peixeira novamente) foi bastante importante devido ao fato de no início da sessão, a A2 se ter queixado que, numa conversa que teve com o B1 enquanto eu estava a atender um telefonema (entre o primeiro jogo e o segundo), este lhe chamou peixeira. Este fato torna-se relevante porque na hora de escolher o que queriam improvisar, a A2 insistiu que queria de fazer de peixeira, papel que desempenhou com excelência, trabalhando assim algo que a incomodou enquanto se divertia a si e aos colegas, transportando mais uma vez uma realidade (com toda a carga emocional que estava envolvida) para o imaginário da improvisação.

As improvisações continuaram, entre venda de peixe e pintura de unhas, chegou novamente a hora da A3. Resolvi, ao contrário da primeira vez, aliar a sua atuação a alguém que não domina-se toda a improvisação. Chamei o B2 e a improvisação passava-se num cabeleireiro onde a A3 estava a arranjar o cabelo. O B2 desempenhou o seu papel muito bem, improvisando com mais segurança do que da primeira vez, apesar da A3 se ter limitado a responder a perguntas que lhe fazia para a tentar orientar. Por momentos pensei que aqueles exercícios não significavam nada para ela, mas depois, com diário de bordo que escrevi, fiquei a saber que tinham sido importantes e que o meu pensamento estava completamente errado.

Torna-se relevante referir que em quase todas as improvisações que implicavam transição de dinheiro (peixaria, esteticista, loja), os participantes referiam que não tinham dinheiro para pagar na totalidade ou parcialmente a dívida, pelo que o colega arranjava sempre uma maneira de solucionar o problema, normalmente adiando o pagamento. Este fato pode também revelar que este tema pode ser bastante importante para os nossos participantes, possivelmente por se depararem com situações semelhantes muito devido a sua dependência financeira.

Depois do fim do jogo, demos início a reflexão, e como previsto, quem sabia escrever realizou-a por escrito, e quem não sabia (B1 e B2) realizou via oral e pictográfica com um desenho. Era mais um desafio e confesso que fiquei surpresa. Aos que escreviam, dei uma folha de linhas a cada um, onde pedi que escrevessem o nome, data, o que tinham sentido e o que tinham gostado mais. Não foi fácil, senti que a primeira pergunta era demasiado abstrata, principalmente para o B3 que escreveu apenas duas linhas. A A2 foi divagando mas sem responder exatamente ao que perguntava e a A1 acredito que conseguiu. Um a um, tentei puxar por eles ao nível da escrita, para que se sentissem a vontade de se exprimirem, sempre frisando que apenas eu iria ler o que escreveriam, embora ache que esse fato não tenha sido importante para eles porque a medida que lhes falava, eles respondiam em bom-tom.

A que eu pensava que ia ter mais dificuldade foi a que mais me surpreendeu. A A3, muito possivelmente pelo fato de estar habituada a escrever bastante na sala onde esta inserida redigiu um texto lindo, com o que ela tinha achado das atividades do dia de hoje.

O B2 também me surpreendeu na sua reflexão. Levei-o juntamente com o B1 para o exterior da sala. Realizei as mesmas perguntas aos dois, pelo que como sabia que o B1 se deixa influenciar pelas respostas dos colegas, decidi que ele seria o primeiro. Acredito que resultou e

que se exprimiu melhor do que das últimas vezes, mas o que mais me surpreendeu foi o B2 que normalmente costuma ser um rapaz calado, sem grande iniciativa, disse o que tinha a dizer, embora com alguma dificuldade devido ao seu problema de fala, o que também dificulta a minha compreensão.

No fim de tudo, o balanço foi bastante positivo e fiquei feliz por eles terem estado tão bem, superando os meus receios e ansiedades. Acredito que é bastante importante transmitir-lhe um feedback no fim de cada intervenção pelo que lhes disse que foram excelentes e que estava orgulhosa deles.

Gostaria referir ainda que relativamente ao B2, percebi que ele se sentiu como um elemento do grupo e como está no CAO a pouco tempo, considero esse fator importantíssimo para a sua integração. Perguntei-lhe se gostaria de continuar a vir as nossas sessões, pelo que me respondeu afirmativamente e eu comprometi-me a falar com a coordenação para esse efeito.

Sei que não há nada melhor do que transformar positivamente a vida das pessoas e o teatro é a forma mais maravilhosa de o fazer.

**JOANA GOMES**

*Diário de Bordo - A Expressão Dramática na Perturbação Mental  
Sessão 4 – G2 (05/11/2014)*

*Joana Gomes*

DURAÇÃO +/- 70M

A sessão de hoje começou muito atrasada (mais ou menos 20 minutos), pelo que para compensar tive os meus participantes todos presentes nos jogos de hoje. Bem, posso começar por dizer que hoje pareceram-me todos desorientados, desatentos, pelo que no início nem sequer conseguiam fazer uma roda com as cadeiras.

Na nossa reunião inicial expliquei o que íamos fazer e como percebi que ia ser uma tarde desafiante, pedi que tivessem o máximo de atenção e concentração possível.

Como não podia faltar, em menos de 5 minutos tive que chamar a atenção da A2 diversas vezes, por diversos motivos, como estar a falar enquanto explicava, sair da roda para ir fazer alguma coisa, estando muito desatenta desde o início, apresentando por vezes diversas desculpas para que a deixasse desistir do exercício (espelho), mas que depois da minha insistência parou. Creio que estes comportamentos foram diminuindo de intensidade no decorrer de toda a sessão.

Começámos então com o jogo do espelho em grupo, todos em forma de roda. Para que entendessem, comecei eu a realizar os movimentos e pedi para que me imitassem. Correu bastante bem, tendo em conta as dificuldades que eles apresentam, conseguiram realizar os movimentos, por vezes um pouco mais tarde, ou com mais imperfeição, mas foi algo que tentei ignorar porque já considerava uma vitória eles estarem em grupo a realizar o movimento o mais similar que eles conseguiam.

Fomos rodando por todas os participantes, onde um a um assumia a liderança e realizava os movimentos para os colegas repetirem. Correu bem, de acordo com o esperado, embora com algumas particularidades. O B1 teve pouca iniciativa, realizando poucos movimentos, tendo que ser estimulado diversas vezes, mas por outro lado, a A3 e o B2, que eram o que pensei que tivessem maior dificuldade até realizaram movimentos diversificados e com um bom ritmo. Todos os outros estiveram muito bem e a atividade foi considerada um sucesso.

Reuni-os depois aos pares, para que continuassem com o exercício, sendo que inicialmente concentre-me no B1 e A3 pois eram o par que me parecia apresentar mais dificuldade. Tive de repetir o que era esperado do exercício pelo menos duas vezes, para que conseguissem atingir o objetivo proposto, principalmente porque inicialmente estavam a fazer os movimentos demasiado rápidos e depois o colega não conseguia acompanhar. O B1 teve que ser bastante estimulado, principalmente porque realizava um movimento e depois parava, pelo que a A3 tomava a iniciativa de movimento, mudando o rumo do jogo. Tentei orienta-los diversas vezes até que conseguiram coordenar os movimentos dos dois e realizar um bom exercício. Depois troquei os “orientadores do movimento” e continuou a correr bem, tirando um ponto ou outro, muito devido a rapidez dos movimentos, e a complexidade dos movimentos que, por exemplo, o B2 fazia, que o B3 não conseguia imitar por lhe originarem dores articulares.

Pouco tempo depois, a A2 fez mais uma interrupção no jogo, o que distraiu todo o grupo, tendo que inserir mais uma regra no jogo para que voltassem a atenção e concentração com que estavam desde o início: É obrigatório olhar olhos nos olhos do colega. Este jogo considero que foi um sucesso pois tirando um pequeno riso aqui e outro acolá, eles mantiveram-se calmos e a prestar atenção ao colega e aos seus movimentos basicamente desde o início.

Seguimos depois para o segundo jogo “Vou fazer de ti”, e confesso que nunca pensei que fosse tão complicado para eles, ou melhor, para alguns deles. Expliquei-lhes o jogo com uma pequena introdução e exemplifiquei com um exercício prático e tive a ajuda da A1. Neste caso, eu fazia de A1 e ela fazia de Joana. Correu muito bem, e o divertimento foi total. Ela esteve muito bem e imitou-me muito bem. Reparei que não teve dificuldade nenhuma a realizar o exercício e senti desde o início que ela estava a vontade.

Depois pedi ao B3 e a A2 que assumissem o palco e realizassem o exercício. Correu muito bem, e percebi que ambos se conheciam bastante bem e pegaram em pontos-chave da personalidade de cada um.

Torna-se importante referir que a A2 teve um pouco de dificuldade em perceber o exercício, pedindo diversas vezes (muitas) para realizar ações características dela mesma, como fumar e ir pedir a senha do café. Este comportamento manteve-se durante o exercício, pelo que simultaneamente ia referindo características das pessoas representadas para orientar os colegas. Esse comportamento, realizado também pela A1 e pelo B3, foi desencorajado por mim principalmente pelo facto de querer tentar que fossem os participantes a pensar por si enquanto representavam alguém que conhecessem, mas acredito que a sua ansia de participar era tanta que não se conseguiam conter.

De seguida foi o B2 e o B1, e foi aqui que começaram os desafios. De alguma forma, ambos não representaram os colegas de forma nenhuma, comportando-se de forma rotineira, como se fosse uma improvisação livre. Pensei que tinha de simplificar ao máximo o exercício, e pensei que tinha de alargar ao máximo as pessoas possíveis de ser representadas. Para o B2 pensei no irmão dele, mas ele bloqueava e não conseguia representar a maneira dele falar, nem de ser, embora soubesse que ele gosta de cantar e de dançar. O B1 também não conseguiu representar ninguém que ele conhece-se e comecei a entrar em stress. Deixei-o a pensar no que iria fazer mais tarde e voltei para o B2.

Pedi-lhe que fosse ele a escolher a pessoa que queria imitar e escolheu-me a mim. Foi bastante interessante, principalmente porque ele retratou algo que tinha acontecido pouco antes de iniciarmos os jogos, quando andei à procura dele pela escola, lhe dizia para ele vir para a sala e ele ia para uma sala completamente diferente, pelo que lhe dizia e voltava a pedir para ir para a sala correta. É importante referir que o B2 utilizou mais ou menos as expressões que lhe falei e que ele associou a mim, podendo assim possuir uma memória bastante limitada, pelo que complica o sucesso nestes tipos de exercícios, onde a memória é uma das peças principais do puzzle.

Voltei ao B1 e, como ele não escolhia ninguém, escolhi alguém com quem convivesse diariamente e que tivesse características muito próprias. Ele não conseguiu imitar o colega, apenas referir as suas características, mas mesmo assim não foi mau, pois é algo que pode ser treinado e eu acredito que um dia vamos conseguir.

Depois pedi a A3 que viesse para a frente ter comigo e sabia que com ela tinha de simplificar ao máximo, orientando-a no exercício para que o conseguisse realizar minimamente. Perguntei-lhe quem era a pessoa de quem gostava mais ao que ela respondeu que era a A2. Excelente. Pedi que ela andasse como a A2, ao que ela executou sem problema. De seguida pedi para que fala-se como ela mas já não conseguiu fazer essa transição. Para simplificar mais ainda, pedi que me imitasse a mim, mas mesmo assim não foi fácil, pelo que apenas nomeou algumas das minhas características.

Antes de terminarmos o exercício, a A1 e o B3 quiseram representar uma situação habitual na instituição entre uma cliente e uma monitora. Algo que todos os participantes souberam identificar sem problema, pois eles tiveram uma representação magnífica, mais uma vez demonstrando que para eles este jogo foi bastante acessível e que por eles continuavam a representar os colegas o resto da tarde.

Perguntei depois se mais alguém queria representar outra pessoa, e entre os voluntários estava a A3, que assumiu mais uma vez a representação, desta vez da A1. Achei que depois da atuação do para anterior, ela ficou mais solta e confortável com o exercício, pelo que com as minhas orientações, conseguiu representar diversas frases da A1, assim como os movimentos que ela costuma fazer com as mãos e a sua maneira de estar na sala. Fiquei muito contente, pois é a prova de que com um passo de cada vez, conseguimos atingir os nossos objetivos e melhorar a vida deles.

Depois do sucesso da A3, tentei realizar a mesma estratégia com o B2, orientando-o na sua improvisação. Pedi que descreve-se a monitora dele, e que depois a imita-se a andar, pelo que ele a representou a trabalhar e a distribuir o lanche, ou seja, em atividade quotidianas daquela pessoa. Depois pedi que a imita-se a falar a qual ele executou muito bem. Fiquei ainda mais feliz. O B1 entusiasmado também tentou imitar outra monitora da instituição e realmente foi buscar duas das suas características mais evidentes (a maneira de andar e falar), representando-as muito exageradamente, pelo que considere que teve um desempenho muito bom. Eles estavam a evoluir em frente aos meus olhos e eram a prova de que com as orientações e as estratégias adequadas a cada participante, todos, de uma maneira ou de outra conseguem realizar os jogos e atingir os mesmos fins.

Não queria dar por terminada a sessão sem experienciar a sugestão que a minha orientadora de tese me tinha dado, dando continuidade ao “espelho”, agora não como exercício mas como objeto participante ativo das histórias improvisadas por eles, e até que correu bem. Entre bruxas e vendedores de espelhos, o exercício foi muito bom para descontrair e improvisar livremente, pelo que infelizmente durou muito pouco tempo porque ainda tínhamos de realizar a avaliação.

Chegou a hora de realizarmos a avaliação. Aos que sabiam escrever dei-lhes uma folha em branco para que escrevessem de livre vontade, e aos restantes fui para o exterior da sala realizar a avaliação oral. Ao nível da avaliação hoje foi um dia interessante, pois acredito que os meus participantes escreveram mais, e foram mais sinceros e livres na expressão do que tinham gostado mais, pelo que o resultado é muito positivo, o que me deixa tranquila e satisfeita.

Senti o B1 e o B2 muito tímidos da entrevista e no registo pictográfico, pelo que para que não se sentissem diferentes dos colegas, pedi a todos que realizassem um pequeno desenho para anexar ao texto que escreveram e assim criar uma uniformidade.

No fim da sessão senti um grande sentimento de missão cumprida e de obstáculos superados. Tenho noção e consciência de que há ainda muito para trabalhar, por ambas as partes, principalmente no desenvolvimento de estratégias que sejam capazes de alcançar todo o grupo e não apenas metade, utilizando-as desde o início da atividade para que o grupo seja apenas um todo e não duas metades.

Por isso, mãos a obra porque eles merecem!

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo - A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 5 – G2 (12/11/2014)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 60 M

A sessão de hoje foi uma sessão extremamente diferente das outras, em alguns aspetos positivos e outros negativos. Eu sabia que possivelmente iria haver um dia em que os meus participantes não iriam estar tão empenhados e colaborativos como nas sessões anteriores e hoje foi esse dia. Foi extremamente desafiante em muitos aspetos, principalmente pela falta de colaboração de alguns dos participantes em alguns dos exercícios.

Depois de uma pequena introdução como é hábito, e já com algumas intervenções “típicas” da A2 sobre assuntos exteriores a sessão, iniciámos o jogo com as massagens faciais, que por não ver grande motivação da parte deles não demorou muito tempo (cerca de 10m.). Pedi que relaxassem o corpo e desde logo o B3 criou resistência, não querendo tirar as mãos dos bolsos, pelo que depois de alguma insistência até colaborou. Depois em fila dois a dois, iniciaram as massagens faciais aos colegas, uma pessoa por par de cada vez. Mais uma vez o B3 teve alguma dificuldade em tocar na colega com quem estava a realizar o exercício, pelo que logo me pareceu estranho e tentei arranjar diversas justificações para o seu comportamento. Enquanto os restantes colegas realizavam facilmente o exercício, com algum nível de atenção e concentração em simultâneo com risos e bem-estar, tentei focar-me no par B3 e A3 que parecia-me estar com mais dificuldades.

Pensei então que o B3 estaria com receio de tocar na cara da sua colega, pelo que lhe disse que iniciasse a massagem pelos ombros, com a minha ajuda e depois fosse subindo até as bochechas. Mesmo assim ofereceu bastante resistência, tocando apenas com um dedo e realizando movimentos muito suaves. Enquanto orientava os restantes colegas, o B3 desistia de fazer o exercício e parava as massagens. Tentei então trocar o executante das massagens para ver se existia alguma resistência por parte do B3 a receber as massagens, mas antes ele foi lavar as mãos (percebi que poderia ser um problema para ele e permiti que lavasse as mãos quantas vezes quisesse). Quando foi a A3 a realizar as massagens ao B3, inicialmente criou alguma resistência, mas acabou por aceitar e até comentou que “isto dá sono”. Por perceber que existia ali um bloqueio talvez derivado a alguma experiência passada do B3, tentei falar com ele de forma a perceber o porquê desta resistência tão grande a (para mim) um simples exercício. O exercício parou. Deixei os restantes colegas a vontade para falar do que quisessem e tentei ir falar com o B3 para perceber.

Foi com alguma insistência que ele me confessou que tinha medo e vergonha de tocar na A3, que tinha medo de ir de castigo, e até de apanhar doenças. Expliquei-lhe que era um simples jogo para relaxar os músculos e que não tinha nada de mal, que somos apenas colegas e amigos que estão a realizar massagens uns aos outros e que não tinha de levar o fato de estar a fazer massagens na colega para outro lado de cariz mais pessoal. Tentei também que ele entendesse que ali ninguém tinha doenças contagiosas, pois caso contrário não estaríamos ali.

Perguntei-lhe se queria recomeçar o exercício e deixei-o a vontade de o realizar com o B2, pois achei que sendo um elemento masculino talvez o B3 não se sentisse tão constrangido. Correu bem, com calma e tranquilidade, entre risos e brincadeiras realizamos o exercício até ao fim, pelo que quando considerei que eles já estavam cansados deste jogo terminei-o com uma salva de palmas.

Torna-se importante referir que o B3 demonstrou sinais de cansaço desde o início da sessão, abrindo a boca várias vezes e fazendo uma referência a medicação que tomou a hora de almoço que, de alguma forma, contribuiu para que não tivesse tão atento aos jogos e explicações, assim como a diminuição do seu desempenho nos mesmos.

Seguimos então para o segundo jogo de dicção, onde o objetivo era introduzir os participantes a diferentes maneiras de dizer uma palavra ou falar. Reunimo-nos em roda, em pé para que o som saísse bem, e expliquei o que era pretendido. Este jogo foi uma agradável surpresa, pela positiva e pela negativa, pois quem eu pensava que iria ter mais dificuldades (A3 e B2), foram os que se esforçaram mais e conseguiram atingir os objetivos, enquanto alguns dos restantes participantes, apenas fizeram vozes que já conheciam, sem tentar explorar coisas desconhecidas.

Iniciámos então com a palavra BANANA, pelo que o objetivo seria que a disséssemos de diversas formas. Para facilitar, questionei-os se queriam realizar primeiro em grupo e depois de forma individual ou vice-versa pelo que me responderam por unanimidade que o melhor seria começar em grupo e assim foi. Todos em simultâneo dissemos a palavra e repetimos 3 vezes. Depois mudámos para outra palavra, mas como eu não estava a conseguir distinguir as vozes uns dos outros (perfeitamente normal), era impossível perceber quem estava a fazer a sua voz normal ou não, embora considere que tenha sido um bom exercício para os desinibir e que nesse aspeto resultou.

Começámos então a dizer as palavras individualmente, pelo que por sugestão da A1, a primeira foi MIAU, o que considerei bem escolhido, principalmente pelo fato de ser uma palavra conhecida e por normalmente não a dizermos com a nossa voz normal. Refiro que para que houvesse uma maior distinção entre a maneira “normal” de dizer a palavra e a maneira “diferente”, pedi que iniciassem a sua vez de jogar com a palavra dita normal e apenas depois a exagerassem, para que a diferença fosse bastante visível para mim e para os colegas.

Tudo correu bem, foi interessante, e apenas o B2 teve alguma dificuldade e perante a sua dificuldade decidiu alterar o som da palavra repetindo-a duas vezes (miau-miau). Achei criativo e aceitei a resposta dele que, embora não fosse esse o objetivo, foi a maneira que ele encontrou para responder ao meu pedido de “alterar o som normal da palavra”. A A3 também esteve bastante bem, principalmente se considerarmos que é uma participante que normalmente apenas utiliza um tom e uma melodia na sua transmissão oral, inovando a sua maneira de falar totalmente com esta palavra. Os restantes participantes também estiveram bem.

De seguida fomos para a palavra CADEIRA, apenas porque achei que seria mais fácil de pronunciar por ter as sílabas abertas, e creio que resultou, tendo o B2 arranjado a mesma técnica e criando “Cadeirinha”, mudando o som da palavra. Desta vez insisti mais com ele, embora sem resultado, tendo ficado com a ideia de mais para a frente trabalhar com ele a questão das variações de voz, o grave e o agudo, pois acredito que ele ainda não descobriu essas competências possíveis em si. A A3 também esteve bem, dizendo a palavra bem alto e

de forma distinta a sua maneira de falar. Foi um jogo divertido, havendo alguma resistência em alterar a maneira de jogar da primeira palavra para a segunda da parte da A1, mas também foi algo que aceitei com alguma naturalidade, constatando já que ela se encontrava com alguma resistência à mudança e à experimentação, mesmo depois de referir que aceitava as participações de todos e que esperava que dessem o seu melhor.

Depois, por considerar que estavam a iniciar uma monotonia neste jogo, saltámos o 3º jogo introdutório que estava planeado (onde faríamos algumas expressões faciais) e fomos para o jogo teatral, também por achar que os motivaria e que os libertaria do clima que se estava a fazer sentir.

Pedi então que formassem uma plateia e deixassem o palco livre, e fizeram-no sem esforço, o que me deixou feliz, pois pareciam grandes artistas e sabiam qual o lugar a ocupar. Enquanto permaneciam na plateia expliquei o exercício e pelas caras deles percebi que não iria ser fácil. Pela minha mente só corria o pensamento de “onde tinha a cabeça quando planeei algo tão difícil, tão abstrato”, principalmente por saber que eles lidam mal com situações e comportamentos abstratos, continuando a pensar que maneira poderia simplificar as coisas para que todos conseguissem atingir os objetivos, pelo que demos então início ao jogo.

Como o B3 estava a revelar grandes sinais de sono, pedi que viesse para o palco, assim como a A1. Desde logo a A1 referiu que apenas queria contracenar com o B1, pelo que não achei correto e lhes dei um “sermão” típico de como somos um grupo e todos somos bons a nossa maneira, e de como temos de trabalhar uns com os outros porque só assim conseguimos ser um grupo de teatro, entre outras coisas que lá consegui convencer a A1 a fazer a sua improvisação com o B3, embora não tenha sido fácil.

A A1 hoje estava mesmo do contra, teimosa como só ela sabe ser, referindo logo que só sabe falar de uma maneira e que nem sequer vai tentar falar de outra forma. Sinceramente nunca tinha visto esta atitude nela, pelo que a deixei realizar o exercício como quis na esperança de ser apenas um comportamento único e que não se volte a repetir. Orientei-os para a realização de uma cena num café (por saber que já era conhecida da parte deles), onde a A1 seria a cliente e o B3 o empregado. A cena foi bastante simples e rápida, onde o B3 desempenhou um excelente papel, arrastando as palavras no seu fim, e realizando os sons típicos de alguém que prepara um café e um copo de água. Foi giro, embora a A1 não se tenha empenhado como em sessões anteriores, demonstrando falta de motivação, algo que eu ainda queria saber de onde vinha. Durante esta improvisação, tive de pedir inúmeras vezes para a A2 se silenciar, pois estava a distrair constantemente os colegas, impedindo-os que se concentrassem, demonstrando também por sua vez a falta de atenção e concentração no exercício que os colegas estavam a realizar.

Por achar que ela estava bastante motivada, pedi então que subisse ao palco com o B2, e por escolha dela, a situação seria a mesma, onde ela faria de cliente e o B2 de empregado. Não foi fácil. Depois de representarem uma situação normal sem sotaque, pedi que repetissem frisando esta “regra” que era necessária para o jogo. Depois de iniciarem de novo o jogo, frisei de novo a “regra” e a A2 disse uma ou duas frases com sotaque esquecendo-se de seguida de o usar. Por saber como eles estava hoje, não quis insistir, referindo apenas que o B2 mostrou sinais de empenho e que notei uma evolução do seu desempenho desde as últimas sessões, estando mais criativo nas respostas, embora desorientando-se momentaneamente.

Segui depois para o último par antes de experimentar outra estratégia distinta que fosse benéfica para atingir os meus objetivos. Pedi que a A3 e o B1 fossem para o palco, pelo que depois do B1 se recusar perguntei se era necessário repetir o que tinha dito anteriormente, ao que ele concordou e foi. A situação era rotineira, onde a A3 estaria numa banca a vender fruta e o B1 seria o cliente. Das três situações criadas neste exercício, esta improvisação foi a que eu achei que correu melhor apesar de ter sido a mais curta. Expliquei bem aos dois o que era pedido e iniciaram a conversa. A A3 mandou logo um grito a perguntar quem queria fruta como se fosse uma verdadeira vendedora (foi excelente), pelo que o B1 respondeu como uma pessoa de alta sociedade, falando mesmo como algumas pessoas dessa faixa social costumam falar. Fui pedindo para que a A3 falasse mais coisas, ao que ela correspondeu perfeitamente referindo que a fruta é boa e respondendo ao B1 em relação ao preço. Foi muito bom e foi também a melhor forma de terminar o exercício com uma salva de palmas.

Como não sou de desistir fácil, e como considerei que nem todos tinham conseguido perceber e executar os objetivos que propus para esta atividade, decidi inicialmente pedir para que voltássemos a nossa roda inicial, onde acredito que todos podemos ser sinceros e dizer o que pensamos. Tentei que fizessem sons de varias maneiras, uns graves e outros agudos, todos juntos, pelo que quando tentei que a A1 fizesse um som grave, esta respondeu que não queria e que só queria fazer “guinchos”. Achei muito estranho esta resistência da parte dela e quis perceber o porquê.

Comecei por querer entender o que eles estavam a sentir e a pensar, de forma a tentar perceber o porque de esta sessão não ter corrido tão bem como as outras anteriores. Sendo assim, confessei-lhes com sinceridade que gostava muito deles e que os tinha escolhido por achar que necessitavam de um espaço durante a semana onde eles poderiam ser livres na forma de pensar e de agir, poderiam ser quem quisessem e como quisessem.

Expliquei que os problemas ficam lá fora e que este era um espaço para brincarmos e para rirmos, e que queria perceber porque é que hoje estavam assim, presos e tristes. Começámos então a falar, e percebi algumas razões, principalmente a A1, o que para mim foi tranquilizante por perceber que não tem a ver comigo nem com as minhas intervenções. Perguntei-lhes se gostavam e se queriam continuar, pelo que me responderam afirmativamente.

Depois, como por magia, o B3 começou a dizer “Eu não gosto de ti” com sotaque, ao qual eu acompanhei na improvisação, e quando percebi já éramos todos a falar uns com os outros de maneiras estranhas e totalmente diferentes. Exceto a A1 e o B2 que apenas acompanhou com alguns sorrisos. Puxei por ambos, ao qual apenas o B2 tentou realizar alguns exercícios e na sua maioria o resultado foi positivo. Continuámos com exercícios graves e agudos, e alguns dos participantes conseguiram executar perfeitamente principalmente o B3 e a A2. Depois de alguns minutos neste jogo até que o tempo apertou. Pedi que durante a semana pensassem que as quartas a tarde servem para o bem deles e que servem para desanuviar e brincar. Depois de mais uns desabafos da A1, tentei confortá-la e seguimos para a avaliação.

Outro desafio. O B3 disse logo que não queria escrever, mas depois de alguma conversa com ele, aderiu sem grande dificuldade, escrevendo algumas coisas que lhe fui orientando para escrever. Outra informação importante que acho que deve aqui ficar registada foi as palavras da A1 no seu diário de bordo onde pediu desculpa pelo seu comportamento e onde admitiu que não poderia repetir no futuro, terminando que ficou mais ou menos feliz com a intervenção. Depois da tarde de hoje, considerei estas declarações da A1 uma vitória, pois percebi que ela teve noção do seu empenho e que vai tentar melhorar.

Sinto que tenho tanto para aprender com eles. Sinto que estou a complicar cada vez mais e que por vezes isso cria um bloqueio na cabeça deles e que se torna difícil depois de desenrolar esse nó, quando supostamente deveria de simplificar ao máximo os exercícios, trabalhando com algo concreto e não abstrato, explicando de forma simples e com exercícios simples, para que passo a passo eles consigam chegar lá. Senti-me como se tivesse dado um passo maior que a perna, e que eles depois de tanto insistir, conseguiram como por milagre seguir e fazer o exercício que eu estava a espera.

Por outro lado, senti que houve uma evolução por parte de alguns alunos e que o fato de os outros estarem com um comportamento de desmotivação os evidenciou de alguma forma, colocando-os no centro da sessão, o que considero que para eles foi muito bom e extremamente necessário para o aumento da sua autoestima e motivação.

Uma quarta-feira de cada vez.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental Sessão 6 – G2 (19/11/2014)*

*Joana Gomes*

### DURAÇÃO +/- 60 M

Depois de a A2 me perguntar todos os dias desde o início da semana se haveria teatro hoje, chegou finalmente o dia, e começou como de costume, com a nossa reunião redonda, onde fiz questão de frisar que queria que esquecessem todos os problemas lá fora e que ali ia ser um local sagrado onde iríamos brincar e divertir-nos um pouco.

Todos concordaram e assim sendo, expliquei de seguida os jogos que íamos fazer hoje e a sua evolução, dando alguns exemplos práticos para a compreensão ser mais fácil. Depois de todos perceberem o que íamos fazer, demos início a sessão, com algum entusiasmo nos olhos deles, o que foi muito motivador para mim.

Ainda sentados, dividi logo os participantes em dois grupos de três elementos, e tentei que estes fossem equilibrados, pelo que os participantes que eu achei que fossem ter mais dificuldade (a A3 e o B2), ficassem um em cada grupo também para que simultaneamente os colegas os pudessem ajudar caso fosse necessário.

Assim, as cadeiras foram colocadas a parte e os dois grupos colocaram-se frente a frente, comigo no meio a segurar no lenço. Como planeado, inicialmente distribuí números (de 1 a 3) aos participantes de cada um dos grupos, pelo que tive em consideração a sua colocação no espaço, tentando que os números respetivos ficassem frente a frente e assim a distância para o lenço seria igual.

Este foi um jogo que necessitava de bastante capacidade de atenção e concentração e acredito que resultou bastante bem, apesar de no início terem andado um pouco desorientados, muito possivelmente por ser um jogo novo para a maioria e de ainda se estarem a habituar ao mesmo. Como previ, a A3 e o B2 foram os que tiveram dificuldade neste jogo, principalmente na memorização do seu número (e mais tarde o seu movimento) e também na sua capacidade de estímulo-ação, estando muitas vezes apáticos quando é acionado o seu estímulo/número. A medida que o jogo com os números foi avançando, fui relembrando a A3 e ao B2 quais eram as suas palavras-estímulo a qual eles teriam que responder, mas apesar disso acredito que não foi fácil para eles. Cheguei até a alterar o número do B2 para um número a sua escolha (ele escolheu o número quatro), mas mesmo assim não resultou. Tenho de começar a pensar seriamente nas questões de memória com estes dois participantes, de forma a simplificar os jogos para que a sua integração seja maior e melhor, assim como o seu desenvolvimento de competências.

Confesso que o comportamento do B2 hoje me deixou um pouco preocupada. Ele parecia-me triste, esteve maioritariamente calado durante toda a sessão, demonstrando sinais de desorientação e principalmente de falta de atenção e de concentração. Perguntava-lhe se estava tudo bem ao que ele sempre me respondeu que sim, mas mesmo assim não estava nos seus melhores dias.

Com a continuação do jogo dos números, a A3 foi respondendo com mais facilidade ao seu número, mas na maioria das vezes serem os colegas a chamar por ela e pelo B2 para eles irem buscar o lenço pois era a vez deles. Isto gerou um sentido de interajuda e de grupo fantástico entre os participantes, principalmente entre a A1 e a A3, pelo que explicarei o porque um pouco mais à frente.

Depois dos números, seguimos para os movimentos: Correr, Saltar e Andar. Para dificultar um pouco as coisas, mais para ver se seriam capazes de se orientar, troquei a ordem dos movimentos entre os elementos do grupo, ou seja, o que anteriormente acontecia com os números de estarem os participantes com o mesmo numero frente a frente, deixou de existir, estando agora todos trocados. Acredito que não facilitei as coisas, mas também reparei que para alguns dos participantes (os do costume) não foi nada assim de especial.

Desta forma, coloquei a A1 e a A3 a andar, a A2 e o B2 a saltar e o B3 e B1 a correr, sendo que o andar e o correr tinham as suas posições cruzadas e o saltar estavam frente a frente. Iniciei logo com o andar, pelo que a A3 continuou a revelar a mesma dificuldade a responder ao estímulo como aconteceu no jogo anterior (comecei a pensar se seria por ser uma palavra insignificante, sem motivação para ela). Ao ver a A3 em dificuldade, a A1 propôs-se logo a ajudar dizendo-lhe que teria que avançar sempre que ela chamasse o seu nome (algo que acabou por resultar bastante bem).

Considereei bastante importante esta iniciativa de interajuda por parte da A1, principalmente por respeitar as dificuldades da colega e por ter continuado a arranjar estratégias que facilitassem a participação da mesma, como foi, por exemplo, o fato de me ter pedido a autorização para trocar de lugar com o B1, colocando-a de frente com a A3, criando um melhor contato visual entre as mesmas.

Teria sido importante assumir o mesmo tipo de apoio para com o B2, pois ele também continuou com o mesmo tipo de dificuldades, mas assim tornou-se mais visível a importância de um apoio e a diferença entre ambas as prestações perante o mesmo tipo de dificuldade. Para a próxima sessão já vou incumbir um colega dessa tarefa.

Durante a continuação destes jogos, fui frisando que necessitavam de atenção e concentração e para estarem bastante atentos a minha voz. Também se torna importante referir que durante o jogo, a A2 foi fazendo as suas intervenções descabidas do costume, assim como tentou fazer alguma batota, mas comigo não teve hipótese. (LOL)

Fizemos o jogo dos movimentos mais algumas vezes e depois seguimos para as personagens. Confesso que tive medo da reação deles e pensei por momentos que se calhar estaria a complicar, mas como nunca ia ter a certeza se não experimenta-se fomos para o desafio de cabeça erguida e correu fantasticamente bem. (☺)

Mantendo os grupos, perguntei qual era o elemento de cada grupo que queria assumir o papel de Velhinho, Peixeiro ou de Dançarina (sugestão da A1). Gosto sempre de aproveitar as sugestões que os participantes me entregam, principalmente porque esse fato vai aumentar a sua motivação e entrega ao jogo, tornando os resultados extremamente melhores e mais visíveis. Desta forma o B3 e o B1 ficaram com os velhinhos, a A2 e o B2 com os peixeiros e a A3 e a A1 com as dançarinas.

Inicialmente foi um pouco difícil fazer com que andassem e fossem até ao lenço assumindo a personagem de cada um, mas com a continuação do jogo as coisas foram normalizando, tendo o B1 demonstrando novamente dificuldade, embora os colegas o tenham ajudado bastante na caracterização (maneira de falar e andar) da personagem que estava a assumir. Ele repetia o que os colegas diziam e até se saiu bem, embora a A3 o tenha abafado bastante, tendo depois que pedir um pouco de “espaço” para que ele se pudesse exprimir.

Todos estiveram muito bem, esforçando-se para se comportar de acordo com a sua personagem. Assim sendo, houve dançarinas a dançar, velinhos a correr e muito peixe para comprar. Foi divertido.

Depois de uns minutos de descontração, passámos para o nosso momento de improvisação. Como o B3 começou a demonstrar sinais de quem já estava farto de estar em pé, pedi para que fossem buscar cadeiras para se sentar, mas que mantivessem os grupos para haver uma perfeita distinção entre os mesmos. O nosso jogo de improvisação consistia em inventar conversas entre as personagens que anteriormente estavam a jogar ao jogo do lenço, e apenas ia participar um elemento por grupo de cada vez para contracenarem.

Os primeiros a subir ao palco foram o velhinho B3 e a dançarina A1 e estiveram muito bem. Inicialmente a bailarina ajudou o velhinho a passar a passadeira e depois levou-o ao centro comercial, mais precisamente a Worten para comprar uma aparelhagem. A certa altura entrou a A2 que fez de empregada, o que tornou a representação ainda mais interessante. Entre conversa sobre dinheiro e formas de pagamento, o tema comum de “não ter dinheiro que chegue” regressou, assim como uma solução fácil de pagar em multibanco, com código, fatura e sorteio. Foi bastante giro e todos bateram palmas.

De seguida, a A3 foi fazer de bailarina e contracenou com o velhinho B1. No início a A3 baralhou-se um bocadinho pedindo peixe ao velhinho e expliquei que ele não era o peixeiro mas sim um senhor já de idade. Dessa forma, a bailarina pediu-lhe dinheiro, ao qual o velhinho lhe respondeu para ela ir ao banco. Fui orientando a A3 para continuar a interagir com a outra personagem, e foi-lhe perguntando coisas do quotidiano como se queria brincar com ela, ou arrumar a sala, fazer o comer ou se precisava de ajuda, pelo que o B1 esteve sempre a altura de uma resposta como se fosse alguém de certa idade com respostas como “no meu tempo não brincava querida”. Foi muito interessante e também mereceu uma salva de palmas. Reparei que o B1 esteve muito bem e bastante criativo nas suas respostas, revelando uma maior liberdade criativa e teatral do que nas sessões anteriores.

O velhinho B3 regressou ao palco para ir comprar peixe ao B2 que era peixeiro. Inicialmente o B3 teve alguma dificuldade a entender a posição de cada um, mas depois de lhe explicar que ele era um velhinho de 89 anos (senti que necessitava de coisas concretas), o B2 logo se inclinou e pôs-se marreco a falar muito baixinho (também me pareceu que seria um pouco surdo). Seguiram depois para uma maravilhosa representação dos dois, onde o peixeiro nos revelou que não tinha peixe. As gargalhadas dos colegas foram constantes mas os atores conseguiram manter a concentração. O velhinho acabou por pagar o peixe que o peixeiro não tinha e este teve que acabar por devolver ao velhinho. Também mereceram uma grande salva de palmas pois estiveram muito bem. Constatei que o B2 se libertou um pouco mais aqui, embora continue a achar que não estava nos seus melhores dias. O B3 no final agradeceu ao B2 a improvisação que ambos fizeram, o que eu achei nobre.

Por último a bailarina A1 subiu ao palco para ir comprar uma quantidade astronómica (17Kg) de bacalhau, entre outros tipos de peixes. Foi uma conversa interessante, entre carapaus e lulas, terminou com uma grande salva de palmas e com uma vénia de ambas (UAU).

Para acabar em beleza as improvisações, sugeri a todo o grupo que o nome para o nosso grupo de teatro fosse “Teatrei” como conjugação das palavras “teatro” e “cercilei”, a qual todos concordaram com bastante animação e ficaram por inventar um logotipo para o nosso nome.

Informei depois que iríamos de seguida realizar a nossa reflexão escrita, pelo que a A1 logo me perguntou se não o poderíamos fazer oralmente. Expliquei-lhe então que nas nossas sessões tentava desenvolver capacidades que eles pudessem usar também no seu dia-a-dia, e que a capacidade de se exprimirem por via escrita era bastante importante. Voltei a referir que os diários que escreviam eram algo bastante pessoal e que apenas eu iria ler. Depois de todas as dúvidas resolvidas, seguimos então para a reflexão oral, escrita e pictográfica dos participantes, onde voltei a reparar que o B2 não estava para grandes palavras hoje, tendo sido bastante sucinto nas suas respostas.

No final da sessão, considerei que foi um dia bastante divertido, onde pudemos brincar e improvisar sem problemas, onde mais uma vez percebi que a memória pode ser um grande entrave no desenvolvimento dos jogos exploratórios, assim como ficou provado que com interajuda entre os participantes, todos conseguem atingir os objetivos do mesmo e sentirem-se todos felizes e integrados. É uma aprendizagem constante.

“Quero que dure para sempre...”

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo - A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 7 – Teatros (26/11/2014)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 60 M

Confesso que o tempo tem passado a correr e que sem dar por isso já é quarta-feira outra vez e estamos de volta a nossa sala pequenina, com os meus meninos grandes, que me foram perguntando desde segunda-feira se hoje havia teatro: “Joana, amanhã há?”. Confesso também que hoje vim um pouco receosa para a nossa sessão pelo fato de quando cheguei a escola, a primeira coisa que o B3 me disse foi “Joana, hoje não sei como vai ser no teatro porque estou cheio de sono!”, ao qual respondi “Oh B3, logo hoje que tinha preparado algo tão divertido para ti!”. Vi na cara dele que os olhos brilharam e que a sua atitude se alterou um pouco, mas mesmo assim, nunca se sabe o que poderia acontecer.

Esse é um dos aspetos que tenho vindo a sentir um pouco ao longo das sessões mas que por alguma razão nunca o referi anteriormente. Este tipo de público é especial em todos os aspetos, principalmente na sua personalidade um pouco instável, onde num minuto são as pessoas mais felizes do mundo e no outro já está o mundo virado do avesso, o que por vezes cria uma barreira para a total execução das sessões e posterior alcance dos objetivos. Embora esse seja um fator que poderá influenciar as aulas, até hoje não o senti assim com grande intensidade (exceto na sessão número 5) mas isso não quer dizer que não aconteça no futuro. É importante também referir que alguns dos meus alunos lidam mal com a frustração e não gostam de ser contrariados, demonstrando sinais de teimosia e falta de confiança, o que por vezes também bloqueia os jogos. Dito isto, avancemos.

A sessão de hoje começou com a habitual reunião redonda, onde lhes expliquei o que era a mimica e como se jogava visto alguns dos participantes nunca o terem feito antes. Depois de lhes explicar o primeiro jogo, decidi com eles, escrevendo posteriormente num papel, quais as ações que iriam ser representadas no jogo. Comecei eu com a sugestão de “regar uma flor” de forma a potenciar a participação deles. A A2 disse “Jogar a bola”, a A1 sugeriu “Dançar”, o B3 disse “Ter um carro” ao que eu adaptei para a ação “Conduzir um carro”, o B2 disse “Música” ao que adaptei para a “Ouvir música”, e por último, depois de varias sugestões difíceis de executar sugeridas por alguns dos participantes, como andar de cavalo e fazer as camas, definiu-se “falar ao telefone” como a última ação a executar, havendo assim, uma ação para cada participante. Coloquei todos os papéis numa caixa, colocamos as cadeiras em plateia e pedi voluntários para iniciar o jogo que possivelmente por ser um pouco fácil, até correu bem e foi bastante rápido (15m.)

Com grande entusiasmo, a A2 foi a primeira a tirar o papel e imitou brilhantemente um condutor a “conduzir um carro”. Para tornar as coisas mais simples, permiti que usassem sons para se exprimirem, sendo que demorou pouco tempo até a A1 saltar e dizer qual era a ação que a A2 estava a representar. De acordo com a planificação, pedi então para a A1 representar a ação que tinha calhado a A2, pelo que ela me respondeu que não sabia fazer porque não aprecia as pessoas a conduzir. Pensei “Vão começar os desafios” pois quando a A1 começa a ser teimosa, dificilmente para e adere ao que propomos. Tentei convencê-la e disse-me logo

que “Não gosto de ser contrariada”, pensei “Uii, e agora?”. Instantaneamente peguei em duas cadeiras e disse-lhe para ela se sentar ao meu lado porque lhe ia ensinar a conduzir. Foi como magia. Apesar de ter voltado a dizer que não queria fazer, num instante a A1 já estava a simular que estava a ligar o carro e a conduzir, tudo isto com uma boa dose de comédia e risadas entre todo o grupo porque eu estava a fazer figura de palhaça, literalmente. Mas o que importa é que resultou. Ufa.

Seguimos depois para o próximo participante, o B3 com o papel “ouvir musica”, algo que foi facilimo para ele pois é algo que ele adora fazer e representou sentado, calmo, a cantar, como ele costuma fazer quando ouve música. Logo a A1 descobriu a ação do B3 mas desta vez não quis representar porque não tinha música. Disse-lhe para fingir, para fazer teatro mas não insisti muito e pedi ao B2 que o fizesse. Ele esteve muito bem, disse que era como se estivesse na discoteca.

De seguida foi a A3 a mostrar aos colegas como se “fala ao telefone”. Como sempre esteve muito bem e mereceu muitas palmas, embora tivesse tido alguns problemas na ocultação do papel para com os colegas. Para representar a mesma ação, a A2 simulou uma conversa com um amigo de Paris e correu bem.

Depois foi o B2 a “dançar” e a A3 a repetir muito bem o que o colega tinha feito. Confesso que ela até tem jeito para a dança. Foi uma das ações mais divertidas que gerou mais sorrisos e palmas.

“Jogar a bola” foi a ação que calhou ao B2, que ao contrário da semana passada, hoje estava muito mais comunicativo e participativo e representou a ação sem dificuldade nenhuma, tendo sido repetido pelo B3 que adora jogar futebol.

Por último a A2 esteve a “regar uma planta” sem teimosia e o B1 repetiu também sem dificuldade alguma.

No fim do jogo senti que todos tinham conseguido atingir os objetivos propostos para o mesmo e que tinha finalmente conseguido um jogo que fosse acessível a todo o meu público-alvo sem exceção, principalmente para o B2 e para a A3. Ambos estiveram muito bem e não se atrapalharam em nada, possivelmente por serem rotinas que fazem parte do seu dia-a-dia, transformando assim esta atividade numa recreação de ações que eles já conhecem previamente, tornando a atividade, a meu ver, bastante acessível.

Desta forma seguimos então para o segundo jogo, este de improvisação com base nas ações que cada um representou antes. Confesso que este jogo teve coisas bastante positivas, mas que pouco depois de iniciarmos o jogo tive de alterar um pouco a dinâmica porque pensei que o nível de motivação da parte deles estava a diminuir. Expliquei que hoje íamos tentar fazer teatro/improvisar com 3 pessoas ao mesmo tempo. A cara deles foi fantástica. “3? ... Eia”. Disse-lhes que sim, e que só um bom grupo o conseguia fazer e como acreditava neles, sabia que eles conseguiam. Ficaram contentes e dei início ao jogo.

A A1 e o B3 começaram por simular um teatro onde a A1 estava a regar uma flor e o B3 lhe atirava a bola para cima das plantas. Dei-lhes algum material (bola de papel, luvas, um regador (copo) e uma flor (improvisada) e deixei que improvisassem ao gosto deles. Custou a arrancar mas correu bem, foram bastante criativos e pouco depois, a A1 perguntou se o B1 podia entrar para fazer de conta que era o pai do B3 (FANTÁSTICO NÃO?). Entrou o B1 e começou a fazer o

registo (de tia de cascais) que costuma fazer em todas as suas personagens. Parei o jogo e perguntei-lhe se era assim que o padraço dele falava. Disse-me que não e assim sendo pedi para ele o imitar a falar. Aí sim, apareceram as dificuldades, disse-me que não conseguia, pelo que propus para que ele troca-se de papel com o B3, para que este lhe mostra-se como fazer. A partir daí o jogo fluiu naturalmente, com a continuação de um texto bastante criativo por parte dos três participantes, com direito a repreensão (do pai ao filho) e pela primeira vez no jogo de hoje, fizemos improvisações com três pessoas. Foi muito giro e tínhamos conseguido.

A seguinte improvisação foi bastante simples. A A3 ia dançar e o B2 passar música numa discoteca. A ideia era o B2 parar a música e gerar-se um diálogo a partir daí mas pensei logo que seria muito abstrato para os participantes que eram. Mesmo assim conseguiram representar durante alguns segundos a situação e pensei que tinha de mudar a minha estratégia para fazer com que estes dois participantes estejam mais a vontade para improvisar, possivelmente se forem mais orientados.

Depois, e já com uma das nossas psicólogas do CAO a assistir (com curiosidade) as nossas improvisações, a A2 simulou que estava a conduzir um carro e que atropelava sem querer o B1. Confesso que estiveram ambos muito bem e que foi uma improvisação com bastante piada, apesar de ter sido um pouco confuso e de o B1 ter assumido um pouco o papel de um polícia, pedindo o dinheiro da multa e com direito a cheques e Sócrates pelo meio. Foi interessante mas breve.

Seguimos para uma apresentação com 3 participantes, a A1, o B3 e a A3 que estavam num café a planear uma viagem. Bem, claro que foi bastante abstrato e que a A1 rapidamente dominou a conversa com a sua viagem para Alemanha. O B3 lá lhe foi respondendo mas pedi a intervenção da A3 e a improvisação abrandou, tendo que intervir bastante. Decidi colocar a A2 como a empregada do café e como por magia já todos andavam a fazer pedidos ao empregado, dos mais variados e com as mais variadas situações. Entre a conversa posso destacar que a cozinha do café incendiou-se e que os clientes tiveram que pagar em euro “alemão”. Com uma grande salva de palmas, terminou esta improvisação e assumi uma nova dimensão do jogo.

Desta vez, iria ser eu a “puxar” pelos que tinham mais dificuldades, um a um, não só para lhes dar mais confiança mas também para os pôr a vontade e para saberem que estou do lado deles para os apoiar, que estou com eles para os ajudar a serem mais e melhor na expressão dramática e que não faz mal em fazermos o que nos vêm a cabeça espontaneamente. Posso confessar que estes foram sem sombra de dúvida os melhores momentos da tarde.

Comecei pelo B2 e coloquei-o numa situação interessante para ele. Estava-mos os dois dentro do carro e era ele a conduzir. Fui orientando a improvisação mas as ideias foram dele e estive à altura, com direito a polícia (A2) e muitas gargalhadas. De repente, ficamos sem gasolina e o B2 teve a ideia de colocarmos água na gasolina porque ele achava que assim o motor andava. No fim de contas o carro começou a tremer, explodiu e tivemos de fugir. Foi muito giro. 😊

Depois fui buscar a A3 e fomos as duas ao cinema, com a ajuda do B3 que nos vendeu os bilhetes para podermos ver a Bela Adormecida. Foi interessante porque mesmo antes de termos pago os bilhetes, já o B3 estava atrás das cadeiras a fingir que rodava uma daquelas máquinas antigas que passavam os filmes!! As coisas que eles vão buscar á sua memória, nunca eu chegaria lá. Por vezes esquecemo-nos das coisas mais simples. Pedi então que volta-se para podermos pagar os bilhetes e depois eu e a A3 fomos sentar com direito a pipocas

e tudo. Perguntei quem queria representar a Bela Adormecida com o B3, a qual a A2 aderiu logo com entusiasmo e como por magia já estavam os dois a dançar e cantar no meio do palco. Sei que não tinha a ver com o próprio filme, mas como os vi tão entusiasmados, considerei que fosse a versão musical do filme e foi fantástico.

De repente, parecia que estamos num concerto. Todos (exceto a A2 e o B3 que continuavam a dançar e cantar com fervor) estavam em frente ao palco de braços no ar, a dançar e gritar “só mais uma”.

De repente, tinha o grupo todo a representar e quase nem dei por isso. De repente, estavam todos felizes e sabia que estavam a apreciar o momento com muita alegria. Fomos um verdadeiro grupo e depois de uma grande salva de palmas e de autógrafos, muito bem simulados, passámos para a improvisação seguinte.

Pedi ao B2 que representa-se comigo. Ele escolheu estarmos num funeral e eu era uma cidadã curiosa. Foi muito cómico e o B2 este á altura das respostas. Tive direito a conduzir o carro funerário e perdi o caixão pelo caminho. Muitas gargalhadas e o meu objetivo foi cumprido.

Para terminar as improvisações, eu e o B3 jogámos um pequeno jogo de ping-pong e foi bastante divertido.

Seguimos então para a habitual reflexão pessoal dos participantes e pelo que pude ler, o feedback foi bastante positivo, sempre com boas palavras para ler e com muita alegria entre linhas.

Na sessão de hoje todos brincámos e jogámos ao teatro. Rimos e gritámos com o teatro. Tive a oportunidade de ver a imaginação deles fluir livremente e é algo que infelizmente não podemos ver todos os dias. As palavras-chave continuam a ser Simplificar e Motivar e creio que se eu me for envolvendo cada vez mais nas atividades, também eles assumem essa motivação de inovar e improvisar cada vez melhor e de formas cada vez maiores.

Acredito que quem nos tira a imaginação, tira-nos tudo. Então eu prefiro imaginar que isso nunca vai acontecer.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 8 – Teatrei (7/1/2015)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 60 M

Passado um mês desde a última intervenção, estávamos novamente de regresso, alguns pelo que eu questionei, com bastantes saudades de fazer teatro e se divertirem. Mas eu tinha uma surpresa especial para eles: Um novo projeto, uma atividade deles e criada por eles, onde tudo se cria ao seu redor.

Iniciámos então a nossa prática com a habitual reunião redonda, onde podemos conversar, trocar ideias e preparar tudo o que se iria desenrolar a seguir, de forma mais prática. Iniciei com uma pequena reflexão sobre os jogos que realizámos no ano passado e eles ainda se lembravam de algumas coisas interessantes, como os sketches da peixeira e do café.

Expliquei então que a partir de hoje iríamos criar a nossa peça de teatro e frisei com bastante importância que iria ser um projeto deles e para eles, que não se destinava à representação para um público, mas que era para eles trabalharem diferentes competências (atenção e concentração, imaginação, criatividade) e para se divertirem entre todos, sendo que eles iriam ser o meu principal foco de trabalho de forma a conseguirem atingir este objetivo com sucesso. Frisei também que teria de ser um trabalho de grupo e de equipa onde todos teriam que participar.

Aceitei então a sugestão da minha orientadora de tese e comecei por questioná-los de forma a conseguirmos encontrar respostas e orientação para o início da nossa história, com as perguntas onde decorre a história, com quem e o que acontece.

Em relação ao contexto, confesso que inicialmente foi difícil conseguir que percebessem o que eu pretendia com o lugar da história, com o sítio onde vai acontecer a ação, sendo que tive de dar alguns exemplos básicos e depois as sugestões foram fluindo, com a exceção do B2 e da A3 que permaneceram calados e inativos, tal como acabou por acontecer na restante sessão, algo que abordarei mais a frente. O B3 sugeriu (se calhar logicamente) que a história se poderia passar na nossa cabeça, o que achei válido e complementei que poderia ser um sonho de alguém. De seguida a A1 disse que podia ser num avião e a partir daí tudo foi surgindo passando pelo comboio, autocarro, praia, rio, escola, supermercado, restaurante, imobiliária, hospital, agência, café, passeio, Fátima, etc. Tentei explicar que o espaço seria apenas imaginário que iríamos imaginar na sala, e que não seria para representar naquele lugar físico específico na realidade. No fim das sugestões, pedi para que um a um escolhesse qual tinha sido a que foi mais do seu agrado, pelo que, no final da contagem, o supermercado ganhou pela maioria. Estava escolhido o local da nossa história, passamos então à escolha das personagens.

Pedi que me sugerissem diversas pessoas que normalmente podemos encontrar num supermercado para que assim conseguíssemos encontrar as personagens da nossa história, e pouco tempo depois estavam escolhidas. A empregada da caixa, o gerente e o cliente seriam as personagens principais, sendo que alguns participantes também sugeriram a senhora da

limpeza e as funcionárias de apoio ao cliente, mas para não complicar mantive apenas as primeiras três. Das personagens passámos à ação.

Expliquei que teria que acontecer alguma coisa no supermercado que envolve-se aquelas personagens e pedi que sugerissem o que lhes viesse à cabeça. A A1 rapidamente respondeu que o cliente poderia levar alguma coisa da loja sem pagar, pelo que depois se chamava a polícia. Achei a sugestão bastante interessante e pedi rapidamente que colocassem as cadeiras para trás para que pudéssemos passar para a ação e realização da nossa história. Desta forma, o improvisado iria-se fundir com o que todo o grupo já tinha definido para a história e esperava que surgisse uma peça de teatro interessante.

Coloquei uma mesa a fazer de caixa de supermercado, uma cadeira para a empregada se sentar, no fantocheiro coloquei alguns objetos para que pudessem servir de chamariz para o ladrão e distribui papéis. Inicialmente coloquei apenas as três personagens principais para não complicar em demasia a situação. A A2 na caixa, o B3 como ladrão e a A1 como gerente. Posso dizer que foi a confusão total e que mais uma vez, os altos níveis de orientações abstratas fizeram com que inicialmente o objetivo não tenha sido cumprido. O B3 pegou num copo e dirigiu-se à caixa perguntando o preço e depois fugindo sem pagar, pelo que a reação da A2 foi nula tendo ficado apenas a rir. Depois de lhe dizer que ela tinha de fazer alguma coisa, começou a imitar o som do carro de polícia e a fingir que fazia uma chamada para os mesmos a pedir ajuda porque tinha sido assaltada. Aproveitei para introduzir a personagem da polícia na história (o B1) mas ele pouco fez a não ser dizer que não podia fazer nada naquela situação. Depois de toda esta confusão, que na altura pareceu-me caótica, decidi terminar com esta tentativa e passar à próxima.

Troquei as personagens. O B3 pediu-me para ser o homem da caixa, e pedi para que a A1 fizesse de cliente. Esta rapidamente me disse que não gostava de fazer este tipo de personagem (ladrão) e que não queria ser contrariada. Expliquei-lhe que era apenas a fingir e que ela teria que se adaptar a todas as personagens das histórias pois só assim conseguiria ser uma verdadeira atriz, mas nada a fez demover da ideia, pelo que aceitei a vontade dela e coloquei-a como gerente, sendo que assim a A2 iria fazer de ladrão. Não foi nada fácil. A A2 colocou um cachecol num saco que lhe providenciei e dirigiu-se à caixa para perguntar “quando custava o objeto que não sabe onde colocou”, vagueando em seguida entre possibilidades de dívida e empréstimos ao banco. Achei que alguma coisa estava mal e para simplificar ainda mais as coisas, decidi definir o conceito de ladrão que era o que parecia estar mais em falta, mas antes disso senti necessidade de recapitular o que tínhamos definido na reunião anterior.

Expliquei que por termos decidido utilizar aquelas 3 personagens específicas, tínhamos que orientar a ação da nossa história para que todas tivessem a possibilidade de entrar, sendo que tentei definir uma sequência lógica para o decorrer da ação para tornar mais explícito e simples para todos: Ladrão rouba, passa pelo senhor da caixa, que chama o gerente, que chama a polícia. Pedi então depois que me definissem entre todos o significado de roubar e de ladrão, pelo que a A1 foi a que melhor sabia o que era preciso para se ser um ladrão exemplar, passando pela observação das câmaras, olhar para ver se alguém está a ver e esconde o objeto, passar na caixa e de seguida a máquina vai apitar. Achei muito importante esta conversa porque penso que simplificou bastante a ideia na cabeça deles, e de seguida repetimos o exercício.

Desta vez, a A1 foi para a caixa, onde utilizámos um dossier para fingir de computador, a A2 fez de ladrão, o B1 de gerente, a A3 de cliente da loja e o B3 e B2 de polícias. Estavam definidas as personagens e partimos para a ação.

No início a A2 repetiu o seu comportamento anterior desadequado ao papel que ela estava a desempenhar. Parecia que não tinha ouvido nada do que tínhamos falado anteriormente. Dessa forma repeti novamente as perguntas mas desta vez mais direcionada para a A2, mas mesmo assim ela não estava a conseguir atingir o objetivo que lhe era proposto e confesso que eu já estava a desesperar por não conseguir perceber onde é que ela não percebia. Dirigia-se á caixa como uma cliente normal, para comprar outra coisa distinta, sem seguir a orientação da história que tínhamos anteriormente definido. Tentei arredondar a ação e “apitar” na mesma quando ela saiu, sendo que a A1 chamou a gerência que logo chamou os polícias que apreenderam o que ela tinha e a deixaram ir embora. Embora não tenha corrido mal, pretendia que a ação se desenvolve-se com mais fluidez e tentei novamente colocar a A1 como ladrão e desta vez ela não se recusou e fez em parceria com o B1.

Assim, coloquei a A2 como gerente e o B3 na caixa, mantendo os restantes papéis. Iniciou-se a ação e correu tudo pelo melhor. A A1 tirou as coisas da prateleira para a carteira, passou pela caixa e falou banalmente com o senhor da caixa e seguiu. Depois do alarme tocar, o B3 não reagiu mas depois de uma explicação minha, ele chamou o gerente que rapidamente ligou para o 112 para chamar a polícia (sempre com algumas orientações da minha parte). Mesmo tendo a A2 assumido automaticamente o papel de polícia, sobrepondo-se ao MF (que hoje mantinha-se apático) a ação decorreu melhor do que estava a espera. Estávamos finalmente a ensaiar a nossa peça quando olhei para o relógio e o tempo tinha terminado, infelizmente.

Pedi então que voltássemos a reunir em volta da mesa para colocar por escrito o que tínhamos realizado anteriormente, pelo que a A1 disponibilizou-se logo para escrever. Fui orientando o texto, mas insisti para que todos participassem na sua realização, pelo que o resultado final foi o seguinte:

#### Um Roubo no Supermercado

Era uma vez, num supermercado perto de Leiria, um cliente provocou a maior confusão alguma vez vista naquela aldeia.

Numa manhã, o gerente abriu a loja e começaram a entrar clientes. Algumas horas depois, um cliente com um ar normal entrou na loja, mas vinha com más intenções. Foi Roubar um copo muito caro da prateleira. Custava 30 euros porque era de cristal.

Quando chegou á caixa, passou sem pagar o copo e o alarme do código tocou. O Empregado da caixa chamou o dono da loja que chamou os seguranças para prender o cliente até a polícia chegar. Quando a polícia chegou foi informada do que tinha acontecido e prenderam o cliente.

Antes de terminar, acho importante referir alguns aspetos importantes sobre 3 dos participantes do grupo. Em relação à A2 e ao B2, ambos tiveram uma postura muito semelhante entre si. Apatia, inatividade, timidez, desorientação e desmotivação acredito serem as palavras que melhor refletem a sua postura durante a sessão, estando maioritariamente parados apenas a observar os colegas que atuavam. Ambos, mesmo depois das orientações para as personagens que lhe foram atribuídas, não participavam na ação, mantendo-se nos mesmos sítios iniciais, permanecendo calados e inativos, mesmo após a solicitação da sua intervenção, mais no caso de o B2 fazer de polícia. Tive oportunidade e comentei este aspeto com as psicólogas do CAO na reunião de setor que tive no fim do dia e ambas concordaram comigo quando afirmei que esta regressão evolutiva de ambos se tem vindo a verificar já de algum tempo para trás. Sinceramente fiquei a pensar no assunto e ainda ei de encontrar uma forma de os poder ajudar recorrendo ao teatro.

Por outro lado, a A2 teve o mesmo comportamento que mantinha nas primeiras sessões de jogos dramáticos, no início do ano. Sempre a falar, desatenta ao que está a ser explicado, incomodando os colegas e desorientando-se na sua prestação pela sua falta de atenção, sempre com um discurso desapropriado a situação, vagueando por temas desadequados a situação que estamos a representar ou a explicar. Senti que regrediu. Senti que por mais que a chama-se a atenção, que nada tinha efeito e que poucos minutos depois já estava a repetir o mesmo comportamento. Esta situação tornou-se tão grave até ao ponto de serem os próprios colegas a chamarem a sua atenção por eles próprios não se conseguirem manter concentrados por causa dela. Este tipo de comportamento revela-se assim prejudicial não só para ela, mas também para os colegas que neste momento já mantem um bom nível de atenção e concentração na atividade e que o querem manter. É verdade que a A2 tem presente na sua vida algumas situações que a revoltam e que despoletam este tipo de comportamentos em si, levando a momentos de birra e choro quando chamada a atenção de forma mais rígida. De todas as formas, torna-se importante definir estratégias que ultrapassem este comportamento para que as consequências negativas não se instalem em todas as sessões seguintes e para que todos consigam retirar o máximo deste projeto e do desempenho de cada um.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 9 – Teatros (14/1/2015)*

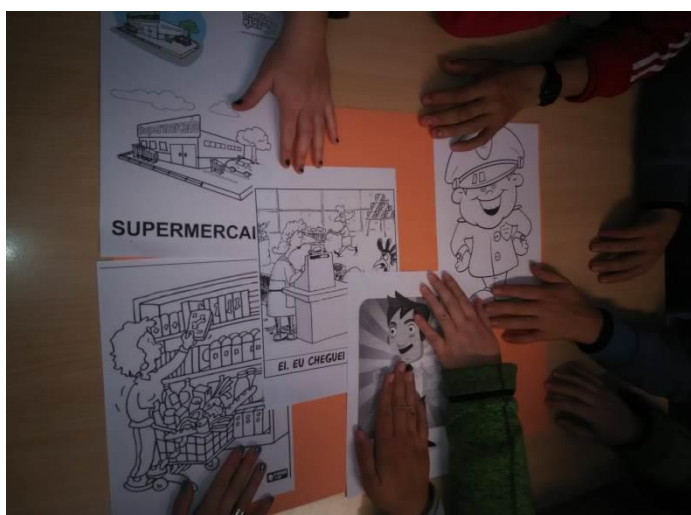
*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 60 M

A sessão de hoje foi bastante distinta das sessões que normalmente se costumam realizar. Estiveram presentes os participantes habituais, sendo que o B3 apresentava grandes sinais de sono e cansaço, tendo adormecido diversas vezes durante a intervenção devido (de acordo com ele) à medicação que tomou pela hora de almoço.

Depois da sessão anterior terem demonstrado alguns sinais de incompreensão, confusão e desordem durante a execução da história criada por eles, decidi que era importante dedicar esta sessão à consolidação das suas fases, assim como criar uma ferramenta que servisse de guia durante a execução teatral da mesma “O roubo no Supermercado”.

Para tal, e como planeado, iniciamos a sessão de hoje em torno a nossa mesa habitual, onde lhes perguntei o que se lembravam da história que tinham criado a semana passada. Alguns foram dando algumas opiniões e lá conseguiram chegar aos pontos-chave. De seguida, expliquei a minha ideia para as atividades, pelo que eles escutaram com atenção, com exceção da A2 que, como já tem vindo a ser habitual, tentava falar de assuntos exteriores a sessão, interrompendo a intervenção e distraíndo os colegas. Mesmo assim, considero ter sido observada uma pequena (muito pequena) melhoria em relação à semana passada no seu comportamento, embora este esteja presente durante todo o dia na instituição.



Assim sendo, mostrei-lhes os desenhos que tinha imprimido para a atividade e pedi que me ordenassem as imagens de acordo com o texto. Demonstrando um bom trabalho de equipa, embora com alguma ausência por parte do B2 e da A3, conseguiram ordenar as imagens corretamente para colocarmos no nosso cartaz orientador: 1º O roubo, 2º A caixa, 3º O gerente e em 4º O polícia.

Pedi então que pintassem os desenhos para depois os pudéssemos colar no cartaz pela ordem respetiva. Este momento de lazer entre todos foi bastante apreciado por eles, pois foi algo que fugiu ao habitual durante as sessões, e por mim, pois todos mantiveram a atenção e concentração que pretendo trabalhar com o grupo, assim como observaram que todos podem

trabalhar para um objetivo comum (neste caso construir o cartaz), de forma a atingir um determinado fim.



Depois de pintados e colados os desenhos no nosso cartaz, pedi que revessemos de novo a história e a sua sequência para manter viva a lembrança para se seguida a podermos representar. Distribui os papéis pelos participantes, com preocupação de manter algumas opções que tinham resultado bem a semana passada e passámos à ação.

A A1, depois de alguma resistência lá concordou em fazer de ladra, o B3 de senhor de caixa, o B1 e o B1 de Polícias, a A3 de cliente de loja e a A2 de gerente. Disse-lhes que iria fazer um vídeo da representação deles, para que no fim pudéssemos observar e depois melhorar alguns aspetos necessários.

Ação e a representação começou. Tudo um pouco confuso entre sorrisos e gargalhadas, os atores foram representando as fases da história esperadas, embora a A1 tenha dito algumas coisas descontextualizadas (como dizer ao colega o que tinha de fazer). Até foi bastante bom tendo em conta o que realizaram a semana passada, bastante mais organizado e orientado, embora com alguns pormenores a trabalhar. Vimos então o vídeo e tentei explicar-lhes o que eles poderiam melhorar, incluindo os sorrisos e as chamadas de atenção.

Pedi então que voltássemos a representar e pedi que olhassem para o cartaz de tivessem alguma dúvida. Com muito profissionalismo, a A1 começou por esconder a garrafa de água na mala, passando depois pela caixa onde soou o alarme. O B3, muito correto pediu para ver o que a cliente levava na mala. A gerente foi logo a correr sem ser chamada e pedi que voltasse para trás, realizando um gesto com a mão e depois voltou ao seu lugar. Quando o B3 ligou então para chamar a gerente, esta pegou na mala e foi ter com os policias que, mais precisamente o B1, tiveram uma abordagem desapropriada para a situação e pedi que se parasse com a atuação, pois estava a ver que ninguém estava a seguir a ordem, mais propriamente a A2 que fazia de gerente.

Observámos de novo o nosso cartaz e pedi que me dissessem qual era a ordem que era suposto eles respeitarem, pelo que me responderam corretamente. Assim sendo, perguntei se alguém tinha dúvidas, recuámos um pouco na atuação (até ao soar do alarme) e retomamos a ação.

Desta vez, com mais organização, todos os passos foram seguidos corretamente e os meus atores estiveram muito bem, e mereceram a salva de palmas no final. No fim observamos o novo vídeo e pedi que, em grupo, me dissessem se tinham gostado, se o cartaz tinha ajudado e se se sentiam mais orientados nesta história. Todas as respostas foram positivas, e o sorriso nos seus rostos era bem visível.

A A3 pareceu-me estar um pouco mais orientada hoje, andando pela loja (sempre perto da A1) enquanto a ação decorria. Já o B2 manteve a sua postura impávida e serena, orientado pelo B1 que foi o seu companheiro nesta primeira atuação das “Histórias de Supermercado”.

Expliquei-lhes de seguida o que iríamos fazer nas próximas sessões e na possibilidade da criação de mais histórias para a nossa “coleção”, pelo que após todos termos concordado em avançar, demos por terminada a sessão de hoje.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental Sessão 10 – Teatrei (28/1/2015)*

*Joana Gomes*

DURAÇÃO +/- 60 M

Após uma semana de quebra da nossa rotina de teatro, chegou finalmente o dia de continuar a nossa aventura, e prometia-nos uma sessão bastante completa, com muita coisa para fazer.

Confesso que a minha motivação andava muito em baixo, tendo pensado mesmo em desistir e deixar este projeto chegar ao fim, pelo que no fim da sessão de hoje, as minhas ideias mudaram radicalmente.

Após alguns imprevistos que atrasaram a nossa sessão alguns minutos, começámos a atividade com a habitual reunião redonda a volta da mesa, onde relatei um pequeno planeamento das atividades que tinha planeado para hoje e iniciámos com a recordação da história que tinham criado e ensaiado nas últimas sessões. Tudo correu bem e deu-me a entender que eles ainda se lembravam bastante bem da sequência e do que tinham de fazer, assim como quem estava destinado a cada personagem.

Passámos rapidamente à ação e eles estiveram muito bem, com um bom desempenho, precisando apenas de alguns “retoques em momentos críticos de esquecimento” e de chamadas de atenção para se manter a concentração durante a ação (não muitas). No final houve muitos sorrisos e uma grande salva de palmas para todos e mereceram os elogios que lhe fiz.

Depois de visionarmos o vídeo de forma a perceber onde cada um pode melhorar, alguns dos participantes queriam repetir, mas como o nosso tempo era bastante escasso passámos para a próxima fase em volta da mesa novamente para construirmos a segunda história da nossa saga das histórias no supermercado.

Tentei orientá-los neste processo criativo de forma a ser mais fácil para todos chegar ao objetivo pretendido, fazendo-lhes perceber que era necessário encontrarmos o local no supermercado, as personagens e a ação da mesma, tudo com um nível mínimo de lógica e execução. Apesar de estarem muito tímidos no início, e de necessitarem de algumas sugestões da minha parte quando o momento de criação se estagnava, acredito que a grande base partiu da cabeça deles e que a criação foi inteiramente entregue ao grupo.

Todos se mantinham um pouco presos à primeira história, sugerindo utilizar o mesmo espaço de ação e algumas personagens, pelo que lhes expliquei que a ação teria de decorrer em sítios distintos de forma a separar completamente as criações. Depois de ter sugerido alguns locais, a A1 escolheu a Peixaria como local de ação, pelo que todos concordaram. Partimos depois para a definição das personagens, onde lhes perguntei quem é que eles vêm normalmente quando passam por aquela secção do supermercado. Embora tenham surgido respostas como “Bacalhau, Carapau e Robalo”, consegui que eles definissem que estariam presentes dois clientes na ação, e logicamente dois peixeiros. Como faltavam duas personagens decidiram que poderiam ser o gerente e o segurança, pelo que a intervenção destas últimas personagens já previa a presença de algum tipo de confusão e/ou discussão.

Questionei depois qual seria a ação possível entre as personagens que todos tinham definido, pelo que a A1 sugeriu que poderia haver uma confusão entre senhas/prioridades de atendimento. Depois de todos concordarem e de observar que todos estagnaram no processo de criação, sugeri que os clientes poderiam desentender-se por quererem o mesmo peixe (sardinha disse a A3). Assim sendo, definimos que os clientes chegariam ao mesmo tempo, e cada um seria atendido por uma peixeira diferente, e onde ambas tentariam agarrar o mesmo peixe. De seguida, todos chegaram a conclusão que a forma mais justa de resolver a situação seria ninguém levar a sardinha e acabava a confusão. Estava feita a nossa segunda história da saga, onde o resultado, a meu ver, ficou bastante interessante. Escrevemos então o guião de tópicos de forma a podermos organizar melhor a sequência e comportamentos necessários de cada um, para depois definirmos as personagens.

1. Dois clientes chegam ao mesmo tempo à secção de peixaria de um supermercado;
2. Na peixaria existem duas peixeiras e cada uma delas atende um dos clientes simultaneamente;
3. Os clientes pedem o mesmo peixe e as duas peixeiras tentam agarrar a única sardinha presente no balcão ao mesmo tempo, criando confusão e desentendimento;
4. Cria-se uma discussão entre os clientes e as peixeiras assistem;
5. As peixeiras chamam a gerente que se faz acompanhar por um segurança;
6. O segurança define que ninguém leva o peixe.

Depois de definido o nosso guião e de uma breve recapitulação, prosseguimos para a distribuição das personagens, onde tentei que todos escolhessem à sua vontade qual o papel que queriam interpretar. A A2 desde o início da criação da história que dizia que queria ser peixeira, pelo que lhe fiz a vontade. Na verdade, não é a primeira vez que ela assume este papel, pelo que já tinha a noção que seria um papel que lhe iria assentar muito bem. De seguida, a A3 também demonstrou a vontade de ser peixeira em conjunto com a A2, o que respeitei também a sua vontade e sendo assim estavam definidas a quem estavam entregues o papel das peixeiras. De seguida, a A1 escolheu fazer de segurança e o B1 exprimiu logo em seguida a vontade de fazer de cliente em conjunto com o B3. Faltava-nos então a personagem do gerente que ficou entregue ao B2. Achei bastante interessante o fato de terem ficado todos organizados por pares, onde cada um poderia ajudar o seu colega na execução do seu papel, funcionando assim como um excelente trabalho de equipa.

Muito bem, seguimos depois para a ação e estavam todos entusiasmados. Recapitulei mais uma vez a nossa história, já com as personagens nos seus lugares de ação (incluindo a tão famosa sardinha), sendo que como já vem sendo hábito, gravei um vídeo para que pudéssemos observar depois. Tenho a certeza que esta técnica os ajuda bastante a observar onde podem melhorar o seu desempenho, assim como também aumenta os seus níveis de motivação na execução da atividade.

A palavra ação fez-se soar e a confusão instalou-se. Como já previa, a primeira tentativa sai sempre trocada e todos se confundem com tudo e com todos, necessitando de diversas

correções, mas têm tudo para correr bem. Até foi bastante interessante porque na cabeça deles os dois clientes tinham de ser amigos e assim iam juntos comprar o peixe. Depois, a A3 como não tinha percebido bem entregou um peixe “imaginário” ao B3, pelo que lhe disse que teria de ir buscar o peixe (que tinha desenhado) em cima da mesa, de forma a criar a situação embaraçosa seguinte. Bem, não resultou. Fui dando dicas em voz alta para que se pudessem orientar, referindo que os clientes teriam que decidir entre ambos quem ficaria com a sardinha e o resultado foi em tudo diferente do que estava a espera. O B3 perguntou ao B1 se ficava com a sardinha, a qual ele respondeu afirmativamente e estava resolvido o problema, tudo isto enquanto a A2 chamava o gerente e o segurança. Confusão total e pedi para parar.

Recapitulei outra vez toda a história, frisando individualmente cada personagem de forma a orientá-los com mais objetividade na ação de forma a conseguir que eles percebessem qual o papel que deveriam de assumir e prosseguimos. Depois de uma falsa partida, iniciámos outra vez e começou melhor do que as tentativas anteriores, embora também tenha tido o desfecho imprevisível, com os dois clientes a irem embora voluntariamente quando descobriram que não havia suficientes sardinhas para os dois. Parei novamente, e fiz novamente a recapitulação da história, pelo que a A1 ao ver que os colegas não estavam a conseguir orientar-se voluntariou-se para assumir o papel de cliente de forma a demonstrar um exemplo de como eles tinham de se comportar, trocando assim de papel com o B3.

Pela última vez hoje, iniciámos a ação e correu bastante bem, apesar de alguns ajustes que ainda têm de ser feitos, mas para a primeira vez foi excelente. Todos tiveram bem nos seus papéis, e finalmente os dois clientes discutiram por causa da sardinha! A peixeira chamou o gerente e o segurança e terminou a história tendo a sardinha ficado no sítio onde estava, sem que ninguém a comprasse. Finalmente, uma grande salva de palmas e fomos visionar o nosso vídeo. Todos adoraram e pude conversar com eles sobre o que há para melhorar.



A A3 e o B2 continuam muito introvertidos, permanecendo no seu canto, por vezes desorientados e sem intervenção durante a improvisação, tendo que ser estimulados muito mais de forma a conseguirem exprimir-se como desejarem sem vergonha, participando ativamente na criação e execução das histórias.

Ao nível da atenção e concentração considero ter sido das melhores sessões neste aspeto. Na vez em que realizámos o “roubo no supermercado” nesta sessão houve bastantes risos e desconcentrações, mas foram comportamentos que se foram desvanecendo durante a restante intervenção, o que acho ser um aspeto bastante positivo.

A A2 continua com as intervenções descontextualizadas próprias da sua personalidade, assim como as interrupções para poder ir ao WC, pelo que é um aspeto que continuarei a trabalhar nas sessões seguintes.

O feedback dos participantes foi bastante bom, onde referiram que tinham gostado muito e que tinha sido bastante divertido. Era bem visível este sentimento nas suas faces.

Terminámos a sessão com uma visita da Professora Cristina Meireles e da Educadora Maria José (presidente e vice presidente da CERCILEI respetivamente) que puderam entrar um pouco no nosso mundo quando lhes apresentámos a nossa história do “roubo no supermercado” inicialmente através do guião e depois pelo vídeo que tinha realizado no início. Ambas demonstraram agrado pelo desempenho deles, o que achei ter sido um excelente motivador para todos continuarem no bom trabalho. Ficaram ainda mais felizes, relatando o seu agrado com muito entusiasmo.

A minha motivação passou de 8 para 8000, pelo que a última coisa que quero neste momento é desistir do projeto e do meu grupo que tanto orgulho me dá.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 11 – Teatros (04/02/2015)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 60 M

Mais uma semana, mais uma sessão. Esta ia ser diferente de todas, principalmente pelo fato de termos três pessoas novas no nosso grupo – a A4, o B4 e a A5. Inicialmente, e mesmo antes de a sessão começar, a A4 e o B4 criaram muita resistência na sua participação, ambos por razões distintas, sendo que a A4 foi a que demonstrou mais dificuldade em ir para a sala e participar na atividade. Mas algum tempo depois, com algum atraso e já com toda a gente necessária dentro da sala, demos início a sessão, sentindo a falta da A3, que hoje faltou a escola.

Como planeado, levei diversas imagens para a sessão, algumas representativas do mesmo momento da história para que todos, em grupo, pudessem decidir qual a imagem que preferiam usar no seu novo guião da história “confusão na peixaria”. Inicialmente pedi que se relembressem novamente do seguimento do guião. Depois de uma votação entre imagens, ficaram decididas as imagens vencedoras definidas pelos meus 8 participantes, cada uma referente a um dos seis momentos da história. Ordenámos novamente as imagens pela ordem correta e o passo seguinte seria depois colocar alguma cor nas imagens (que fiz questão de imprimir em tons de cinzento).

E assim foi, entre lápis, tesouras e canetas, todos trabalharam em grupo de forma a criar o novo guião de forma exemplar, e ficou explicito que os novos elementos integraram-se sem problema. Como não havia um desenho para cada participante, o B3 e a A1 pediram-me para contornar as letras do título a caneta, e assim ficou completo todo o trabalho ilustrativo.

De seguida, iniciámos a parte da colagem, onde pedi novamente que me ordenassem novamente a história que construíram através das imagens selecionadas, principalmente para que todos os participantes fixassem e entendessem a lógica e o seguimento do guião. Depois de colados os desenhos e de escritas as legendas, que mais uma vez foram os participantes a definir, estava pronto o nosso guião e com muita “pinta”.



Na verdade, todos conseguiram trabalhar bem em grupo uns com os outros, sem grandes confusões, embora tenham existido alguns momentos de divertimento e gargalhadas, a atenção e concentração dos participantes manteve-se geralmente equilibrada e intacta. Num desses momentos em que pedia a A2 que se concentrasse e que não partilha-se histórias exteriores durante a sessão de teatro, surgiu o lema das sessões: “Tudo o resto ficou lá fora...O teatro começa agora”

E assim, arredámos todas as cadeiras e também a mesa, na nossa “nova” sala onde temos bastante mais espaço do que com a organização anterior e passámos para a parte mais divertida do dia: a ação!

À semelhança das sessões anteriores, filmei o desempenho deles para que depois pudéssemos visionar e depois melhoras as prestações dos mesmos. Como tínhamos mais elementos do que na semana passada, tive que incorporar os novos participantes na história que já existia, mas não houve qualquer problema. O B4 pediu-me logo desde o início da elaboração do guião para fazer de polícia, pelo que o juntei ao B3 na função de colocar a peixaria em ordem. A A5 pediu-me também para ser peixeira, e como faltava a A3 até resolveu um problema existencial da história. Por último, a A4, sempre muito tímida, não sabia o que queria fazer, pelo que para aumentar um pouco mais a sua confiança nesta sessão, coloquei-a como peixeira chefe, cuja principal função era, a pedido de uma outra peixeira (A2), ir chamar os seguranças para resolver a situação na peixaria. Ela ficou contente, e assim lá fomos para a primeira experiência.

Todos aos seus lugares, revemos o guião e o que cada um tinha a fazer e ação:

- Peixeira A5: “O dinheiro?”
- Cliente A1: “ Tem sardinha fresca para o almoço?”
- Peixeira A5: “Não!” (Com um grande sorriso)

Embora me tivesse dado uma grande vontade de rir, todos olharam para mim como a salvação deste grande “problema” e pedi para pararem. Expliquei novamente à A5 qual o seu papel e atitude que deveria de adotar nesta cena, pelo que pouco tempo depois voltámos à ação, desta vez mais completa, embora com algumas “improvisações inadequadas”: A A5 teve uma prestação melhor, repetindo diversas vezes durante a discussão dos clientes que “só há uma sardinha”, enquanto a A2 olhava atentamente para a discussão dos clientes (A1 e B1) que estava bastante interessante. Quando a A4, a pedido da A2 foi chamar o B4, B3 e B2 (que hoje estava bastante calmo e divertido, embora um pouco no seu mundo), todos estavam prontos para intervir, principalmente o B4 que, sem mais nem menos, com uma atitude bastante explosiva e interventiva, colocou um fim na discussão, pegou na sardinha e foi embora gritando algumas coisas que, devido à intensidade da ação que decorria, ninguém foi capaz de perceber. Fomos então ver o vídeo e expliquei que a A5 apenas necessitava de dizer a sua frase uma vez, e que o B4 não poderia ter uma atitude tão explosiva, dando oportunidade aos colegas de também participarem na ação, e que simultaneamente deveria de seguir o que os colegas tinham definido como final da história, onde ninguém ficaria com a sardinha e os clientes iriam embora. Todos entenderam as correções e perguntei se queriam repetir, pergunta à qual todos me responderam afirmativamente com grande entusiasmo.

Aos seus lugares...Take 3: Confusão foi a palavra de ordem. Inicialmente tudo correu muito bem, apesar de a A5 continuar a precipitar-se na sua intervenção, impedindo que os clientes façam o seu pedido no tempo correto. Depois tudo seguiu como planeado até à parte em que chegam os polícias e os gerentes e aí sim, todos começam a falar ao mesmo tempo, cada um para o seu lado “a puxar o rabo à sua sardinha”. O B3, ao ouvir a A1 explicar a situação e referindo que tinha pedido o peixe primeiro, disse prontamente que “Pronto, ninguém não leva a sardinha. Quem leva a sardinha é só a A1 porque ela pediu primeiro”. É verdade que o sentido de justiça dos meus participantes nunca falha, e na cabeça deles têm toda a lógica que, como ela chegou primeiro, seria ela a levar a sardinha, estejamos nós a fazer uma peça de teatro ou não. Todos ficaram confusos, voltou-se a gerar uma grande discussão, onde depois de um sinal meu, o B3 voltou atrás na sua decisão referindo que “Afinal ninguém não leva a sardinha porque há só uma”. Disse corta e fomos ver o vídeo. Expliquei à A5 que tinha de esperar que a A1 fizesse o seu pedido antes de responder, assim como pedi que a A4 se juntasse novamente ao grupo de atores depois de executar a sua missão de extrema importância. Principalmente pedi que o B2 interviesse mais na história, com uma atitude mais correspondente a personagem que executa “gerente”, assim como voltei de novo a explicar com a ajuda dos participantes qual era o fim que tínhamos definido para a história, explicando-lhes que deveríamos de seguir o que tínhamos combinado, o que não impedia de se acrescentarem elementos novos, embora a base fosse a mesma. Todos perceberam e quiseram repetir.

A pedido da A2, permiti que ela prega-se “Há sardinha” enquanto chegavam os clientes e assim começou mais um take (4). Mais uma vez, nem tudo foi perfeito mas foi bastante bom quase até ao final. A A4, um pouco desorientada ainda olhava bastante para mim para ver quando seria a melhor altura para atuar, pelo que voltou a ir para ao pé de mim quando terminava a sua missão (muito por vergonha de entrar no vídeo creio eu), embora tenha desempenhado bem o seu papel. O B4 precipitou-se na sua ação, mas achei interessante ele querer usar uma folha e caneta como acessórios para registar a “ocorrência”. Ele chegou ao pé da confusão e como já tinha feito anteriormente meteu-se entre os clientes, separando-os da discussão que estava a ocorrer, questionando o que se estava a passar. Ao saber dos acontecimentos, novamente muito explosivo e impulsivo, mandou os clientes embora e ficou no local a “registar”. Deu-me a entender que ele têm muito jeito para o teatro, embora tenha de ser bastante trabalhado, e assim como os colegas, parecia estar a passar um bom bocado.

Torna-se importante referir que durante a ação, todos conseguiram manter a atenção e concentração necessárias, não dispersando para outros temas exteriores ao teatro, o que eu considero ser uma grande conquista. Os meus meninos pareciam verdadeiros atores e eu estava contente por liderar este grupo de pequenas conquistas. 😊

Mesmo no fim do take 4, a A2 teve de se ir embora, pelo que o B3 ao observar que ficaria a faltar uma peixeira, pediu-me para tentar desempenhar esse mesmo papel. Sem hesitar, respondi afirmativamente ao seu pedido, pelo que voltámos a recapitular os passos do nosso guião e prontos ou não, o teatro está em ação.

5º e último take: Foi o melhor de todos, porque o melhor vêm sempre no final. Inicialmente começaram com muita timidez, até o B3 pregar que “temos sardinha!”. Tudo correu bem, o B4 e a A4 foram sempre fazendo-me sinais a “pedir” para entrarem em ação pelo que, como era a primeira vez que o B3 estava a desempenhar este papel, esqueceu-se de dizer a A4 para avançar. Depois de uma discussão acesa sobre quem levava a sardinha, o polícia e o gerente lá foram chamados e depois de uma explicação breve por parte do B3 sobre o que se passava,

com muito mais calma o B4 disse para os clientes se irem embora porque ninguém ia levar a sardinha. Os clientes continuaram a improvisar e foram embora a discutir um com o outro sobre quem deveria ter ficado com a sardinha, pelo que depois o B4 foi ter com eles para pararem porque ninguém ia ficar com ela. Foi bastante positivo e no final todos mereceram uma grande salva de palmas. Fomos ver os vídeos e expliquei ao B1 que não deveria de falar da ASAE durante a sua intervenção pois não se enquadrava, pedi novamente ao B2 para que interviesse mais e para que a A4 voltasse para junto do grupo depois de chamar os colegas. Todos perceberam e estavam com cara de grande alegria e entusiasmo, o que para mim foi um grande elemento motivacional, não só para mim mas também para eles, os atores desta grande peça.

Questionei-os se tinham gostado e todos responderam afirmativamente, embora as suas feições fossem a melhor resposta que eu poderia ter. Até os novos elementos pareciam que sempre fizeram parte do grupo e que já faziam “isto” desde o início. O B2, embora tivesse estado muito caladinho e pacato, exprimiu grandes gargalhadas e manteve-se sempre em ação com os colegas, o que é algo positivo, embora necessite de mais investimento da minha parte de forma a incentivar a sua participação livre e espontânea.

“Como a nossa história teve fim, o teatro termina aqui!”

Apenas como nota de diário, o grupo lena no horário de atendimento deste mesmo dia foi a nossa sala realizar alguns exercícios de improvisação com os meus participantes de hoje (e por isso a necessidade de integrar estes três novos elementos), e pelo que pude observar todos tiveram um desempenho exemplar, muito criativos e apesar de algumas reticências e timidez iniciais, todos me fizeram sentir orgulhosa, cada um a sua maneira.

**JOANA GOMES**

*Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental  
Sessão 12 – Teatros (11/02/2015)*

*Joana Gomes*

DURAÇÃO +/- 60 M

Depois de mais uma semana aguardando a chegada da tão esperada quarta-feira, aqui estávamos de novo prontos para entrar em ação. Sentimos a falta do B3 que faltou neste dia, e que fez bastante falta durante os ensaios, principalmente porque cada papel é indispensável e têm uma função, mas não só. Senti que todos trabalham bastante bem juntos e que basta faltar um elemento para “desequilibrar” o grupo, o que pode ser considerado um aspeto bastante positivo por um lado, e por outro, eles têm de aprender a adaptar-se as circunstâncias que lhes são propostas, pelo que esta sessão foi ótima para treinar isso mesmo, embora não tenha sido tarefa fácil.

Iniciámos então com a habitual reunião em torno de uma mesa que começa a ser pequena para todos. Como planeado, expliquei-lhes que iríamos ensaiar as duas histórias que já tínhamos construído de acordo com os nossos guiões. Expliquei também que para a semana iríamos fazer uma pequena apresentação para os colegas de forma a eles puderem ter um pequeno contato com o público a assistir as nossas apresentações. Dei-lhes algum reforço positivo referindo que eles são bastante bons e que se não o fossem o nosso grupo já não existia. Referi também que iríamos ter que treinar a voz para saber projetá-la bastante bem para se ouvir. Enquanto falava, a A2 parecia não se conter de entusiasmo e só fazia perguntas, algumas descabidas, pelo que tive de pedir que fizesse silêncio diversas vezes.

Em relação ao guarda-roupa, tentei angariar alguns acessórios que poderíamos utilizar, neste caso apenas foi um casaco blazer (para o gerente) e um dos aventais que serão usados com as peixeiras. O resto da roupa seria totalmente preta para que os acessórios se sobressaíssem na roupa preta. Depois de experimentar a roupa que já tínhamos e de aprovar as ideias e trocar de opiniões, revemos os nossos guiões em grupo (correu bem) e logo de seguida começámos a ensaiar.



Como o B3 não estava, tivemos de realizar algumas alterações pelo que para não mexer no papel de cada um, desempenhei eu o papel de senhora da caixa na primeira história “roubo no supermercado”.

A primeira tentativa correu bastante bem, embora haja sempre alguns aspetos a melhorar. Tornou-se claro que o ator que se encontra na caixa é um dos orientadores principais do seguimento da história, pelo que acho que o papel continua a estar muito bem distribuído. A A3 continua bastante “perdida” durante a atuação, pelo que tinha de pensar em alguma estratégia para conseguir orientá-la para o caminho certo. E porque não aliá-la com algum elemento do grupo que a pudesse ajudar? Todos estavam dispostos a isso, pelo que pedi que da próxima vez que ensaiássemos a A3 fizesse para com a A1, apenas para ver qual seria o resultado e a reação de cada uma. Também tive de chamar a atenção novamente a A2 pelo fato de ela, como gerente, querer realizar a detenção, ação de deverá ser realizada pelos polícias, embora creio que depois tornou-se claro. Vimos o vídeo e perguntei ao B1 se queria experimentar realizar o papel da caixa, ao que respondeu afirmativamente. Por um lado, queria ver como ele se ia comportar e pelo outro, queria que o B2 se solta-se mais e fosse mais interventivo durante o teatro, algo que raramente tem acontecido.

Seguimos então para o segundo ensaio, que em relação ao aspeto referido anteriormente da A3 correu bem melhor. A A1 foi um grande apoio e ajudou bastante a A3, realizando-lhe perguntas as quais ela tinha de responder durante o ensaio, tais como “ O que vamos comprar?”, “Não precisas de ...”, entre outras. Por outro lado, o B2 desorientou-se por completo. Hoje não estava nos seus melhores dias. Disse coisas durante a sua atuação de polícia, tais como “É teu, come”, “Já fugiu!”, que possivelmente não se enquadrava no contexto que se estava a passar, mesmo com a minha orientação relativamente as falas. Parei o ensaio e expliquei-lhe o que ele deveria de fazer enquanto polícia, embora tenha tentado orientá-lo para que ele chegasse a sua própria conclusão de que é feio roubar e que quem rouba tem de ir preso, sendo que a sua função seria prender os ladrões. Fez-me uma cara de quem tinha percebido tudo e avancei. Vimos o vídeo e expliquei a A2 que não se poderia rir enquanto os colegas estavam a representar, embora tenha tido a impressão de que ela também não estava nos seus melhores dias de atenção e concentração. Por outro lado, o seu comportamento esta bem melhor do que nas sessões iniciais.

Partimos então para o terceiro e ultimo ensaio da primeira história, sendo que voltei a estar no lugar da caixa e o B1 ao lado do B2 como policia, e creio que foi o ensaio que correu melhor. Todos estavam concentrados, e de entre as saídas tipicamente normais da A2 como “ela tem de ser presa em Condeixa”, e “de que marca é que é”, tudo correu como planeado. Depois de vermos o filme, pedi apenas que o B2 participasse mais, pois a sua postura mantinha-se bastante impávida e serena, como se fosse apenas um espetador. Hoje parecia mesmo que não fazia parte do grupo e que era apenas um elemento do público que observava a ação. Novamente pedi-lhe que interviesse mais e demos então por terminado o ensaio da primeira história, passando então para a segunda.

Já com a sentida falta do B3, tivemos mais uma perda: a A2 teve de se ausentar e deixar os nossos ensaios. O tempo já era escasso e colocámos as mãos à obra, sendo que se avizinhava mais um desafio para o B2 que estaria novamente sozinho como gerente da loja. Antes de começar, recapitulámos de novo o guião e as personagens de cada um na história, para que estivesse bem presente na sua memória. Eu assumi o papel da A2 como peixeira de forma a dar apoio a A3 no desempenho do seu papel.

Todos estiveram muito bem embora tivesse sido uma confusão total. Se uma peça do puzzle faz falta, duas então formam um buraco gigante, principalmente quando todos os papéis são fundamentais na história. O B1 ainda se esquece de fazer o pedido a peixeira, assim como ainda reclama com as peixeiras sobre o fato de apenas haver só um peixe, mas depois de lhe explicar de novo o que tinha de fazer ele atendeu e repetiu. A A3 continua a querer levar o peixe para casa, algo que mais uma vez tentei explicar-lhe que não poderia tentar fazer. O B2 inicialmente esteve bem, questionando os clientes sobre o que se tinha passado, mas depois desorientou-se e não sabia que rumo havia de dar a conversa, mesmo eu estando a orientar, ele não seguia. Decidi então sair do meu papel e entrar como polícia para dar seguimento e fim a história. Estava desolada. Não sabia como reagir, nem o que fazer perante este desafio de falta de personagens.

Como já não tínhamos mais tempo, dei por encerrado o ensaio prático, pelo que reunimos de volta da mesa novamente para conversar e ver este último vídeo. Expliquei as correções a fazer e dei-lhes os parabéns pelo fato de terem conseguido superar a falta de elementos presentes na sessão de hoje. Perguntei se tinham gostado e se queriam continuar e a resposta continua a ser afirmativa, o que prova de que todo o trabalho está a valer a pena e que é para continuar.

Confesso que este ensaio “geral” não correu como eu queria, que me senti triste e que estava a desesperar. Mas como nem tudo corre como queremos, lembrei-me de que há sempre uma solução para todos os problemas e que só faz falta quem está. Eles foram e são grandes por ultrapassarem desafios como os de hoje todos os dias, e eu vou atrás deles nesta viagem pelo teatro.

**JOANA GOMES**

*Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental*  
*Sessão 13 – Teatrei (18/02/2015)*

*Joana Gomes*

DURAÇÃO +/- 60 M

Mais uma semana, mais desafios. Sinceramente, não há semana em que não se imponham mais desafios no decorrer deste projeto, principalmente agora que temos uma apresentação do nosso trabalho marcada para o dia 6 de Março, parece que as coisas têm-se tornado difíceis e complicadas de concretizar e de andar para a frente.

Planeei para esta semana realizarmos uma apresentação para alguns colegas de outras salas, principalmente para os habituar a presença de público a assistir as suas atuações, pois na apresentação que vamos realizar vão estar presentes muitas pessoas e de alguma forma, poderiam criar algum tipo de desconforto para os meus autores e atores.

Pela manhã do dia de hoje, ao deparar-me com mais uma falta do B3 e da A3, fui tentar saber quando estava previsto o regresso de ambos ou se existia algo mais que justificasse a sua ausência. Logo fui informada que iria demorar bastante tempo até que o B3 regressasse a escola, pelo que me aconselharam a encontrar um aluno que o pudesse substituir na apresentação. Fiquei preocupada. Quem poderia estar a altura? Tive a parte da manhã a questionar-me com esta pergunta na minha cabeça, rodando todas as possibilidades de alunos dispostos e disponíveis para entrar neste desafio que é o nosso projeto, sem qualquer tipo de preparação e trabalho de competências realizado previamente, algo que todos os outros colegas do grupo puderam desenvolver.

Criei então uma “lista mental” com dois ou três possíveis candidatos, sendo que o primeiro da lista era o B4 que já tinha participado numa das sessões anteriores, e cujo desempenho foi bastante positivo. Apesar de ter receio devido ao seu feitio temperamental e inconstante, onde habitualmente tende a mudar de ideias nos compromissos que possui e onde costuma reagir agressivamente à mudança, fui propor-lhe a entrada no nosso grupo. Seja o que Deus quiser. Expliquei-lhe então, junto da A5, a “namorada” dele, que tinha uma proposta para lhe fazer, mas que seria algo sério, algo que se ele aceita-se não poderia voltar com a palavra dele atrás e que seria uma responsabilidade bastante grande. Depois de me ouvir, esboçou um grande sorriso e com um olhar sincero e direto disse logo que “SIIM” (a tudo)!

Bem, depois disto, pedi-lhe então que se dirigisse para a nossa sala pois iríamos iniciar o ensaio. A A5 pediu-me para assistir, e como também sentíamos a falta da A3, permiti que o fizesse e poderia ser que ela se entusiasmasse e quisesse participar também na sessão de hoje, sendo que ficou adiada a apresentação para os colegas para a semana seguinte.

Demos início então à sessão, com as boas vindas e uma grande salva de palmas ao B4 que a partir de hoje iria fazer parte deste grupo fantástico de pessoas criativas e que tinham uma vontade enorme de querer estar e ser alguém no mundo do jogo teatral.

Como previsto, fizemos a revisão dos nossos guiões e apesar de estarem um pouco confusos, conseguiram chegar lá, o que me fez pensar que na sessão seguinte, poderia pedir-lhes que se

recordassem da história sem recorrer aos guiões, trabalhando um pouco a sua memória visual e pessoal dos momentos que já viveram. Enquanto realizávamos esta atividade, a A5 ia participando e dando palpites sobre o que ela visionava no guião, o que me fez questioná-la em relação à sua participação na sessão de hoje, desafio ao qual ela respondeu positivamente e assim estava completo o nosso grupo para o dia de hoje, sendo que tinha-mos uma menina pequenina (filha de uma colega de trabalho) a assistir ao nosso dia de teatro, perfazendo assim um mini público e uma mini experiência a lidar com o público.

Expliquei ao B4 qual era o papel do B3, e como ele poderia comportar-se em relação a determinadas atitudes, tendo sempre bastante consciência de que o seu desempenho vai ser distinto do B3, porque efetivamente são pessoas distintas e assim sendo, os ensaios são essenciais para que o DS se pudesse adaptar ao seu papel.

Depois disto, 1, 2, 3 : Ação! A primeira experiência na representação da primeira historia até correu bastante bem, com os ajustes normais de um grupo que acabou de ser reconstruído. A A1 e a A5 funcionaram bastante bem como duas irmãs que vão as compras, com um bom discurso de “circunstância”. O B4, na sua nova experiencia, houve coisas que falharam mas que eu fiz questão de interromper e corrigi-las na hora de forma a que ele as fixa-se no momento mais correto, pelo que depois das alterações, ele assumiu bastante bem o seu papel e teve um excelente desempenho. Torna-se importante referir que o B4 possui alguns problemas de dicção, pelo que é algo que terá de ser bastante trabalhado para que ele consiga expressar a sua personagem para que o público consiga compreender tudo o que ele disser. O B2 hoje apresentou a sua postura comum de pacatez e inatividade em relação aos colegas, assumindo um papel de mero observador em vez de se destacar como ator, nada de novo, mas desta vez eu fiz referência a esse aspeto desde o início da sessão, poderia ser que funciona-se.

Depois de visionar o vídeo (que eventualmente acabei por perder, em semelhança a todos os vídeos desta sessão, embora ainda não tenha a perfeita noção de como isso foi acontecer), avançámos para o segundo take da primeira história, para que eles pudessem colocar em prática as modificações que lhes propus.

Desta vez, a A1 pregou bastantes partidas ao B4, não lhe querendo dar a mala para ele observar, assim como referindo que o objeto roubado já era dela, e ele soube dar a volta ao texto bastante bem, chamando a gerência e logo depois explicando a situação que aconteceu, repetindo a explicação na presença da policia. Todos estiveram muito bem e confesso que não me importava que esta apresentação se repetisse no dia do espetáculo, pois foi bastante positiva. Embora houvesse um aspeto em relação ao B2: desta vez ele foi na altura certa e apresentou-se ao local quando o chamaram referindo “Sou eu” (já é um avanço), mas quando chegou a hora de deter as ladras, o B1 executava o movimento de detenção enquanto o B2 apenas se deixava ir ao lado. Em grupo, com a grande ajuda dos colegas, ensinámos-lhe como ele deveria de realizar a detenção (mãos atrás das costas) e avançámos para o ultimo ensaio da primeira história, isto porque o nosso tempo estava a escassear e ainda tínhamos a segunda história para colocar em prática.

À terceira é de vez e com um sorriso nos lábios por tudo ter corrido bem, de entre as improvisações habituais dos nossos alunos, e com a nossa atuação do B2 partimos para a representação da segunda história, onde coloquei a A5 como peixeira no lugar da A3 e o B4 como polícia, substituindo o B3. Expliquei-lhes os dois papéis e começámos a ação, com grande entusiasmo.

Desta forma, depois das peixeiras apregoarem o peixe uma vez, desenrolou-se a ação, um pouco confusa e precipitada (deve ter durado 30 segundos, em vez dos habituais 1'30), serviu como uma boa experiência para os novos atores se ambientarem aos seus novos papéis. A A2 nesta tentativa decidiu esconder a sardinha atrás das costas, algo que não quis que fizesse e coloquei a regra de que ninguém mexe na sardinha, para que fosse visível para todos. A discussão entre os clientes foi muito curta porque a gerência foi chamada muito cedo, e o B4 esqueceu-se de referir que ninguém ficaria com a sardinha e mandou todos embora sem saber bem o porquê.

1, 2, 3, Take dois: Ação! Mal começámos a história, os próprios participantes pararam a atuação devido ao fato de a A2 não ter feito nada do que eu tinha referido anteriormente. Voltámos aos nossos lugares, esclareci as dúvidas existentes e novamente ação! E novamente, a A2 voltou a fazer o que não era parte do papel dela, e foram novamente os colegas que lhe chamaram a atenção. Estava difícil. Relembrei de novo todo o guião, com a ajuda de todos em volta da A2 e pela última vez, foi a A5 que deu a ordem de início e que assumiu o seu grande papel de peixeira. Desta vez correu bem melhor, com cada ator a desempenhar o seu papel corretamente, com a necessidade de alguns ajustes “normais” devidos a uma pequena falha de memória, mas correu bem principalmente se tivermos em consideração todos os desafios a que o grupo teve de enfrentar hoje.

Pela última vez, realizou-se o ensaio e desta vez sim. Tudo correu bem, e até tivemos o prazer de ouvir o B2 a intervir, perguntando o que se passava com o peixe! Fiquei orgulhosa, parecendo que não já é um grande avanço para ele.

Os sinais de cansaço na cara deles começaram a ser visíveis e a A1 pediu-me para irem lanchar porque já estava com fome e realmente o nosso tempo já tinha terminado. Passou tão rápido que nem demos conta. Demos então por terminada a sessão de hoje, com um bom balanço positivo por parte deles, que me confessaram ter apreciado bastante as atividades e os ensaios e esse sentimento era visível nas suas faces.

Torna-se importante referir que durante ambas as atuações, foi mantido um bom nível de atenção e concentração, apenas com duas ou três chamadas de atenção para a A2 devido aos habituais comentários descabidos do costume, mas fora isso, acredito que já se nota uma evolução bastante grande nos meus participantes ao nível da atenção e concentração.

Fui embora feliz. E eles também.

**JOANA GOMES**

## *Diário de Bordo – A Expressão Dramática na Perturbação Mental*

### *Sessão 14 – Teatrei (25/02/2015)*

*Joana Gomes*

#### DURAÇÃO +/- 90 M

Depois de mais uma semana, onde o tempo passa a correr, chegámos novamente à quarta-feira de teatro, com uma grande apresentação na próxima semana, os nervos começam a apertar. Confesso que me sinto bastante receosa por eles, com medo que eles bloqueiem a meio e depois não passe daí. Hoje também foi um dia de experiências e de opiniões. Mais uma vez, a A3 faltou.

Como previa que pudesse acontecer, hoje não foi fácil trazer o B4 para o ensaio. Faz parte da sua condição por vezes reagir bem ou mal a algo que vai contra a sua vontade. Depois de pedir apoio a psicóloga que estava connosco, e de lhe lembrar do compromisso que tinha realizado comigo a semana passada, lá acabou por vir, mais ou menos contrariado. Vamos ver como corre para a semana.

Antes de apresentarmos as nossas histórias para os colegas, pedi para irmos um pouco as salas que pudesse conversar com eles e tranquiliza-los para o que iria acontecer a seguir. Afinal de contas, era a nossa ante estreia e eles, apesar de parecerem calmos, sentia algum desconforto e ansiedade enquanto se aproximava a tão aguardada hora.

Fiz questão de lhes dar os parabéns por terem conseguido chegar até ali, por terem conseguido ser autores, atores e encenadores, com criatividade, imaginação e responsabilidade. Por serem pioneiros teatrais nesta instituição e por terem tido a coragem de embarcar nesta aventura comigo. Nem sempre foi fácil mas conseguimos chegar até aqui, e isso ninguém nos poderia retirar.

Achei também importante transmitir-lhe algumas noções básicas como o fato de o ator nunca poder estar de costas para o público, terem de falar alto e com clareza, para terem calma e raciocínio, que não se deveriam rir e caso se enganassem para continuarem com a história, que não haveria qualquer problema. Senti a tensão a aumentar neles.

Pedi para revermos os guiões, sendo que no fim de rever o roubo no supermercado o grupo me pediu para fazer um pequeno ensaio. Pensei que isso lhes trairia algum conforto e segurança na atuação pelo que assim sendo não me opus. E assim foi, realizamos um ensaio e eu ia retocando alguns pormenores na atuação de cada um, sendo que depois pediram-me para repetir de novo e foi o que aconteceu, sendo que da segunda vez correu um pouco melhor. Percebi que não só lhes deu confiança a eles mas também a mim própria, que já me sentia orgulhosa de todo este caminho percorrido.

Depois revemos o segundo guião e à semelhança do primeiro, realizámos um pequeno ensaio. Não é por acaso que esta história se chama confusão na peixaria. Apesar de considerar a história simples, ainda cria confusão na cabeça de alguns deles, sendo que ainda existia a necessidade de adaptar comportamentos e falas, sendo que tive o cuidado de manter a sua criação sem grandes alterações. Depois do segundo ensaio, achei que estavam melhores e fomos para o refeitório (local onde iria decorrer o nosso espetáculo) com alegria e vontade.

Eles demonstravam grande entusiasmo, mesmo quando estávamos a organizar o espaço, sorriam e soltavam gargalhadas uns com os outros, revelando uma boa cumplicidade de grupo. Pedi então ao B4 e a A1 que fossem chamar os colegas e o local começou a compor-se.

Tudo a postos, a A2 apresentou o título primeira história aos colegas, ao que complementei posteriormente que tínhamos de fazer silêncio para ouvir os colegas. Isso não foi tarefa fácil, principalmente porque estávamos num local já por si barulhento (pois tem ligação direta para a cozinha), assim como alguns dos colegas do público estavam tão entusiasmados que pura e simplesmente não conseguiam estar calados, fator associado a sua patologia, demonstrando grandes níveis de entusiasmo a alta voz.

Demos então início ao roubo no supermercado e tudo correu bem, como previsto. Apesar de estarem presentes os problemas comuns que apenas podem ser trabalhados com bastante tempo de ensaios e terapias como a falta de dicção do B4, o baixo volume com que falam e tempos de entrada em cena, a meu ver eles estiveram muito bem para a sua primeira apresentação enfrentando condições não muito favoráveis para a realização de uma peça de teatro e enfrentando um público que não pode ser considerado fácil. Ah! O B2 falou e bem! Fiquei feliz por ele.

Partimos então para a segunda história. Trocamos o guarda-roupa e os acessórios e iniciamos a ação. Mais uma vez, os pormenores a acertar foram os habituais e eles estiveram muito bem, recebendo uma salva de palmas no final. A novidade no fim foi a parte da vénia que tínhamos estado a ensaiar anteriormente. Foi muito giro e o B2 voltou a falar “Sou eu!”.

Devido às condições presentes e à brevidade das nossas atuações, houve colegas e colaboradores que não puderam observar a nossa atuação pelo que pediram que repetíssemos ambas as histórias, dando uma nova oportunidade para quem ainda não tinha assistido, e clarificando algumas ideias para quem já conhecia.

E assim foi. Como o grupo estava com a roupa e acessórios da segunda história, iniciámos por lá (algo que criou bastante confusão na cabeça da A2 que acabou por se confundir em algumas falas, trocando os locais das histórias). Ambas as atuações correram bastante bem, e de certa forma, tirando as confusões da A2, o meu grupo parecia-me mais confiante e seguro na sua atuação. O B4 deu-se ao luxo de improvisar mais do que estava previsto e demonstrou grande imaginação ao fingir que voltava a passar o produto pelo detetor e aquilo ter apitado de novo, reforçando que o iogurte era evidentemente um produto roubado.

Mais uma grande salva de palmas e mais uma vénia. Foi uma boa experiência e eles não se continham com tanta alegria, abraçando os colegas e apertando as mãos. No fim, antes de arrumarmos de novo o local, dei-lhes os meus parabéns e expliquei-lhes que apesar de haver ainda muita coisa a trabalhar, eles tinham estado muito bem. Agora é ensaiar e ser feliz.

**JOANA GOMES**

***Anexo III***

***Tabela de Análise de Dados Fase A***

Categoria	Evidências
Improvisação	<p>“No início exemplifiquei com a A1 e correu bem...”(DB2)</p> <p>“...a A1 e o B1 surpreenderam-me. Mesmo antes de definir as atitudes expressivas que iriam assumir, já estavam a interpretar papéis...” (DB2)</p> <p>“Estiveram muito bem e de Parabéns.” (DB2)</p> <p>“A conversa terminou por aqui com uma salva de palmas e pelo que o grupo demonstrava, por eles podíamos continuar com o jogo durante o resto do dia.” (DB2)</p> <p>“Foi uma boa conversa improvisada e ele esteve a altura de umas excelentes gargalhadas para o público...” (DB2)</p> <p>“O NB quis improvisar com a A1 e os dois estiveram muito bem” (DB2)</p> <p>“Os “meus meninos” improvisaram livremente pela primeira vez e foram excelentes.” (DB2)</p> <p>“Eles conseguiram transferir os comportamentos do objeto real para o objeto imaginário...” (DB3)</p> <p>“A improvisação correu bem, foi bastante simples como um atendimento rotineiro num café...” (DB3)</p> <p>“O B3 teve uma representação excelente, lembrando-se bem de aspetos importantes...”(DB3)</p> <p>“Foi tão engraçado! A conversa deles foi bastante simpática, simples e intuitiva, e para melhorar as coisas o B3 fez um sotaque muito engraçado e a A1 foi mesmo buscar o cartão multibanco à sua carteira para pagar. Ambos tiveram muito bem. Mais uma salva de palmas...” (DB3)</p> <p>“...tendo a A2 dominado a improvisação.” (DB3)</p> <p>“...mais uma brilhante atuação do B3 (...) O que se realizou foi bastante giro...” (DB3)</p> <p>“...papel que desempenhou com excelência...” (DB3)</p> <p>“O B2 desempenhou o seu papel muito bem, improvisando com mais segurança do que da primeira vez...”(DB3)</p> <p>“...até realizaram movimentos diversificados e com um bom ritmo.” (DB4)</p> <p>“...A3 tomava a iniciativa de movimento, mudando o rumo do jogo.” (DB4)</p> <p>“...imitou-me muito bem. Reparei que não teve dificuldade nenhuma a realizar o exercício e senti desde o início que ela estava a vontade.” (DB4)</p> <p>“Correu muito bem, e percebi que ambos se conheciam bastante bem e pegaram em pontos-chave da personalidade de cada um. “ (DB4)</p> <p>“...a A2 teve um pouco de dificuldade em perceber o exercício.” (DB4)</p> <p>“...o B2 e o B1 (...) não representaram os colegas de forma nenhuma... ele bloqueava e não conseguia representar a maneira dele falar, nem de ser...” (DB4)</p>

“...Ele não conseguiu imitar o colega, apenas referir as suas características...” (DB4)

“Pedi que ela andasse como a A2, ao que ela executou sem problema. De seguida pedi para que fala-se como ela mas já não conseguiu fazer essa transição.” (DB4)

“...consegui representar diversas frases da A1...”(DB4)

“...considere que teve um desempenho muito bom.” (DB4)

“...e apenas o B2 teve alguma dificuldade e perante a sua dificuldade decidiu alterar o som da palavra repetindo-a duas vezes (miau-miau). Achei criativo...” (DB5)

“... desempenhou um excelente papel, arrastando as palavras no seu fim, e realizando os sons típicos de alguém que prepara um café e um copo de água.” (B3- DB5)

“...notei uma evolução do seu desempenho desde as ultimas sessões, estando mais criativo nas respostas, embora desorientando-se momentaneamente. “ (B2 – DB5)

“...esta improvisação foi a que eu achei que correu melhor apesar de ter sido a mais curta. (...) A A3 mandou logo um grito a perguntar quem queria fruta como se fosse uma verdadeira vendedora (foi excelente).” (DB5)

“...Foi muito bom e foi também a melhor forma de terminar o exercício com uma salva de palmas.” (DB5)

“Depois, como por magia, o B3 começou a dizer “Eu não gosto de ti” com sotaque(...) quando percebi já eramos todos a falar uns com os outros de maneiras estranhas e totalmente diferentes(...) na sua maioria o resultado foi positivo.” (DB5)

“Todos estiveram muito bem, esforçando-se para se comportar de acordo com a sua personagem.” (DB6)

“Foi bastante giro e todos bateram palmas.” (DB6)

“...o B3 logo se inclinou e pôs-se marreco a falar muito baixinho...”(DB6)

“...depois para uma maravilhosa representação dos dois...”(DB6)

“Constatei que o B2 se libertou um pouco mais...” (DB6)

“...imitou brilhantemente um condutor a “conduzir um carro”.” (DB7)

“...pedi ao B2 que o fizesse. Ele esteve muito bem, disse que era como se estivesse na discoteca..” (DB7)

“...a A2 simulou uma conversa com um amigo de Paris e correu bem. “ (DB7)

“Custou a arrancar mas correu bem, foram bastante criativos...” (DB7)

“...com a continuação de um texto bastante criativo por parte dos três participantes, com direito a repreensão (do pai ao filho) e pela primeira vez no jogo de hoje, fizemos improvisações com três pessoas.” (DB7)

“...conseguiram representar durante alguns segundos a situação...”(DB7)

“...a A2 simulou que estava a conduzir um carro e que atropelava sem querer o B1. Confesso que estiveram ambos muito bem e que foi uma improvisação com bastante piada.” (DB7)

“Fui orientando a improvisação mas as ideias foram dele e estive à altura, com direito a polícia (A2) e muitas gargalhadas” (B2-DB7)

“Foi interessante porque mesmo antes de termos pago os bilhetes, já o NB estava atrás das cadeiras a fingir que rodava uma daquelas

	<p>maquinas antigas que passavam os filmes!!” (B3-DB7)</p> <p>“...como por magia já estavam os dois a dançar e cantar no meio do palco.” (DB7)</p> <p>“...parecia que estamos num concerto. Todos (exceto a A2 e o B3 que continuavam a dançar e cantar com fervor) estavam em frente ao palco de braços no ar, a dançar e gritar “só mais uma”.” (DB7)</p>
<p><b>Atenção e Concentração</b></p>	<p>“...um ou dois participantes se perdessem um pouco no que era pedido...” (DB1)</p> <p>“No final, já se ouvia o silêncio e acredito que estavam todos concentrados no exercício.” (DB1)</p> <p>“...a A2 que por estar desatenta jogava constantemente...” (DB2)</p> <p>“...apresentou diversos diálogos inoportunos sobre temas externos a sessão (...)Este comportamento também foi verificado com outros participantes como a A2 e o B3, mas com muito pouca frequência.” (DB2)</p> <p>“...a A2 possuía baixos níveis de atenção e concentração que se refletia depois no decorrer do jogo...” (DB2)</p> <p>“...mantendo o seu papel sem se desmanchar a rir...” (DB2 – B3)</p> <p>“...Neste dia em especial eles estavam com os níveis de concentração e atenção baixíssimos (principalmente a A2) (...) a medida que o jogo foi avançando, foi-se tornando mais motivador e logo menos propicio a “cabeças na lua”...” (DB3)</p> <p>“...eles conseguiram estar atentos uns aos outros para que o jogo não parasse.” (DB3)</p> <p>“...com algumas chamadas de atenção e paragens pelo meio, eles acabaram por estar a altura e realizar ambos os jogos com sucesso.” (DB3)</p> <p>“...neste jogo quase não foi necessário chamar a atenção a ninguém pelo que se mantiveram concentrados durante o mesmo (exceto algumas intervenções “comuns” da A2).” (DB3)</p> <p>“...hoje pareceram-me todos desorientados, desatentos...” (DB4)</p> <p>“...em menos de 5 minutos tive que chamar a atenção da A2 diversas vezes (...)Creio que estes comportamentos foram diminuindo de intensidade no decorrer de toda a sessão.” (DB4)</p> <p>“Pouco tempo depois, a A2 fez mais uma interrupção no jogo, o que distraiu todo o grupo(...)eles mantiveram-se calmos e a prestar atenção ao colega e aos seus movimentos basicamente desde o início.” (DB4)</p> <p>“...os restantes colegas realizavam facilmente o exercício, com algum nível de atenção e concentração” (DB5)</p> <p>“...não tivesse tão atento aos jogos e explicações, assim como a diminuição do seu desempenho nos mesmos.” (DB5)</p> <p>“...tive de pedir inúmeras vezes para a A2 se silenciar, pois estava a distrair constantemente os colegas, impedindo-os que se concentrassem, demonstrando também por sua vez a falta de atenção e concentração no exercício que os colegas estavam a realizar. “ (DB5)</p> <p>“Este foi um jogo que necessitava de bastante capacidade de atenção e concentração e acredito que resultou bastante bem, apesar de no início terem andado um pouco desorientados...” (DB6)</p>

	<p>“... demonstrando sinais de desorientação e principalmente de falta de atenção e de concentração.” (B2 – DB6)</p> <p>“... a A2 foi fazendo as suas intervenções descabidas do costume...” (DB6)</p>
<p><b>Criação Dramática</b></p>	<p>“A terceira ação foi dançar ao som do sinal. Foi muito giro. Cantaram e tudo, para que a dança fosse mais divertida.” (DB1)</p> <p>“As ideias dela são sempre fantabulásticas.” (DB1)</p> <p>“...o B3 começou logo a divagar com as estrelas e a lua.” (DB1)</p> <p>“A A1 começou a divagar sobre os seus filhos que se davam mal...” (DB2)</p> <p>“... permiti que fossem os clientes a decidir que objeto/características teria o nosso porta-lápis na história que iriam representar, sendo que neste caso, o B2 quis que fosse um ovo.” (DB3)</p> <p>“As improvisações continuaram, entre venda de peixe e pintura de unhas...” (DB3)</p> <p>“...e realmente foi buscar duas das suas características mais evidentes (a maneira de andar e falar), representando-as muito exageradamente...” (DB4)</p> <p>“Entre bruxas e vendedores de espelhos, o exercício foi muito bom para descontrair e improvisar livremente...” (DB4)</p> <p>“Inicialmente foi um pouco difícil fazer com que andassem e fossem até ao lenço assumindo a personagem de cada um, mas com a continuação do jogo as coisas foram normalizando...” (DB6)</p> <p>“Assim sendo, houve dançarinas a dançar, velhinhos a correr e muito peixe para comprar.” (DB6)</p> <p>“Os primeiros a subir ao palco foram o velhinho B3 e a dançarina A1 e estiveram muito bem.” (DB6)</p> <p>“...o B1 esteve muito bem e bastante criativo nas suas respostas, revelando uma maior liberdade criativa e teatral do que nas sessões anteriores.” (DB6)</p> <p>“...a bailarina A1 subiu ao palco para ir comprar uma quantidade astronómica (17Kg) de bacalhau...” (DB6)</p> <p>“Entre a conversa posso destacar que a cozinha do café incendiou-se e que os clientes tiveram que pagar em euro “alemão.”(DB7)</p> <p>“De repente, ficamos sem gasolina e o B2 teve a ideia de colocarmos água na gasolina porque ele achava que assim o motor andava. No fim de contas o carro começou a tremer, explodiu e tivemos de fugir.” (DB7)</p> <p>“...a A2 e o B3 que continuavam a dançar e cantar com fervor...” (DB7)</p> <p>“Ele escolheu estarmos num funeral e eu era uma cidadã curiosa.” (DB7)</p>

<p><b>Capacidade Reflexiva</b></p>	<p>“Em geral todos gostaram, referiram que foi bom e a A1 referiu ainda que era importante estes jogos porque ajuda a desenvolver a mentalidade dos colegas e a dela, assim como trabalhamos o corpo, concluindo que “se fosse assim sempre é que era bom”. “ (DB1)</p> <p>“Perguntei-lhes se melhorava a qualidade de vida deles e todos disseram que sim ...” (DB1)</p> <p>“...perguntei-lhes o que tinham sentido: a calma, o esquecimento do ambiente exterior e o relaxamento foram algumas das ideias que referiram. Disseram que o exercício foi engraçado e inovador, que não estavam a espera deste exercício. Pareceram-me bastante satisfeitos e com vontade de continuar.” (DB1)</p> <p>“Em geral referiram que se divertiram bastante e que trabalharam o corpo e a mente, realizando o exercício físico durante o jogo e atenção e concentração. (...) A A2 foi mais além e disse que fizemos a “estimulação da expressão corporal, trabalhando os movimentos”. O mais importante foi quando disseram que lhes melhorava a qualidade de vida e que queriam continuar a realizar estes jogos.” (DB2)</p> <p>“Todos acharam muito divertido e a A1 disse que podíamos fazer este jogo todos os dias.” (DB2)</p> <p>“Por momentos pensei que aqueles exercícios não significavam nada para ela, mas depois, com diário de bordo que escreveu, fiquei a saber que tinham sido importantes (...)” (DB3)</p> <p>“A A2 foi divagando mas sem responder exatamente ao que perguntava e a A1 acredito que conseguiu.” (DB3)</p>
<p><b>Participação</b></p>	<p>“...todos concordaram com o planeamento do projeto e gostaram da ideia de fazer teatro...” (DB1)</p> <p>“...a A2 pediu para que dançasse-mos dança moderna(...) A A1 sugeriu que batêssemos as palmas” (DB1)</p> <p>“A nova sugestão da A1 foi bater com os pés depois do sinal (...) A última sugestão da A1 foi fazer festinhas ao colega...” (DB1)</p> <p>“...assim houve quem se quisesse descalçar...” (DB1)</p> <p>“O B3 quis improvisar com a A1...” (DB2)</p> <p>“...foram perguntando durante a semana se ia acontecer...” (DB3)</p> <p>“...a sua ansia de participar era tanta que não se conseguiam conter.” (DB4)</p> <p>“O B1 entusiasmado também tentou imitar...” (DB4)</p> <p>“...B3 criou resistência(...) depois de alguma insistência até colaborou...” (DB5)</p> <p>“...inicialmente criou alguma resistência, mas acabou por aceitar e até comentou que “Isto dá sono”.” (B3 –DB5)</p> <p>“...por sugestão da A1...” (DB5)</p> <p>“...ela se encontrava com alguma resistência à mudança e à experimentação ...” (A1 – DB5)</p> <p>“...a A1 não se tenha empenhado como em sessões anteriores, demonstrando falta de motivação...” (DB5)</p> <p>“Por achar que ela estava bastante motivada...” (A2 – DB5)</p> <p>“...o B2 mostrou sinais de empenho...” (DB5)</p> <p>“...a B2 me perguntar todos os dias desde o início da semana se haveria teatro hoje...” (DB6)</p> <p>“...com algum entusiasmo nos olhos deles...” (DB6)</p> <p>“... Velhinho, Peixeiro ou de Dançarina (sugestão da A1)” (DB6)</p> <p>“...foram perguntando desde segunda-feira se hoje havia teatro...” (DB7)</p>

	<p>“A A2 disse “Jogar a bola”, a A1 sugeriu “Dançar”, o B3 disse “Ter um carro” (...) o B2 disse “Música” (...) várias sugestões difíceis ...” (DB7)</p> <p>“Com grande entusiasmo...” (DB7)</p> <p>“...demorou pouco tempo até a A1 saltar e dizer qual era a ação que a A2 estava a representar.” (DB7)</p> <p>“...“Não gosto de ser contrariada”(...)Apesar de ter voltado a dizer que não queria fazer...” (A1-DB7)</p>
<p>Emoções/Afetos</p>	<p>“...tinham curiosidade.” (DB1)</p> <p>“...eles pareciam estar a gostar bastante deste jogo.” (DB1)</p> <p>“...estavam todos bem-dispostos.” (DB1)</p> <p>“...Em geral todos gostaram.” (DB1)</p> <p>“...não gostou de andar a roda...” (B3 – DB1)</p> <p>“Pareceram-me bastante satisfeitos e com vontade de continuar.” (DB1)</p> <p>“...tive que acompanhar a vontade e entusiasmo dos meus participantes...” (DB2)</p> <p>“...A timidez reinava (...) parecia que tinham medo...” (DB2)</p> <p>“...entre risadas e comentários engraçados...” (DB2)</p> <p>“Era de prever que as gargalhadas inundaram a sala e que o bem-estar era garantido.” (DB2)</p> <p>“Muitas palmas, muitos sorrisos ...” (DB2)</p> <p>“Adoraram fazer teatro...” (DB2)</p> <p>“...senti que iriam mais felizes para casa naquele dia...” (DB2)</p> <p>“...regressaram aos lugares sempre com um grande sorriso.” (DB3)</p> <p>“...percebi que ele se sentiu como um elemento do grupo...” (DB3)</p> <p>“...apresentando por vezes diversas desculpas para que a deixasse desistir do exercício...(DB4)</p> <p>“...o divertimento foi total.” (DB4)</p> <p>“...com risos e bem-estar...” (DB5)</p> <p>“...se sentisse tão constrangido. Correu bem, com calma e tranquilidade, entre risos e brincadeiras realizamos o exercício...” (DB5)</p>

	<p>“...Foi um jogo divertido...” (DB5)</p> <p>“...com algum entusiasmo nos olhos deles...” (DB6)</p> <p>“Ele parecia-me triste, estive maioritariamente calado durante toda a sessão...” (B2 – DB6)</p> <p>“As gargalhadas dos colegas foram constantes...” (DB6)</p> <p>“...tudo isto com uma boa dose de comédia e risadas entre todo o grupo...” (DB7)</p> <p>“Ficaram contentes e dei início ao jogo.” (DB7)</p> <p>“...estavam todos felizes e sabia que estavam a apreciar o momento com muita alegria.” (DB7)</p>
<p><b>Orientação Sequencial</b></p>	<p>“...era difícil eles conseguirem ouvir as instruções que lhes dava e andar ao mesmo tempo...” (DB1)</p> <p>“A primeira ação, depois de nos habituarmos á paragem ao sinal das palmas, era olhar para o colega mais próximo, se possível olhos nos olhos, e até correu bem...” (DB1)</p> <p>“...tendo que orientá-la duas vezes para que executasse a ação proposta.” (A3 – DB1)</p> <p>“Foi difícil manter a organização neste jogo...” (DB2)</p> <p>“Tentei que este jogo tivesse um bom ritmo, e que eles se organizassem entre eles, com atenção e concentração de forma a manter uma boa fluidez no jogo, algo que não foi fácil.” (DB2)</p> <p>“Explicava de novo o que tinham de fazer e lá se decidiam (...) Até ao final conseguiram ir-se orientando e realizar os objetivos do jogo com algum sucesso.” (DB2)</p> <p>“...com algumas dificuldades em trabalhar em roda com um lugar abstrato.” (DB2)</p> <p>“...para a A2 foi um exercício bastante difícil, principalmente pelas vezes em que trocava de lugar sem ser a sua vez” (DB2)</p> <p>“O ritmo foi muito bom e não houve margem para confusões.” (DB2)</p> <p>“Como o jogo foi fluído, com firmeza e segurança da parte deles durou apenas 13 minutos...” (DB3)</p> <p>“...no início nem sequer conseguiam fazer uma roda com as cadeiras.” (DB4)</p> <p>“...comecei eu a realizar os movimentos e pedi para que me imitassem. Correu bastante bem...” (DB4)</p> <p>“...conseguiram coordenar os movimentos dos dois e realizar um bom exercício.” (DB4)</p> <p>“Pedi então que formassem uma plateia e deixassem o palco livre, e fizeram-no sem esforço, o que me deixou feliz, pois pareciam grandes artistas e sabiam qual o lugar a ocupar.” (DB5)</p> <p>“...apesar de no início terem andado um pouco desorientados (...)a A3 e o B2 foram os que tiveram dificuldade neste jogo (...)e também na sua capacidade de estímulo-ação...” (DB6)</p>

<p><b>Trabalho de Equipa</b></p>	<p>“A relação entre eles pareceu-me ser bastante boa, estável e sem preconceitos...” (DB1)</p> <p>“...ajudou a desenvolver as suas atitudes entre eles.” (DB2)</p> <p>“...sinto que se sentem mais unidos desde a última sessão.” (DB2)</p> <p>“...esteve a explicar-lhe o que tivemos a fazer na sua ausência.” (B3 – DB3)</p> <p>“...onde um a um assumia a liderança e realizava os movimentos para os colegas repetirem.” (DB4)</p> <p>“Desde logo a A1 referiu que apenas queria contracenar com o B1 (...) lá consegui convencer a A1 a fazer a sua improvisação com o B3...” (DB5)</p> <p>“..., mas na maioria das vezes serem os colegas a chamar por ela e pelo B2 para eles irem buscar o lenço pois era a vez deles. Isto gerou um sentido de interajuda e de grupo fantástico entre os participantes...” (DB6)</p> <p>“Ao ver a A3 em dificuldade, a A1 propôs-se logo a ajudar dizendo-lhe que teria que avançar sempre que ela chamasse o seu nome...” (DB6)</p> <p>“Considerarei bastante importante esta iniciativa de interajuda por parte da A1, principalmente por respeitar as dificuldades da colega e por ter continuado a arranjar estratégias que facilitassem a participação da mesma...” (DB6)</p> <p>“...tornou-se mais visível a importância de um apoio e a diferença entre ambas as prestações perante o mesmo tipo de dificuldade.” (DB6)</p> <p>“...embora os colegas o tenham ajudado bastante na caracterização (...) Ele repetia o que os colegas diziam e até se saiu bem” (DB6)</p>
<p><b>Representação de Situações do Quotidiano</b></p>	<p>“Foi uma conversa muito simples que correu bem, e que se baseou em algo que os unia, a música.” (DB2)</p> <p>“A A2 e o B1 continuaram “em palco”, improvisando um anúncio dos iogurtes que a A2 tinha visto na televisão...” (DB2)</p> <p>“Ambas recrearam uma situação que vivem todos os dias por causa de quem anda no baloiço do recreio (...) foi importante aliviar um pouco a tensão que ambas poderiam estar a sentir devido a esta situação vivenciada por ambas diariamente.” (DB2)</p> <p>“...percebi que tinham noções que muitas das situações são vivenciadas na vida real.” (DB2)</p> <p>“Os primeiros foram a A2 e o B1 Fingiram que estavam no café (por minha sugestão) e pareciam-me muito tímidos, mas temos de ter em consideração que ambos tinham tido uma pequena desavença minutos atrás (...) graças a deus resultou” (DB3)</p> <p>“O B3 associou-se logo a uma das suas atividades prediletas e foi buscar uma vassoura para varrer.” (DB3)</p> <p>“... a A2 se ter queixado que (...) este lhe chamou peixeira. (...) a A2 insistiu que queria de fazer de peixeira (...) trabalhando assim algo que a incomodou ...” (DB3)</p> <p>“...quase todas as improvisações que implicavam transição de dinheiro (peixaria, esteticista, loja), os participantes referiam que não tinham dinheiro para pagar na totalidade ou parcialmente a dívida (...) este tema pode ser bastante importante para os nossos participantes, possivelmente por se depararem com situações semelhantes muito devido a sua dependência financeira.” (DB3)</p> <p>“...ele retratou algo que tinha acontecido pouco antes de iniciarmos os jogos, quando andei à procura dele pela escola, lhe dizia para ele vir para a sala e ele ia para uma sala completamente diferente, pelo que lhe dizia e voltava a pedir para ir para a sala correta.” (B2 – DB4)</p>

	<p>“...a A1 e o B3 quiseram representar uma situação habitual na instituição entre uma cliente e uma monitora.” (DB4)</p> <p>“...o B3 com o papel “ouvir musica”, algo que foi facilimo para ele pois é algo que ele adora fazer e representou sentado, calmo, a cantar, como ele costuma fazer quando ouve música.” (DB7)</p>
--	--

*Anexo IV*

*Tabela de Análise de Dados Fase B*

Categoria	Evidências
Criação Dramática	<p>“...comecei por questioná-los de forma a conseguirmos encontrar respostas e orientação para o início da nossa história, com as perguntas onde decorre a historia, com quem e o que acontece.” (DB8)</p> <p>“O B3 sugeriu (se calhar logicamente) que a história se poderia passar na nossa cabeça [...] De seguida a A1 disse que podia ser num avião e a partir daí tudo foi surgindo...” (DB8)</p> <p>“Pedi que me sugerissem diversas pessoas [...] e pouco tempo depois estavam escolhidas. A empregada da caixa, o gerente e o cliente seriam as personagens principais...” (DB8)</p> <p>“A A1 rapidamente respondeu que o cliente poderia levar alguma coisa da loja sem pagar, pelo que depois se chamava a polícia.” (DB8)</p> <p>“Depois de lhe dizer que ela tinha de fazer alguma coisa, começou a imitar o som do carro de polícia e a fingir que fazia uma chamada para os mesmos a pedir ajuda porque tinha sido assaltada.” (DB8)</p> <p>“Tentei orientá-los neste processo criativo de forma a ser mais fácil para todos chegar ao objetivo pretendido..” (DB10)</p> <p>“...acredito que a grande base partiu da cabeça deles e que a criação foi inteiramente entregue ao grupo.” (DB10)</p> <p>“Todos se mantinham um pouco presos à primeira história, sugerindo utilizar o mesmo espaço de ação e algumas personagens [...] Depois de ter sugerido alguns locais, a A1 escolheu a Peixaria como local de ação, pelo que todos concordaram [...] consegui que eles definissem que estariam presentes dois clientes na ação, e logicamente dois peixeiros. Como faltavam duas personagens decidiram que poderiam ser o gerente e o segurança...” (DB10)</p> <p>“...A1 sugeriu que poderia haver uma confusão entre senhas/prioridades de atendimento. Depois de todos concordarem e de observar que todos estagnaram no processo de criação, sugeri que os clientes poderiam desentender-se por quererem o mesmo peixe (sardinha disse a A3) [...] todos chegaram a conclusão que a forma mais justa de resolver a situação seria ninguém levar a sardinha e acabava a confusão.” (DB10)</p> <p>“...tentei que todos escolhessem à sua vontade qual o papel que queriam interpretar. A A2 [...] dizia que queria ser peixeira [...] a A3 também demonstrou a vontade de ser peixeira em conjunto com a A2, [...] a A1 escolheu fazer de segurança e o B1 exprimiu logo em seguida a vontade de fazer de cliente em conjunto com o B3.” (DB10)</p> <p>“Depois de colados os desenhos e de escritas as legendas, que mais uma vez foram os participantes a definir...” (DB11)</p> <p>“A pedido da A2, permiti que ela apregoa-se “Há sardinha” enquanto chegavam os clientes...” (DB11)</p> <p>“...a A1 pregou bastantes partidas ao B4, não lhe querendo dar a mala para ele observar, assim como referindo que o objeto roubado já era dela, e ele soube dar a volta ao texto bastante bem, chamando a gerência e logo depois explicando a situação</p>

	<p>que aconteceu, repetindo a explicação na presença da polícia.” (DB13)</p> <p>“A A2 nesta tentativa decidi esconder a sardinha atrás das costas...” (DB13)</p> <p>“A novidade no fim foi a parte da vênica que tínhamos estado a ensaiar anteriormente.” (DB14)</p>
Improvisação	<p>“...Aproveitei para introduzir a personagem da polícia na história (o B1) mas ele pouco fez a não ser dizer que não podia fazer nada naquela situação.” (DB8)</p> <p>“...a A1 foi a que melhor sabia o que era preciso para se ser um ladrão exemplar, passando pela observação das camaras, olhar para ver se alguém está a ver e esconde o objeto, passar na caixa e de seguida a máquina vai apitar.” (DB8)</p> <p>“Tentei arredondar a ação e “apitar” na mesma quando ela saiu, sendo que a A1 chamou a gerência que logo chamou os polícias que apreenderam o que ela tinha e a deixaram ir embora. Embora não tenha corrido mal, pretendia que a ação se desenvolve-se com mais fluidez” (DB8)</p> <p>“Iniciou-se a ação e correu tudo pelo melhor [...] decorreu melhor do que estava a espera.” (DB8)</p> <p>“Com muito profissionalismo, a A1 começou por esconder a garrafa de água na mala, passando depois pela caixa onde soou o alarme. O B3, muito correto pediu para ver o que a cliente levava na mala. A gerente foi logo a correr sem ser chamada...” (DB9)</p> <p>“...os meus atores estiveram muito bem, e mereceram a salva de palmas no final.” (DB9)</p> <p>“Passámos rapidamente à ação e eles estiveram muito bem...” (DB10)</p> <p>“...a confusão instalou-se. [...] a primeira tentativa sai sempre trocada e todos se confundem com tudo e com todos...” (DB10)</p> <p>“Depois de uma falsa partida, iniciámos outra vez e começou melhor do que as tentativas anteriores...” (DB10)</p> <p>“Pela última vez hoje, iniciámos a ação e correu bastante bem, apesar de alguns ajustes que ainda têm de ser feitos, mas para a primeira vez foi excelente. Todos tiveram bem nos seus papéis, e finalmente os dois clientes discutiram por causa da sardinha!” (DB10)</p> <p>“...todos estavam prontos para intervir...” (DB11)</p> <p>“...Os clientes continuaram a improvisar e foram embora a discutir...” (DB11)</p> <p>“O B2, embora tivesse estado muito caladinho e pacato, exprimiu grandes gargalhadas e manteve-se sempre em ação com os colegas...” (DB11)</p> <p>“A primeira tentativa correu bastante bem, embora haja sempre alguns aspetos a melhorar.” (DB12)</p> <p>“...o B2 desorientou-se por completo...” (DB12)</p> <p>“Todos estiveram muito bem embora tivesse sido uma confusão total.” (DB12)</p> <p>“A primeira experiência na representação da primeira historia até correu bastante bem [...]O B2 hoje apresentou a sua postura comum de pacatez e inatividade em relação aos colegas...” (DB13)</p>

	<p>“...B2: desta vez ele foi na altura certa e apresentou-se ao local quando o chamaram referindo “Sou eu”...” (DB13)</p> <p>“Desta vez correu bem melhor, com cada ator a desempenhar o seu papel corretamente...” (DB13)</p> <p>“...até tivemos o prazer de ouvir o B2 a intervir...” (DB13)</p> <p>“...da segunda vez correu um pouco melhor.” (DB14)</p> <p>“...eles estiveram muito bem para a sua primeira apresentação enfrentando condições não muito favoráveis [...]O B2 falou e bem!” (DB14)</p> <p>“Foi muito giro e o B2 voltou a falar “Sou eu!”.” (DB14)</p>
<p><b>Orientação Sequencial</b></p>	<p>“...foi a confusão total [...]os altos níveis de orientações abstratas fizeram com que inicialmente o objetivo não tenha sido cumprido.” (DB8)</p> <p>“...tentei definir uma sequência lógica para o decorrer da ação para tornar mais explícito e simples para todos: Ladrão rouba, passa pelo senhor da caixa, que chama o gerente, que chama a polícia.” (DB8)</p> <p>“Dirigia-se á caixa como uma cliente normal, para comprar outra coisa distinta, sem seguir a orientação da história que tínhamos anteriormente definido.” (A2 - DB8)</p> <p>“...desorientando-se na sua prestação...” (DB8)</p> <p>“...mostrei-lhes os desenhos que tinha imprimido para a atividade e pedi que me ordenassem as imagens de acordo com o texto [...]conseguiram ordenar as imagens corretamente para colocarmos no nosso cartaz orientador: 1º O roubo, 2º A caixa, 3º O gerente e em 4º O policia.” (DB9)</p> <p>“...pedi que revessemos de novo a história e a sua sequência para manter viva a lembrança para se seguida a podermos representar.” (DB9)</p> <p>“...os atores foram representando as fases da história esperadas [...]bastante mais organizado e orientado...” (DB9)</p> <p>“...pedi que se parasse com a atuação, pois estava a ver que ninguém estava a seguir a ordem, mais propriamente a A2...” (DB9)</p> <p>“Desta vez, com mais organização, todos os passos foram seguidos corretamente...” (DB9)</p> <p>“A A3 pareceu-me estar um pouco mais orientada hoje...” (DB9)</p> <p>“...deu-me a entender que eles ainda se lembravam bastante bem da sequência e do que tinham de fazer, assim como quem estava destinado a cada personagem. “ (DB10)</p> <p>“ Escrevemos então o guião de tópicos de forma a podermos organizar melhor a sequência e comportamentos necessários de cada um...” (DB10)</p> <p>“Fui dando dicas em voz alta para que se pudessem orientar...” (DB10)</p> <p>“A peixeira chamou o gerente e o segurança e terminou a história tendo a sardinha ficado no sítio onde estava, sem que ninguém a comprasse.” (DB10)</p>

	<p>“...desorientados e sem intervenção durante a improvisação...” (A2 E B2 – DB10)</p> <p>“Ordenámos novamente as imagens pela ordem correta...” (DB11)</p> <p>“Depois tudo seguiu como planeado até à parte em que chegam os policias e os gerente...” (DB11)</p> <p>“...voltei de novo a explicar com a ajuda dos participantes qual era o fim que tínhamos definido para a história...” (DB11)</p> <p>“...revemos os nossos guiões em grupo (correu bem)...” (DB12)</p> <p>“A A3 continua bastante “perdida” durante a atuação...” (DB12)</p> <p>“O B1 ainda se esquece de fazer o pedido a peixeira[...] A A3 continua a querer levar o peixe para casa[...] O B2 inicialmente esteve bem[...] mas depois desorientou-se ...” (DB12)</p>
<p><b>Trabalho de Equipa</b></p>	<p>“No fim das sugestões, pedi para que um a um escolhesse qual tinha sido a que foi mais do seu agrado, pelo que, no final da contagem, o supermercado ganhou pela maioria.” (DB8)</p> <p>“...insisti para que todos participassem na sua realização...” (DB8)</p> <p>“Esta situação tornou-se tão grave até ao ponto de serem os próprios colegas a chamarem a sua atenção por eles próprios não se conseguirem manter concentrados por causa dela.” (A2 - DB8)</p> <p>“Demonstrando um bom trabalho de equipa, embora com alguma ausência por parte do B2 e da A3...” (DB9)</p> <p>“...observaram que todos podem trabalhar para um objetivo comum...” (DB9)</p> <p>“...orientado pelo B1 que foi o seu companheiro...” (DB9)</p> <p>“Achei bastante interessante o fato de terem ficado todos organizados por pares, onde cada um poderia ajudar o seu colega na execução do seu papel, funcionando assim como um excelente trabalho de equipa.” (DB10)</p> <p>“...a A1 ao ver que os colegas não estavam a conseguir orientar-se voluntariou-se para assumir o papel de cliente de forma a demonstrar um exemplo de como eles tinham de se comportar...” (DB10)</p> <p>“Depois de uma votação entre imagens...” (DB11)</p> <p>“...todos trabalharam em grupo de forma a criar o novo guião de forma exemplar...” (DB11)</p> <p>“...todos conseguiram trabalhar bem em grupo uns com os outros...” (DB11)</p> <p>“...aprovar as ideias e trocar de opiniões...” (DB12)</p> <p>“A A1 foi um grande apoio e ajudou bastante a PM2...” (DB12)</p> <p>“Em grupo, com a grande ajuda dos colegas, ensinámos-lhe como ele deveria de realizar a detenção...” (DB13)</p> <p>“...foram novamente os colegas que lhe chamaram a atenção[...]Relembrei de novo todo o guião, com a ajuda de todos em volta da A2...” (DB13)</p> <p>“..., revelando uma boa cumplicidade de grupo.” (DB14)</p>

<p>Emoções/Afetos</p>	<p>“Em relação à A2 e ao B2, ambos tiveram uma postura muito semelhante entre si. Apatia, inatividade, timidez, desorientação e desmotivação creio serem as palavras que melhor refletem a sua postura durante a sessão...” (DB8)</p> <p>“Este momento de lazer entre todos foi bastante apreciado por eles..” (DB9)</p> <p>“...entre sorrisos e gargalhadas...” (DB9)</p> <p>“...o sorriso nos seus rostos era bem visível.” (DB9)</p> <p>“No final houve muitos sorrisos..” (DB10)</p> <p>“Apesar de estarem muito tímidos..” (DB10)</p> <p>“...estavam todos entusiasmados.” (DB10)</p> <p>“Todos adoraram..” (DB10)</p> <p>“A A3 e o B2 continuam muito introvertidos, permanecendo no seu canto...” (DB10)</p> <p>“Era bem visível este sentimento nas suas faces.” (DB10)</p> <p>“Ficaram ainda mais felizes, relatando o seu agrado com muito entusiasmo. “ (DB10)</p> <p>“...embora tenham existido alguns momentos de divertimento e gargalhadas...” (DB11)</p> <p>“...com grande entusiasmo.” (DB11)</p> <p>“...estavam com cara de grande alegria e entusiasmo...” (DB11)</p> <p>“...PM parecia não se conter de entusiasmo e só fazia perguntas... (DB12)</p> <p>“...com um sorriso nos lábios por tudo ter corrido bem [...] com grande entusiasmo. ” (DB13)</p> <p>“...apesar de parecerem calmos, sentia algum desconforto e ansiedade enquanto se aproximava a tão aguardada hora.” (DB14)</p> <p>“...o meu grupo parecia-me mais confiante e seguro na sua atuação.” (DB14)</p> <p>“...eles não se continham com tanta alegria, abraçando os colegas e apertando as mãos.” (DB14)</p>
<p>Atenção e Concentração</p>	<p>“...parecia que não tinha ouvido nada do que tínhamos falado anteriormente.” (A2 – DB8)</p> <p>“...a [...] Sempre a falar, desatenta ao que está a ser explicado, incomodando os colegas...” (DB8)</p> <p>“...os colegas que neste momento já mantem um bom nível de atenção e concentração na atividade...” (DB8)</p> <p>“...eles escutaram com atenção, com exceção da A2 [...] Mesmo assim, considero ter sido observada uma pequena (muito pequena) melhoria em relação à semana passada no seu comportamento..” (DB9)</p> <p>“...todos mantiveram a atenção e concentração...” (DB9)</p> <p>“...chamadas de atenção para se manter a concentração durante a ação (não muitas).” (DB10)</p> <p>“Ao nível da atenção e concentração considero ter sido das melhores sessões neste aspeto. [...] houve bastantes risos e desconcentrações, mas foram comportamentos que se foram desvanecendo durante a restante intervenção, o que acho ser um aspeto bastante positivo. “ (DB10)</p> <p>“...a atenção e concentração dos participantes manteve-se geralmente equilibrada e intacta.” (DB11)</p>

	<p>“...enquanto a A2 olhava atentamente para a discussão dos clientes (A1 e B1) que estava bastante interessante.” (DB11)</p> <p>“...todos conseguiram manter a atenção e concentração necessárias...” (DB11)</p> <p>“...expliquei a A2 que não se poderia rir enquanto os colegas estavam a representar[...] o seu comportamento esta bem melhor ...” (DB12)</p> <p>“...durante ambas as atuações, foi mantido um bom nível de atenção e concentração[...] acredito que já se nota uma evolução bastante grande nos meus participantes ao nível da atenção e concentração.” (DB13)</p>
<p><b>Capacidade Reflexiva</b></p>	<p>“...pedi que, em grupo, me dissessem se tinham gostado, se o cartaz tinha ajudado e se se sentiam mais orientados nesta história. Todas as respostas foram positivas...” (DB9)</p> <p>“O feedback dos participantes foi bastante bom, onde referiram que tinham gostado muito e que tinha sido bastante divertido.” (DB10)</p> <p>“Questionei-os se tinham gostado e todos responderam afirmativamente, embora as suas feições fossem a melhor resposta que eu poderia ter.” (DB11)</p> <p>“Perguntei se tinham gostado e se queriam continuar e a resposta continua a ser afirmativa, o que prova de que todo o trabalho está a valer a pena e que é para continuar. “ (DB12)</p> <p>“...com um bom balanço positivo por parte deles, que me confessaram ter apreciado bastante as atividades e os ensaios e esse sentimento era visível nas suas faces. “ (DB13)</p>

*Anexo V*

*Tabela de Análise de Dados dos Diários de Bordo dos  
Participantes*

Categoria	Evidências
<p>Momentos Mais Marcantes</p>	<p>“...gostei muito de ver e as vezes imaginei que fazia de cabeleireiro e pensava que estava a cortar o cabelo, e fiz outro teatro sobre a volta das cadeiras...” (A3 –DBP3)</p> <p>“Porque eu estive com a A1, porque eu estive a varrer o chão e a A1 acabou por o lixo no chão.” (B3 – DBP3)</p> <p>“Eu gostei da parte das lojas onde tava o segurança da loja com o B3 e o B2...” (A1 – DBP3)</p> <p>“Eu gostei mais do teatro no fim dos jogos, também gostei da representação dos cafês, da parte da loja e da peixeira na praça. Eu preferi as vendas na loja da A1 e do B3. Gostei das atuações do verniz e das amêijoas.” (A2 – DBP3)</p> <p>“Gostei da peça que estava a fazer com a A2 porque ela faz rir [...] e gostei de andar à roda.” (B1 – DBP3)</p> <p>“Gostei de todos, mas mais do jogo da bola.” (B2 – DBP3)</p> <p>“Fiz de espelho e as vezes fui sentar-me na cadeira.” (A3 – DBP4)</p> <p>“Imitei vozes dos meus amigos e foi muito bom.” (A3 – DBP4)</p> <p>“Eu gostei mais de fazer o espelho e eu mais a A1 estive [...] porque o meu colega B2 estava a fazer igual a mim” (B3 – DBP4)</p> <p>“Eu gostei de todos os jogos desde o princípio da atuação da bruxa boa e das personalidades de todos os colegas.” (A2 – DBP4)</p> <p>“Gostei de imitar as pessoas, do espelho.” (B1 – DBP4)</p> <p>“Eu gostei mais de tudo, do jogo dos pares.” (B2 – DBP4)</p> <p>“Fiz de empregada do café, fiz de conta ser dona do bar e dei um café aos meus colegas e outras vezes fiz de conta que era a senhora da fruta e os meus colegas foram comprar.” (A3 – DBP5)</p> <p>“Eu gostei de fazer de gatos e começarem um a um a imitar” (A3 – DBP5)</p> <p>“Eu gostei mais de um pouco de tudo e de ver o teatro. Gostei de sentir as massagens na nossa cara e de relaxar com as mãos. No final gostei de cantar com as vozes mais altas.” (A2 – DBP5)</p> <p>“Estive a fazer massagens à A2 [...] Gostei mais de dizer banana.” (B3 – DBP5)</p> <p>“Gostei de tudo, das massagens.” (B1 – DBP5)</p> <p>“Gostei mais de jogar com o dinheiro.” (B2 – DBP5)</p> <p>“Jogar ao lenço foi giro e fiz de peixeira a fazer de conta para vender peixe, e fiz de bailarina para dançar sozinha [...] as vezes estive a correr atrás da cadeira para apanhar o lenço.” (A3 – DBP6)</p> <p>“Gostei de jogar ao lenço [...] de ser velhote com a peixeira que não tinha peixe. O meu velhote tinha 89 anos e andava muito torto e falava muito mal e estava a sentir muito mal.” (B3 – DBP6)</p>

	<p>“Hoje gostei mais de um pouco de tudo assim como o jogo do lenço e da representação do teatro, das cenas das peixeiras nas vendas no mercado e os velhinhos a comprar um rádio na Worten.” (A2 – DBP6)</p> <p>“Na atividade de hoje eu gostei de todos os jogos.” (A1 – DBP6)</p> <p>“Gostei de tudo, gostei da peça, de representar, do lenço.” (B1 – DBP6)</p> <p>“Gostei muito de ver as atuações da A1, do B2 e do B1 nos cafés e de estar no hotel alemão. Também gostei de dançar e de tudo um pouco.” (A2 – DBP7)</p> <p>“Eu gostei mais de jogar a bola e de ver os colegas a arranjar o carro [...] estive a cantar para as vocês que estavam na sala de cinema.” (B3 – DBP7)</p> <p>“Conduzi um carro e fui ao cinema comprar um filme e peguei no troco. Gostei de jogar ping-pong. [...] Gostei de estar com os outros meninos a cantar.” (A3 – DBP7)</p> <p>“O que mais gostei no geral foi de tudo porque estivemos a imitar as ações que fizeram nos teatros e improvisações.” (A1 – DBP7)</p> <p>“A peça de teatro que mais gostei foi a do B2 e da auxiliar Joaquina.” (A1 – DBP7)</p> <p>“Eu gostei mais da parte do carro.” (B2 – DBP7)</p> <p>“Gostei da peça que a gente fez no concerto.” (B1 – DBP7)</p>
<p>Emoções e Sentimentos</p>	<p>“Fazer teatro que foi muito engraçado.” (B3 – DBP3)</p> <p>“Fico contente.” (B3 -DBP3)</p> <p>“Eu gostei destas atividades porque são enriquecedoras” (A1 – DBP3)</p> <p>“Os jogos de hoje fizeram-me sentir feliz.” (A1 – DBP3)</p> <p>“Eu senti-me alegre e contente.” (A2 – DBP3)</p> <p>“Senti muita coisa[...] gostei do teatro.” (B1 – DBP3)</p> <p>“Foi difícil imaginar que tinha a bola [...] quando consegui fiquei satisfeito.” (B1 – DBP3)</p> <p>“Gostei, foi bonita, fazer os jogos, gostei muito, obrigado.” (B2 – DBP3)</p> <p>“No início tive medo, não sabia, mas foi giro e tudo [...] senti coragem.” (B2 – DBP3)</p> <p>“Eu gostei do jogo de hoje foi giro e diverti-me a fazer teatro.” (A2 –DBP4)</p> <p>“Estive bem-disposta [...] gostei de fazer coisas bonitas” (A3 – DBP4)</p> <p>“Eu senti-me bem porque estávamos bem alegres [...] e até me ri um pouco. ” (A2 – DBP4)</p> <p>“Senti-me bem.” (A1 – DBP4)</p> <p>“Senti-me em personagem como a gente fazia.” (B1 – DBP4)</p> <p>“Gostei tanto [...] Senti-me parte do grupo.” (B2 – DBP4)</p> <p>“No dia 12 de Novembro eu não estava muito bem para esta atividade e então eu resolvi ser um pouco teimosa. [...] Portanto eu gostei dos jogos de hoje mas peço desculpa a Joaquina pelo mal que lhe fiz.” (A1 – DBP5)</p>

	<p>“Eu fiquei mais ou menos feliz.” (A1 – DBP5)</p> <p>“Eu hoje gostei de ver o teatro e correu-me bem.” (A3 – DBP5)</p> <p>“Senti-me bem.” (B3 – DBP5)</p> <p>“Achei um bocadinho difícil porque era complicado.” (B1 – DBP5)</p> <p>“Eu hoje gostei de fazer teatro.” (A2 – DBP6)</p> <p>“Foi muito divertido.” (B2 – DBP6)</p> <p>“Eu senti-me alegre e contente porque as atuações faziam vontade de rir.” (A2 – DBP7)</p> <p>“Eu senti-me bem.” (B3 – DBP7)</p> <p>“Eu gostei de fazer teatro com os meus colegas, foi muito giro.” (A3 – DBP7)</p> <p>“Também me senti muito feliz.” (A1 – DBP7)</p> <p>“Senti-me bem.” (B1 – DBP7)</p>
<p>Capacidades Reflexivas (Opinião)</p>	<p>“Eu gostei muito do teatro e foi giro...” (A3 – DBP3)</p> <p>“...gostei muito de fazer brincadeiras bonitas e os jogos foram muito bons e gostei muito de jogar com os meus colegas...” (A3 – DBP3)</p> <p>“Eu fiz uma peça de teatro em que consiste ver o mundo de outra maneira à qual sabemos representar e apresentar bons modos para outras pessoas saberem lidar com as nossas necessidades. Mas também ajuda a subir a autoestima.” (A1 – DBP3)</p> <p>“Foi bom para saber mais sobre a vida real.” (A1 – DBP3)</p> <p>“Foi bom desenvolver aquilo que a gente faz no dia a dia [...] acho importante porque é bom.” (B1 – DBP3)</p> <p>“Foi muito bom e gostei muito das outras vezes que brinquei com os colegas e foi muito giro” (A3 – DBP4)</p> <p>“Senti-me a mexer o corpo.” (A3 – DBP4)</p> <p>“Porque correu bem.” (B3 – DBP4)</p> <p>“Acho que isto é importante para o corpo humano e até a parte das imitações de todos.” (A2 – DBP4)</p> <p>“Eu gostei de todos os jogos que foram realizados hoje na sala da biblioteca da Cercilei onde agora eu pertenço e acho que foi muito interessante, mas temos coisas como jogoterapia pelo menos eu tou mais leve de memória.” (A1 – DBP4)</p> <p>“Os jogos foram muito fáceis, aprendem-se com facilidade [...] Só espero que dure para sempre” (A1 – DBP4)</p> <p>“Gostei porque é bom aprender.” (B1 – DBP4)</p> <p>“Acho que foi importante porque foi bonito.” (B2 – DBP4)</p> <p>“Eu achei que é importante porque faz bem a autoestima e ajuda-nos a melhorar a nossa saúde.” (A1 – DBP5)</p> <p>“Fiz coisas bonitas e gostei muito e foi muito bom” (A3 – DBP5)</p> <p>“Achei que é importante para o corpo e para a mente.” (A2 – DBP5)</p> <p>“Foi importante porque gosto de estar aqui com a Joana.” (B3 – DBP5)</p>

	<p>“Hoje correu bem, foi bonito.” (B2 – DBP5)</p> <p>“Foi importante porque foi nosso, gostei.” (B2 – DBP5)</p> <p>“Foi bom para mim.” (A3 – DBP6)</p> <p>“Correu muito bem.” (B3 – DBP6)</p> <p>“Foi importante estas representações para os movimentos do corpo humano.” (A2 – DBP6)</p> <p>“Os jogos [...] fazem muito bem ajudam a fortalecer a memória e também precisava de ficar com alguns amigos só para eu ficar mais calma e para além de todas as semanas e então espero que isto dure para sempre. Obrigada por estar integrada nesta peça de teatro. Acho que é importante porque ajuda a mudar a nossa atitude perante a vida.” (A1 – DBP6)</p> <p>“Queria continuar a fazer as mímicas.” (A2 – DBP7)</p> <p>“Foi importante e ajuda a passar o tempo porque é divertido.” (B3 – DBP7)</p> <p>“Correu-me bem, foi muito bom.” (A3 – DBP7)</p> <p>“No meu ver este tipo de atividades faz com que isto deveria de continuar na sala da biblioteca da Cercilei.” (A1 – DBP7)</p> <p>“Gostei do teatro, foi bonito, foi um prazer estar aqui a fazer estes espetáculos para os portugueses.” (B2 – DBP7)</p>
--	--